

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia

TRANSFORMAÇÕES DO  
TATU E  
TRANSFORMAÇÕES  
PELO TATU

**Entre tecidos tradicionais, mulheres leste-timorenses  
e conversas com Ofélia**

Andreza Carvalho Ferreira  
Brasília, 2015

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia

Monografia de Graduação

Transformações do *tais* e transformações pelo *tais*  
Entre tecidos *tradicionais*, mulheres leste-timorenses e conversas com Ofélia

**Andreza Carvalho Ferreira**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva (DAN/UNB)

Profa. Dra. Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama (DAN/UNB)

Brasília 2015



Ao tio Sebastião (*in memorian*).

## Agradecimentos

Agradeço de coração a Ofélia, por seu tempo e sua disposição, por sua coragem, por me contar sobre sua vida, sobre o Galpão, sobre a Alola e também por me ouvir. Agradeço também de peito aberto a todas as mulheres que dividiram suas rotinas comigo no *Sentru Suku*, agradeço a Marina, *mana* Domingas, *mana* Martinha, *mana* Delia, *mana* Anin, *mana* Mena, *mana* Linda, *mana* Bendita, *mana* Domingas, *mana* Isa, *mana* Angelina, *mana* Linda, *mana* Balbina, *mana* Maria, *mana* Chica, *mana* Helena, *mana* Mena Alves, *mana* Marina, *maun* Mateus e *maun* Afonso. Agradeço com muito carinho também as meninas da loja da Alola, *mana* Natalya e *mana* Veronica. Agradeço simbolicamente a Betty e a todas as outras mulheres que conversaram comigo em Díli. As timorenses e as *malaes*.

Agradeço Diana, Lucimar, pelas aulas. Mari Carmen e o Patrick, pela hospitalidade e abrigo. A Joana e o Alessandro pelas histórias e dicas. Na incapacidade de citar todos os cooperantes brasileiro em Timor, agradeço a Maria Denise, a Camila Tribess, ao Samuel Penteado. As meninas do grupo de gênero Ethiana, Vanessa e Cláudia. Também a Christiane, a Hilda, Gisele. E ao Igor por ter nos ajudado no dia da queda de moto.

Agradeço a Natália Silveira, a Sarah Almeida e ao Henrique Romanó por estarem lá.

Agradeço ao MEC, pelas bolsas do PET e ao CNPQ pela bolsa de iniciação científica, ambas me ajudaram durante a graduação e agradeço a CAPES pelo bolsa de mobilidade que me proporcionou fazer a pesquisa e escrever esse trabalho.

Agradeço a minha turma de graduação, as ingressantes do 2 vestibular de 2011, especialmente: a Pâmela Souza, Stephanie Matos, a Núbia Barbosa, a Stéfane Cryslaine, Tainá Fernandes e Myrian Rocha, Milena Palmieri, também ao Pedro Rico Wairich, o Cesar Cardoso, o Túlio Martins, o Flávio Jovem Vitorino.

Aos petianas e ex petianas a Noshua Amoras, a Sofia Scartezini, ao Paulo Coutinho, ao Lucas Facó, a Marília Amaral, Maysa Ferreira, Lucas Almeida, Andresa Pereira, Alane Nóbrega, Vinícius Dino e ao Artur Lins. A minha primeira família acadêmica: Bruna Braz e meus caros afilhados Rodolfo Nóbrega e Miguel Filho.

As tardias, porém muito generosas amigas de Gabriela Costa (Gabs) e André Filipe

que iluminaram meus dias e meus pensamentos. As conversas e trocas com Natália Nunez, Maisa Dantas, Jéssica Monique, Gabriela Cunha. As participantes do grupo de estudo Renata Nogueira, ao Carlos Oviedo, ao Alexandre Fernandes. Ao Gustavo Santos, apesar de não nos conhecermos pessoalmente, fez generosas e preciosas indicações de leitura.

Agradeço as tutoras e ex tutoras do pet: professora Analía Soria, professor Fabrício Neves, professor Stefán Klais e professor Tiago Duarte.

As professoras do DAN: professora Andréa Lobo, professora Soraya Fleischer professora Christine Chaves, professora Juliana Braz, professor Carlos Alexandre, professor Carlos Sautchuk, professor Luis Cayon. Também agradeço a Simone Soares, quem fui monitora de IA, no segundo semestre. As professoras do SOL: Maria Stella, Christiane Coelho, Joaze. Agradeço também ao assistência burocrática do DAN: Rosa, o Paulo o Idamar, Jorge e a Laise. Agradeço também todas as outras pessoas que trabalham no ICS.

Agradeço ao professor Daniel Simião pelas dicas em campo e a tutoria dentro do grupo de estudos.

Agradeço a professora Fabiene Gama por entre outras coisas, gentilmente aceitar participar da banca.

Agradeço imensamente a professora Kelly Silva, pelas aulas, pela orientação enquanto monitora, pela orientação enquanto orientanda, pela oportunidade de participar de pesquisas, grupo de estudo e tantas outras atividades.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio financeiro e emocional. Trago sempre comigo a melhor herança que poderia ter, ser filha de Maria Luiza Carvalho e de Luiz Ferreira. Agradeço a toda família Carvalho, principalmente as primas, tias e avó.

Agradeço ao meu amor Raoni Giraldin, por ser como é, por me amar como sou. Por estar do outro lado da linha durante o campo, estar paciente durante a escrita. Por tantas outras coisas, mas principalmente por compartilhar a vida comigo.

Se Latour fosse uma mulher talvez estudássemos uma teoria nomeada atriz trama...

Talvez lêssemos um livro chamado ciência em ação contra o machismo

Talvez citaríamos um livro como jamais fomos não sexistas

Mas se Latour fosse uma mulher leríamos seus textos?

Sua obra estaria em programas de disciplinas?

Conheceríamos suas ideias?

E se quiça Latour

fosse uma

mulher

leste-

timo

ren

se

?

**Resumo:**

O *tais* é reconhecido como tecido *tradicional* em Timor-Leste, importante para a sociabilidade timorense, com relação além de sua materialidade. Dentro desse horizonte, a circulação e a produção do *tais* estavam intrinsecamente vinculados à criação, manutenção e estabelecimento de relações; figurando entre dádivas. Neste cenário a tecelagem era uma atividade que apenas acontecia dentro de um grupo doméstico. Contudo, recentemente o *tais* tem assumido outros sentidos ao mesmo tempo que se transforma em novos processos dentro de práticas manuais. As tecedeiras do *tais*, começam a dividir o protagonismo de suas peças com outras mulheres que entram nos processos de costura, cartonagem, entre outras técnicas. A divisão do trabalho fica mais complexa e é intermediada por coletivos que pleiteiam identidades, tanto para os grupos quanto para os produtos feitos, na medida que estes produtos derivados de *tais* são destinados ao consumo estrangeiro. Este trabalho acompanha um desses grupos, denominado Alola e suas mediações sobre a compra do *tais* e transformação do *tais* em produtos.

Palavras-chave: *Tais*, Timor-Leste, Antropologia Econômica

## Índice

Dedicatória.....	03
Agradecimentos.....	04
Epígrafe.....	06
Resumo.....	07
Índice.....	08
Nota sobre a redação da dissertação.....	10
<b>Considerações Iniciais.....</b>	<b>11</b>
I. Regimes.....	13
II. Rotas e desvios.....	15
III. <i>Tais</i> .....	17
IV. Organização da monografia.....	19
<b>Prólogo.....</b>	<b>21</b>
Tecendo etnografia.....	21
O fio da meada.....	23
Ser <i>malae</i> , ser <i>malae</i> mulher.....	25
Entrando em campo, modo de cena.....	28
Sequências rápidas.....	30
Saindo do modo automático.....	32
Sobre revelações.....	33
Sobre queimar o filme, mas salvar alguns negativos.....	35
Profundidade de campo.....	35
Despedida contínua e Antropologia Cafajeste.....	36
Considerações sobre o prólogo.....	38
<b>Capítulo 1 – Um circuito do <i>tais</i> em Díli.....</b>	<b>39</b>
1.1 Um mercado do <i>tais</i> em Díli.....	40
1.1.2 Uma outra abordagem biográfica.....	44
1.1.3 Etiquetas, um projeto publicitário.....	46
1.1.4 Produto derivado.....	49
1.1.5 As etiquetas e a expectativa de dádiva.....	49
1.1.6 Consumo de produtos derivados de <i>tais</i> .....	51
1.2 As formas do <i>tais</i> em Díli.....	54
1.3.1. Mercado de <i>Tais</i> .....	55
1.3.2 Economia de Bazar.....	58
1.4 O recomeço. Kor Timor.....	61
1.5 Considerações sobre capítulo 1.....	65
<b>Capítulo 2 - Um pouco sobre Ofélia.....</b>	<b>66</b>
2.1 Introdução à escrita do capítulo.....	67

2.2 Meu lugar em campo e Ofélia.....	68
2.3 Um pouco sobre Ofélia.....	72
2.4 Alola, Kirsty e Ofélia.....	81
2.5 Considerações sobre o capítulo 2.....	86
<b>Capítulo 3 - Conhecendo o <i>Sentru Suku Fundasaun Alola</i></b> .....	89
3.1 As trabalhadoras do Galpão.....	90
3.2 Conhecendo o Galpão.....	93
3.3 Dentro do Galpão.....	93
3.4 As mulheres do Galpão.....	98
3.4.2 A alegoria de <i>Esperansa</i> .....	99
3.5.1 Rotinas do Galpão: cada pedaço importa.....	100
3.5.2 Contextualizando as rotinas.....	101
3.5.3 Rotinas comuns do Galpão.....	102
3.5 Costura.....	106
3.6 Tecelagem.....	109
3.7 Tipos de gestão.....	114
3.7.2 Permanentes e por peça.....	116
3.8 Faltas, responsabilidade e trabalho.....	117
3.9 Considerações sobre o capítulo 3.....	120
<b>Capítulo 4 - “Por na balança”, o sistema de pesagem do <i>tais</i></b> .....	121
4.1 A primeira pesagem de <i>tais</i> .....	122
4.2 Peso timorense.....	128
4.3 Sistema de Pesagem.....	129
4.4 O <i>tais</i> de usos e costumes e o <i>tais</i> comercial.....	132
4.5 Outras pesagens de <i>tais</i> .....	135
4.6 A pesagem de <i>tais</i> como uma cena social.....	143
4.7 Considerações sobre o capítulo 4.....	146
<b>Considerações Finais</b> .....	147
Notas.....	149
<b>Glossário</b> .....	150
Lista de siglas.....	154
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	155
Anexo I.....	158
Anexo II.....	159

## Notas sobre a redação desta dissertação

1. A linguagem usada dentro dessa dissertação é construída em termos femininos. Os plurais universais, com poucas exceções relacionadas a trajetória de Ofélia, estão sempre no feminino. As mulheres são orientadas a se sentirem incluídas nas generalizações em gênero masculino, contudo, este trabalho fala sobre mulheres.
2. As citações longas, estão recuadas em 2,5 cm e não estão em fonte 10, como as regras da ABNT sugerem, mas sim em fonte 11.
3. Com intenção de manter um pouco do contexto timorense no texto, algumas palavras não estão grafadas com o português do Brasil e sim com o português do Timor, que é mais próximo do português de Portugal. Para estas e outras palavras, e eventuais dúvidas sobre seus significados, há um pequeno glossário na página 150.
4. Refiro-me as mulheres que tecem o *tais* sempre como “tecedeiras” e não como “tecelãs”. Por em Timor-Leste tecedeira ser a categoria empírica corrente. Mas por também em boa parte da literatura sobre o assunto, tecedeira estar mais relacionada a tecelagem manual, enquanto tecelã parece estar voltar para tecelagem industrial. Por último, é interessante assinalar que no dicionário (MICHAELIS, 2009) tecedeira é mulher que tece pano, enquanto tecelã é feminino de tecelão. Ademais a palavra tecedeira não tem masculino.



## Considerações Iniciais

Em Timor-Leste, a tecelagem aparece como um elemento que rodeia de maneira intensa o universo feminino. Sendo um ícone da cultura material local, tecidos produzidos de forma *tradicional* (categoria empírica), conhecidos como *tais*, fazem-se presentes de maneira contundente nas sociabilidades em diversas cerimônias ao longo da vida de uma leste-timorense, figurando entre as dádivas trocadas nas prestações matrimoniais denominadas, em Díli, *barlake*, além de ocupar lugar importante nos ritos mortuários. Desde a restauração da independência deste país (2002), a produção de *tais* têm ganhado novo fôlego e significado, sendo destinada, entre outras coisas, para consumo estrangeiro.

A restauração da independência ocorreu depois de 24 anos de ocupação indonésia, 430 anos de colonização portuguesa e 30 meses de administração transitória das Nações Unidas (SILVA, 2008). Em 2014 ainda existia o desafio, dentre outros, de edificar uma economia nacional em moldes modernos, qual seja, onde as trocas ocorram hegemonicamente na esfera e regime de mercado. O espaço urbano de Díli estava marcado pela agenda de atrizes, discursos e práticas orientadas pela busca do desenvolvimento.

Essa configuração é produto de um desenvolvimento histórico que começou em 1999 com a ajuda humanitária e depois com a fixação de instituições de agências internacionais com o país. O Estado leste-timorense, juntamente com agências de cooperação internacional, estatais e não estatais, seculares e religiosas atribuem-se a função de promover o desenvolvimento no país. Como Silva (2008) indica, o sistema de cooperação internacional, são táticas de poder, com efeitos estruturantes e, no caso de Timor-Leste, configuram-se como fatos sociais totais diante do desafio administrativo de edificar o Estado, como um fato social total:

Ele está implicado em todas as faces e fases desse empreendimento, condicionando fenômenos tão diversos como a consolidação das línguas nacionais, a definição dos modelos de orçamento adotados pelo Estado, a construção da legislação que define o funcionamento da administração, entre muitos outros exemplos (SILVA, 2008: 144)

Boa parte dos bens ofertados pela cooperação internacional podem ser classificados segundo Silva (2008) como: recursos financeiros, humanos e tecnológicos (página 144). Com intenção de edificar um Estado moderno em Timor-Leste, algumas organizações e pessoas mediam processos.

Como produto deste cenário nasceu a Fundação Alola, fundada em 2001 por Kirsty

Gusmão, primeira-dama em Timor-Leste entre 2002 e 2007. A Alola foi criada a partir da constatação de Kirsty diante da incapacidade de resgatar uma jovem leste-timorense chamada Juliana, porém conhecida como “Alola” raptada em 1999 e levada para Indonésia, por militares indonésios.

Juliana ou Alola até hoje (2015) não voltou para Timor-Leste, mas sua história motivou a formação e organização de uma instituição que propõe-se a ajudar mulheres leste-timorenses em diversos programas. Dentro desses programas há o programa de geração de renda para mulheres, qual em 2006 abriu as portas do *Sentru Suku Fundasaun Alola*.

O *Sentru Suku*, ou Galpão, compra *tais* das mulheres dos distritos, empregando diretamente aproximadamente 20 pessoas no ano de 2014 e é administrado por Ofélia. O trabalho do Galpão e de Ofélia, foram e são fundamentais para muitas mulheres, além de serem vitais para compreender as transformações sofridas pelo *tais*.

Ao logo deste trabalho acompanho algumas transformações protagonizadas pelo *tais* em sua adequação para circular no regime de mercado. Essas transformações se fazem presentes em todas as fases da vida social do *tais*, de modo que o mesmo tem adquirido outros sentidos ao mesmo tempo que transforma-se em novos processos dentro de práticas manuais. Estes fenômenos podem ser abordados como episódios relacionados às tensões que estruturam os “Processos de invenção, transposição e subversão da modernidade em Timor-Leste”, linha de pesquisa coordenada por minha orientadora para a qual esta monografia pretende apresentar algumas contribuições.

Inspiro-me na forma aproximativa como Silva aborda a problemática da **modernidade**: “...como uma categoria analítica polissêmica e indicativa, que evoca expectativas relacionadas a figurações sociológicas e morais orientadas por igualitarismo, individualismo, secularismo, racionalização e industrialização...” (2014a: 124). Porém, Silva alerta que a vida social destas figurações “...está sempre condicionada a múltiplas mediações e apropriações, nunca se realizando plenamente...” (2014a: 124). Silva cita como referência para esta abordagem trabalhos de Dumont e Latour.

Diante desta problemática, as personagens, situações e cenários a partir dos quais construo ou teço este texto participam do enredo de transposição da modernidade no Timor-Leste pós-colonial, ora de maneira mais ativa, ora de modo mais passivo. Em diferentes partes do mundo, a instauração de projetos de modernização caminhou passo a passo com a

instauração de novos modos de produção de objetos e reprodução de pessoas. Objetos transfiguraram-se em mercadorias e as pessoas em trabalhadores. Processos desta ordem são efeitos de fenômenos complexos, dos quais tomaram parte múltiplas instituições: Estados nacionais, instituições que se autodenominam religiosas, etc. Em Timor-Leste vemos implementar-se um enredo similar.

O processo de transposição da modernidade implica a comodificação de várias coisas que antes não circulavam como mercadoria; circulavam como bens de outra natureza. O *tais* é um ótimo exemplo para entender este processo, principalmente porque a transposição da modernidade também implica em construção de mercado.

## **I. Regimes**

Silva (2015:6) descreve regimes de troca (no plural) como categorias analíticas construídas para “... dar sentido às diversas regras, expectativas e efeitos por meio dos quais pessoas e coletivos sociais transacionam bens, direitos sobre pessoas ou sinais de reconhecimento” (Página 6). As trocas realizadas através dos regimes são a base da sociabilidade.

Os esforços epistemológicos empreendidos para compreensão de tais fenômenos têm permitido a construção de três tipos ideais de regimes de troca: o escambo, o mercado (commodity) e a dádiva. Cada um desses regimes é frequentemente associado a esferas de troca específicas. (SILVA, 2015: 6)

É interessante perceber que cada regime reúne um conjunto de ansiedades, muito visível quando pensamos na circulação de objetos e na relação das pessoas durante a transação. Já as esferas de troca podem ser entendidas a partir de Kopytoff: “... o mundo natural das coisas singulares deve ser organizado em diversas classes de valor manipuláveis – ou seja, coisas diferentes têm que ser selecionadas e cognitivamente assemelhadas entre si ...” (2008: 98) quando essas coisas são colocadas em cada categoria.

Kopytoff afirma que todas as sociedades têm esferas de troca, mas em algumas o fenômeno é mais visível que em outras (2008: 98). Além de atentar para o fato de que as esferas de troca funcionam com certa independência uma das outras. Para ilustrar cita Bohanna e dá o exemplo dos Tiv da Nigéria, quais tinham três esferas bem delimitadas: a primeira esfera com itens de subsistência, a segunda esfera com itens de prestígio e a terceira

esfera dos direitos- na-forma-de-pessoas (2008:98)

No caso dos Tiv, cada esfera representava um universo distinto de valor de troca, “os itens de cada esfera eram trocáveis entre si e cada esfera era governada por sua própria espécie de moralidade” (KOPYTOFF, 2008: 98). Além de que, para os Tiv, havia uma hierarquia entre as esferas. Lembrando que esferas e regimes, são construções feitas pela antropóloga e não são denominados desta forma quando o referencial é o ponto de vista nativo.

O regime de dádiva pode ser, grosso modo, entendido como o regime de troca de presentes. Mauss (2003), descreve e analisa as relações mediadas pela dádiva em três obrigações, dar, receber e retribuir. Silva resume brevemente o regime de dádiva como o regime no qual as pessoas usam as coisas como apoio para formar relações de longa duração:

Muito resumidamente, o regime de dádiva pode ser descrito como aquele em que, por meio do intercâmbio bens, palavras e gestos, as pessoas negociam relações que estão fora do ato da transação (Strathern, 1992). Nesse regime, pessoas e coisas são tratadas como pessoas, sendo os objetos de valor suportes para produzir e reproduzir relações de longo prazo. As partes envolvidas nas trocas são mutuamente dependentes e figuram uma diante das outras de forma assimétrica (Gregory 1982). O dom é frequentemente visto como obrigatório. (SILVA, 2015: 6)

Segundo Humphrey & Hugh-Jones (1992), o regime de escambo costuma ser mal interpretado, por não ter sido objeto de análises profundas, por isso as autoras não fazem observações deste regime com definição fechada ou exclusiva. Porém, no escambo os objetos trocados tendem a ter demandas específicas.

Como no exemplo que abre o texto de Humphrey & Hugh-Jones, qual um negociante romeno de arte primitiva tenta adquirir uma escultura, porém, o dono da mesma não aceita nenhuma quantia de dinheiro oferecido pelo negociante e apenas tem interesse em ceder a escultura por um par de bois. Silva analisa o regime de escambo como:

No regime de escambo, por sua vez, os bens trocados são mais importantes que as relações entre as pessoas envolvidas na transação dos mesmos. Tal regime é marcado pela tentativa das pessoas acessarem outros objetos de consumo distintos daqueles que elas detêm ou produzem. Nesse regime as partes envolvidas na troca estão mais

frequentemente em uma posição simétrica entre si e o valor de bens trocados é definido contextualmente. A troca não é obrigatória e as relações entre as pessoas são instáveis e pouco frequentes. No entanto, relações de confiança e crédito entre as partes que trocam são importantes no regime de escambo. (SILVA, 2015: 06)

É necessário ter cuidado para não confundir os regimes de dádiva e escambo, as diferenças são claras quando se observa as relações e o interesse nas relações das pessoas nos agentes que relacionam as trocas. Silva também resume o regime de mercado e o compara com outros:

Finalmente, grande independência entre os atores envolvidos nas operações de troca e a presença de moeda como um meio de quantificar o valor são as principais características do regime de mercado (commodity). Em comparação com o regime de dádiva, em operações informadas pelo regime de mercado as relações entre as pessoas são experimentadas como relações entre coisas. Vale a pena notar que estes regimes coexistem na dinâmica social e são mobilizados de acordo com fins específicos, mesmo na ausência de todas as variáveis associadas a cada um deles (Thomas 1991). Desenvolvimentos contemporâneos na teoria antropológica têm demonstrado que algumas operações podem começar orientadas pelo regime de mercado e ser transformadas em trocas de dádivas, como Valeri (1994) demonstra ser característico das trocas matrimoniais em Seram, por exemplo. (SILVA, 2015: 06)

Silva coloca em destaque o trabalho de Appadurai (1986), segundo o qual os objetos podem circular em diferentes regimes de troca durante sua vida social (SILVA, 2015: 06). Appadurai justifica que as mercadorias, assim como as pessoas, têm uma vida social (2008: 15). Por isso “objetos econômicos circulam em diferentes *regimes de valor* no tempo e no espaço” (APPADURAI, 2008: 16).

Abordei o conceito de regime para que fique mais claro para a leitura os deslocamentos do *tais* dentro de sua vida social. E logo mais abordarei os conceitos de rotas e desvios, para inscrever melhor o *tais* como um objeto que tem uma vida social, ou seja, um objeto que tem rotas e desvios.

## **II. Rotas e desvios**

A construção do Estado-Nação em Timor-Leste tem implicado a construção de uma

economia de mercado. Evento que pode ser observado a partir da vida social do tecido definido por categoria empírica como tradicional e chamado de *tais*. No contexto leste-timorense recursos e bens que tinham suas rotas socialmente reguladas dentro do regime de dádiva passam por desvios politicamente motivados para o regime de mercado.

Para Appadurai “... o fluxo de mercadorias, em qualquer situação determinada, é um acordo oscilante entre rotas socialmente reguladas e desvios competitivamente motivados” (2008: 31). As mudanças nos fluxos das coisas não limitam-se apenas à circulação de bens, mas também são abrangidos para desvios de mobilização da força produtiva das pessoas.

Em boa parte desta monografia, quando refiro-me ao *tais* uso a palavra “produto” ou “produto derivado”, acentuando o *tais* como resultado da produção (independente se para o regime de dádiva ou para o regime de mercado). Não o observo diretamente como mercadoria, porque a definição de mercadoria é passageira “pode-se definir mercadorias, ainda que de um modo provisório, como objetos de valor econômico” (APPADURAI, 2008: 15).

Enquanto o *tais* é e sempre será um produto da tecelagem independente da seu regime de troca e não apenas uma fase, como a mercadoria. É interessante perceber que a construção da proposta de mercadoria é voltada para o regime de mercado e apesar de enfatizar trocas dentro desse regime, Appadurai não se dedica muito a publicidade.

Appadurai faz breves comentários que parecem naturalizar a mercadoria em relação à publicidade, como se a propaganda não construísse a mercadoria e sim transformasse o consumidor:

As imagens de sociabilidade (pertencimento, apelo sexual, poder, distinção, saúde, intimidade familiar, camaradagem) que subjazem a grande parte da propaganda visam à transformação do consumidor a tal ponto que a mercadoria particular que está sendo vendida fica em segundo plano. Essa dupla inversão das relações entre pessoas e coisas poderia ser vista como um movimento crucial do capitalismo avançado (2008: 77).

Porém, mesmo no capitalismo avançado, só é possível existir (se é que existe), essa inversão de pessoas e coisas pela propaganda, se a mercadoria em questão já for reconhecida como mercadoria. O que vai de encontro com a função nominal da publicidade que, muitas vezes é de apresentar o produto como uma mercadoria.

Rocha (2011) observa que durante o consumo objetos e pessoas se nomeiam e se

definem reciprocamente. Ainda ressalta que sem a publicidade o produto pode ficar calado; de alguma forma a publicidade que comunica e instaura a condição de mercadoria ao objeto. Ideia que pode ser estranhada com a posição de Appadurai que sugere que a troca econômica cria o valor da mercadoria.

Porém, a mercadoria pode ser trocada ou não, ou melhor: a mercadoria pode ser comprada ou não comprada. Enquanto a publicidade sempre é efetiva, sempre é consumida. Por exemplo, você pode entrar em contato com a publicidade do *tais* e consumir a informação daquele anúncio mesmo sem adquirir o produto.

A mercadoria também deve sua identidade à publicidade. Sem informações sobre um objeto, é difícil entender como ele é circulado, é complicado saber em quais regimes ele circula. É pouco provável conhecer seu preço. Enquanto a ideia de produto é oriunda da produção e parece mais estável que a ideia de mercadoria.

A produção é uma palavra dinâmica e potencializadora. Pode-se pensar em produto em relação a produção de objetos, produto em relação a produção de relações, produto em relação a produção de publicidade e produto em relação a produção de mercadorias. Produto enquanto conceito e palavra polissêmica pode denominar os objetos em várias etapas de sua vida.

### III. *Tais*

O *tais* é caracterizado por ser produzido manualmente por mulheres de vários grupos locais em Timor-Leste. Apesar de em alguns países os homens serem os responsáveis pela atividade de tecer, no Sudeste Asiático e também na tradição ocidental, a mulher é a responsável pela tecelagem (SCHOUTEN, 2011: 244). Maria Johanna Schouten analisou e descreve a produção de panos no Sudeste Asiático como atividade muito valorizada e ao mesmo tempo com conotações metafóricas.

O contexto de produção de *tais* analisado por Schouten é o contraponto para entender a transposição da modernidade no caso da produção e circulação desses tecidos em Díli contemporaneamente. “os Iban (...) tratam a fabricação de panos como uma metáfora da gestação de filhos” (SCHOUTEN, 2011: 254). Para os Lio das Flores o papel como produtora de panos seria mais valorizado que o papel de mãe. Quando Schouten faz um recorte sobre o Sudeste Asiático ela está se limitando às regiões da Malásia, Indonésia e Timor-Leste. Embora Schouten não se refira diretamente ao *tais*, é um texto interessante para entender algumas dinâmicas indígenas de produção de tecidos da região próxima à Timor.

Com relação além de sua materialidade, o *tais*, dentro de contexto rituais é demasiadamente importante para a sociabilidade timorense. Neste sentido Schouten demonstra brevemente que a tecelagem teria um caráter sagrado. Técnica que seria conhecida por parte das mulheres, Schouten pontua que não seria qualquer mulher que poderia tecer ou tingir (as linhas), porém, não é detalhado exatamente quais poderiam ou não poderiam, “também certos lugares, grupos e períodos estão excluídos do processo” (SCHOUTEN, 2011: 251)

Um claro contraponto sobre o fato de no regime de dádiva a tecelagem estar restrita apenas a algumas mulheres, é o fato de que no regime de mercado as tecedeiras do *tais*, começam a dividir o protagonismo de suas peças com outras mulheres que entram nos processos de costura, cartonagem, entre outras técnicas. A divisão do trabalho fica mais complexa e é intermediada por coletivos que pleiteiam identidades, tanto para os grupos quanto para os produtos feitos.

A tecelagem no Sudeste Asiático seria uma técnica dominada por famílias: “o apoio sobrenatural é fundamental. Deuses ou antepassados transmitem as técnicas e os desenhos - especialmente os mais complexos - através de sonhos ou revelações às mulheres com «almas fortes»” (SCHOUTEN, 2011: 251). No caso específico do Timor-Leste, podemos pensar nos ancestrais e nas casas de origem das pessoas, como principais agentes de transferência de técnicas. Os padrões também são passados entre a família. De mãe pra filha e ficam em segredo.

Um bom exemplo dessa desigualdade de conhecimento de técnicas em Timor, é que em Oecusse, um distrito leste-timorense, os grupos que fazem o *Beti Bose*, (que é uma técnica em que são tecidas três tiras de *tais* e depois costuram-se as três para formar o *tais beti bose*), são interditos de fazer o *futus*, (que é uma técnica de tingimento das linhas antes ou durante a tecelagem, parecida com *tie dye*), pois cada técnica que cada grupo domina é *lulik* (*lulik* pode ser traduzido como sagrado). Neste cenário a tecelagem era uma atividade que apenas acontecia dentro de um grupo doméstico e por poucas mulheres.

As novas formas adquiridas pelo *tais* em Díli são reflexo da influência estrangeira para liderar programas de empoderamento das mulheres. Este empoderamento não é apenas financeiro, afinal além do dinheiro que as mulheres mobilizadas adquirem, na dinâmica de produção contemporânea dos *tais* elas parecem adquirir uma percepção de igualdade por não serem hierarquizadas dentro do espaço de trabalho, fatos que são orientados pela ideia de igualdade, em contraste ao regime de dádiva, qual as tecedeiras tinham *status* igual ao dos



guerreiros (como pontua Schouten). A seguir, no prólogo, discuto uma gafe minha em campo, na qual é possível perceber o pleito das mulheres por igualdade.

Resumindo, no universo da tecelagem do *tais* apenas para circular como dádiva, nem todas as mulheres teriam acesso as técnicas de tecelagem. Entretanto, o *tais* foi mobilizado para o desenvolvimento das mulheres de Timor-Leste, o que permite que mulheres interditas da tecelagem possam entrar no processo produtivo para outras atividades como costura. É interessante perceber que a criação de produtos feitos de tecido é um jeito de aproximar da produção de objetos com *tais*, as mulheres que não poderiam tecer o *tais*. É importante apontar que as transformações do *tais* implicam transformações pelo *tais*.

Além de mobilizar mais mulheres dentro da produção do *tais*, o *tais* dentro do regime de mercado gera estímulo de consumo do tecido tradicional entre as não-timorenses, quais têm seu acesso principal mediado pela compra direta das peças, como pessoas que estão fora das redes locais de reciprocidade. Neste cenário, o *tais* é adequado às demandas do mercado, na construção de um mercado estrangeiro que também abrange de alguma forma a construção de um mercado turístico. Nesse sentido o trabalho dos coletivos é vital para mediar as expectativas entre a produção e o consumo do *tais*.

#### **IV. Organização da monografia**

De setembro a dezembro de 2014, estive em Díli, capital de Timor-Leste, com auxílio do projeto de mobilidade acadêmica junto a Universidade de Timor Lorosa'e (UNTL) financiado pelo edital CAPES/AULP e coordenado pela professora Kelly Silva. Durante este período visitei e pesquisei locais vitais para entender as novas circulações do *tais*, além de fazer campo no *Sentru Suku Fundasaun Alola*.

Cheguei em Timor com intenção de estudar as tecedeiras do *tais*. No primeiro capítulo descrevo como foi minha busca por estas mulheres em Díli. Como ao identificar produtos feitos de *tais* eu comecei procurar sua origem. Ao mesmo tempo que percebia que seus formatos eram diferentes dos quais eu esperava. O *tais* estava em bolsas, cadernos e diversos produtos. Várias lojas vendiam estes produtos que costumavam conter uma etiqueta indicando sua produção. Neste capítulo discuto o consumo e a publicidade feita para aqueles produtos de *tais* através de etiquetas.

No segundo capítulo descrevo um pouco a trajetória de Ofélia, minha interlocutora mais próxima e mediadora importante dos processos quais produzi informações analisadas

nesta monografia. Tenho receio de dizer que escrevemos juntas, afinal ela não leu o que escrevi, nem deu sugestões ou escreveu algo diretamente. Porém, sem me referir a ela, ou dizer o que ela disse, pouco eu teria a dizer. Apesar da minha incapacidade de reproduzir fielmente suas falas, sei que sua voz foi muito importante. A trajetória de Ofélia é interessante para perceber sua posição de mediadora dentro de um processo maior de transformações e também como sua vida confunde-se com a história recente de Timor-Leste.

Mais habituada com a vida em Timor-Leste, no terceiro capítulo descrevo e analiso as rotinas do cotidiano do *Sentru Suku Fundasaun Alola*. Descrevo as atividades realizadas pelas mulheres que lá trabalham, como costura e tecelagem e um pouco sobre as rotinas que se desenvolvem. Este capítulo está voltado para a produção de produtos feitos de *tais*, produção de *tais* em formatos de *salendas* e a produção de trabalhadoras. Destaco também algumas tensões nas relações e compromissos das trabalhadoras do *Sentru Suku* com seu trabalho e família, as quais de abordo características dos dramas relacionados à construção de capacidades (SILVA 2012) que marcam transposição da modernidade a Timor-Leste.

No quarto capítulo analiso a compra do *tais*, realizada pelo *Sentru Suku Fundasaun Alola*. Compra que beneficia grupos de mulheres e mulheres que vivem nos distritos de Timor-Leste, entendendo os distritos como lugares fora de Díli, capital do país. A compra do *tais* é vital para o funcionamento de todo o *Sentru Suku*, igualmente vital para a geração de renda para mulheres do distrito; além de ser um evento peculiar com situações interessantes para serem analisadas pela antropologia econômica. A compra é feita pelo sistema de pesagem, processo que pude observar enquanto estava em campo.

Toda esta monografia discute transformações do *tais* em Díli contemporânea; transformações que também se refletem nas formas materiais que ele tem adquirido (brincos, bolsas) em oposição as sua forma tradicional, quando era apenas um tecido grande para rituais locais. As transformações se estendem à sua forma de produção, que não se limita mais a certas mulheres dentro do grupo doméstico e agora se estende a diversas mulheres em várias etapas da produção. Transformações que também afetam sua circulação, que não está mais vinculada apenas a trocas entre leste-timorenses e ao regime de dádiva; e hoje o tecido pode ser acessado por estrangeiras pelo regime de mercado. Enfim, descrevo e analiso transformações do *tais* e transformações pelo *tais*.

## **Prólogo**

### **Antropologia, fotografia e tecelagem**

#### **Tecendo etnografia**

No entrelaçamento de fios para a confecção de um tecido, os fios verticais que são mais estáveis compõem o urdume, enquanto os fios horizontais, que são mais permutáveis, fazem parte da trama. O urdume tem seus fios paralelamente estáticos, enquanto a trama tem algumas possibilidades de disposição, entrelaçando-se por cima ou por baixo do urdume.

Normalmente o que diferencia as categorias dos tecidos, ou seja, o que define o que resultará do processo é a disposição da trama. As diferentes relações da trama com o urdume geram entrelaçados que são entendidos como diferentes tipos de tecidos. Explicando melhor, o que diferencia a sarja do cetim, ou do tafetá é a disposição da trama na estrutura dos fios. Tanto a sarja, o cetim ou tafetá têm estruturas formadas por trama e urdume; e todos são tecidos, o que muda de um para o outro é a tecelagem.

A relação do urdume com a trama, pode ser explorada em algumas alegorias, uma poderia ser em se pensar no urdume como o papel e na trama como a caneta, para a tecitura de um texto. Todavia vou explorar a analogia de que os fios que formam o urdume podem ser observados como linhas do primeiro campo e os fios que formam a trama podem ser observados como linhas do segundo campo na tecitura da etnografia.

Minhas aproximações da tecelagem e da antropologia surgem de uma ansiedade de espelhar algumas práticas, para que as leitoras que tenham mais afinidade com a tecelagem entendam um pouco sobre a antropologia e para as leitoras que têm mais afinidade com a antropologia entendam um pouco sobre a tecelagem. Os dois processos são muito mais densos e complexos do que vou apresentar.

A prática da etnografia sempre ocorreu em dois lugares, como analisa Marilyn Strathern “tanto naquilo que, já há um século, chamamos tradicionalmente de "campo" como no gabinete, na escrivaninha ou no próprio colo” (2014: 345). Ao terminar o bacharelado em antropologia a minha prática etnográfica também ocorreu em dois lugares: o primeiro, a pesquisa de campo, de setembro a dezembro de 2014, em Timor-Leste, e o segundo, da escrita com o computador, de janeiro a agosto de 2015, no Brasil.

Dois lugares com ritmos bem diferentes, porém, igualmente intensos. Enquanto em

Timor eu fazia aulas de tétum, frequentava a UNTL, além de fazer o campo, no Brasil eu tinha que cursar as matérias que faltavam para integralizar o curso, além de estudar para as mesmas ao mesmo tempo que escrevia a monografia. O que eu vivi ambigualmente entre frustração e alívio, por não poder me dedicar exclusivamente nem a pesquisa, nem a escrita.

Como é realçado por Strathern o momento etnográfico é um momento de imersão total e parcial ao mesmo tempo: “considero relevante que o momento etnográfico seja um momento de imersão; mas é um momento de imersão ao mesmo tempo total e parcial, uma atividade totalizante que não é a única em que a pessoa está envolvida.” (STRATHERN, 2014: 345).

Marilyn Strathern ressalta que um dos elementos que torna o trabalho de campo desafiador “é ele ser realizado tendo em mente uma atividade muito diferente: a escrita” (STRATHERN, 2014: 345). Pois a escrita acaba sendo muito mais do que o ato de escrever em si, é necessário estudar e recriar o que foi visto e vivido.

E o fato de o estudo que se segue acabar sendo muito mais do que uma questão de escrevê-lo o torna igualmente desafiador - pois, como descobre o pesquisador, a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo. Enquanto um aspirante a autor constata que sua descrição vai se abarrotando de palavras de outros autores, de volta para casa o(a) pesquisador(a) de campo vê seus companheiros se sentarem lado a lado com uma sociedade de pessoas inteiramente outra. Ao mesmo tempo, as ideias e as narrativas que conferiam sentido à experiência de campo cotidiana têm de ser rearranjadas para fazer sentido no contexto dos argumentos e das análises dirigidos a outro público. Em vez de ser uma atividade derivada ou residual, como se pode pensar de um relatório ou reportagem, a escrita etnográfica cria um segundo campo. (STRATHERN, 2014: 345 - 46)

É muito interessante e pertinente trabalhar com a ideia de um segundo campo. Principalmente porque como é dito por Strathern, a escrita não é uma atividade derivada ou residual. A dedicação para escrita pode ser tão imersiva quanto o primeiro campo; repleta de estímulos e de vozes.

Durante a tecelagem, a trama pode ser observada em relação ao urdume e a trama também pode ser observada em relação à própria trama. A cada fileira completa, outro

entrelaçamento é feito para realização do tecido. Com a etnografia não é muito diferente, o segundo campo pode ser observado em relação ao primeiro campo, o segundo campo pode ser observado em relação a própria escrita e etc.

Neste tecido etnográfico pelo qual meu trabalho toma forma, os fios do urdume, ou seja o primeiro campo, eram fios de algodão leste-timorense. Ora de linha natural, ora de linha sintética. Os fios foram fiados e enrolados durante idas e vindas à *Alola Esperansa*. Eu, como voluntária desta ONG, ia todos os dias para seu Galpão.

Enquanto a trama é composta de linhas de pesquisa, sendo sua principal a linha de processos de invenção, transposição e subversão da modernidade em Timor-Leste, linha fiada no LEG dentro da UnB, artesanalmente. Linhas coloridas e que foram enroladas por muitas pessoas dentro do grupo de estudos.

Entre as tramas você encontrará alguns bordados, como “bordados ingleses”, mas também há rendas, rendas brasileiras, rendas francesas e aviamentos sobre promoção de geração de renda para as mulheres leste-timorense. O forro é feito de antropologia econômica e o viés é misto de consumo, produção, dádiva e mercado.

Interdita de tecer e de aprender as técnicas para a feitura um *tais*, tecido sagrado para as pessoas que conheci em campo, teço esta etnografia como fruto e produto do trabalho mais manual que realizei. Mas peço que não compare meu trabalho com o trabalho de uma tecedeira, ela fará artefatos mais bonitos e mais bem acabados.

Assim como o *tais*, minha etnografia foi feita pra ganhar circulação. Você pode cortá-la, pode costurá-la, você pode achá-la feia e também pode vesti-la. Porém, minha etnografia nunca será tão nobre quanto um *tais* de Oecusse, tão vibrante quanto um *tais* de Los Palos, tão harmoniosa quanto um *tais* Marobo, enfim tão, rica quanto a diversidade de tecidos leste-timorenses.

### **O fio da meada**

Muitas pessoas me perguntam como eu cheguei no tema de tecelagem do *tais*, um tecido reconhecido como tradicional em Timor-Leste. Curiosamente, tudo começou alguns meses antes de eu pegar a matéria de seminário, no começo de 2014. Quando a Renata, que já participava do grupo de estudos e pesquisas sobre Timor-Leste e dinâmicas sociais contemporâneas, abrigado no LEG, recomendou-me a leitura de um texto sobre tecedeiras e guerreiros no sudeste asiático.

Alguns meses depois, quando surgiu a oportunidade de participar do grupo de alunas que iria para Timor-Leste, não tive dúvidas sobre o recorte que instigava-me e lembrei-me imediatamente do texto indicado pela Renata. Foram incrivelmente sincrônicos: a oportunidade de ir para Timor, o interesse em tecelagem e realização das matérias de seminário.

Preparei-me durante boa parte do primeiro semestre de 2014, para ir à Díli. Fiz aulas de tétum, lia textos sobre Timor, lia textos de metodologia. Além do planejamento para a volta de campo, qual eu deveria tentar fazer alguma matéria no verão, para compensar o semestre de pesquisa e no 1º semestre de 2015, deveria analisar os dados coletados e escrever.

Também tinha que planejar meu tempo no Timor, porque além da pesquisa, estava indo para Díli por uma mobilidade acadêmica. Se o meu amigo André não tivesse ido à Cabo Verde pelo mesmo edital, creio que não acreditaria que era realmente possível; eu uma pessoa da periferia de Brasília, cruzar o mundo atrás de uma pesquisa.

Fomos para Timor em um grupo formado por 5 pessoas, 1 professor, o Daniel e 4 alunas, Natália, Henrique, Sarah e eu. Todas tínhamos agendas de pesquisa próprias; a do Daniel era sobre resolução de conflitos, a da Natália era sobre saúde materna, a do Henrique era sobre sistema de justiça, a da Sarah era sobre as expectativas das jovens sobre casamento e a minha era sobre a tecelagem do *tais*.

Principalmente nos primeiros dias da viagem e em Díli, eu tive dificuldade de diferenciar o “eu” do “nós” nas impressões e coisas que escrevia no meu diário. Pois estávamos conhecendo Díli em grupo, guiados pelo Daniel. Conversávamos sobre nossas impressões e parte das observações era construída coletivamente. Ressalto este aspecto porque elas estão de alguma forma presentes ao continuo compartilhar de conclusões, planos, fracassos e dificuldades ao decorrer da pesquisa e da viagem.

A medida que fui me tornando mais autônoma e conseguia diferenciar melhor as minhas impressões das impressões das colegas brasileiras, encontrei as impressões de outras pessoas que conheci em Díli. Como Ofélia, que me guiou pela Alola e pelo Galpão. Como as da Kelly, que orientou-me tanto em campo, quanto durante a pesquisa completa. Trago aqui uma ânsia sobre a autoria, pois apenas posso escrever por mim neste trabalho, entretanto sem querer negar ou simplesmente impor a autoria de outras pessoas, gostaria de deixar registrado que aqui há diversas vozes neste texto, embora a minha seja a que remate o texto.

### **Ser *malae*, ser *malae* mulher**

A única cidade que conheci em Timor-Leste foi Díli. Passei todo o período de campo na mesma cidade. Eu gostaria de ter conhecido outras cidades do país, entretanto, devido a intensidade do campo, eu não me sentia a vontade para sair da rotina da pesquisa. Assim, eu gostaria de deixar claro que todas as observações que faço são a partir de Díli.

Apesar de também achar importante ressaltar que Díli, assim como diversas cidades, tem vários bairros e cada um tem sua particularidade. Frequentei efetivamente dois bairros bem distintos; o primeiro Vila Verde, região mais universitária, próxima ao campus da FASPOL e o segundo *Taibese*, bairro mais periférico, região onde se localizava a Alola.

Nas minhas circulações em Díli, as timorenses nunca me perguntavam se eu era *malae*, mas o contrário: elas afirmavam que eu era *malae*. “Você é portuguesa?”, “Fala *basaha*?”, “*Malae!*”. A todo instante eu era estigmatizada como “*malae*”, palavra que pode ser traduzida do tétum como “estrangeira”.

Minha condição de *malae* não branca parecia despertar curiosidade; algumas vezes paravam-me na rua apenas para perguntar sobre minha nacionalidade. Às vezes não me paravam, mas gritavam “*Malae*”. Por onde eu passava eu ouvia “.. *Malae*..”. Não sabia se era um xingamento, ou o que era.

Aos poucos coube a mim internalizar que eu era *malae*. E que poderiam sim estar falando de mim, do meu cabelo, da minha roupa ou da outra *malae* que estava passando perto de mim. Era uma condição inerente ao meu corpo e eu não poderia fazer nada sobre isso. Por mais que me incomodasse eu não entendia muito bem o que isto exprimia.

Então aos poucos fui tentando perceber o que na minha prática cotidiana significava ser *malae*. Minha fala *malae* não conseguia aprender tétum, pois as pessoas queriam treinar seu inglês comigo, apesar de eu falar muito mal inglês. Eu também tinha a impressão que esperavam que eu, por ser *malae*, tivesse muito dinheiro.

Assim, se eu fosse a uma loja qual estivesse uma cliente timorense dentro, quando a vendedora me via, ignorava completamente a cliente timorense e prontamente iria me atender, por mais que eu insistisse que ela poderia atender a cliente que chegou primeiro. Por essas e outras situações eu entendi, a princípio, que ser *malae* era ter privilégios em certos contextos.

Alguns privilégios de atendimento, como ser atendido em inglês, ser atendido com prontidão. Também ter privilégios de circulação por áreas nobres da cidade, como poder

entrar e sair dos hotéis e lojas sem ser questionada, entre outras coisas. E eu achava muito estranho possuir todos esses privilégios, pois não os tenho no Brasil.

Porém, pareciam-me apenas privilégios nas partes da cidade gerenciadas por *malaes*. Aos poucos eu comecei a contemplar o fato de que as *malaes* apenas tinham privilégios nos lugares internacionais (lojas, restaurantes e afins), enquanto não tinham acesso ou não eram benquistas em espaços timorenses (*mikrolets*, restaurantes e afins), o que me fazia pensar que talvez isso refletisse uma situação quase proporcionalmente inversa.

Eu não conhecia o arquétipo de *malae*, não identificava-me com o estereótipo de *malae* e não tinha como deixar de ser *malae*. Todavia, sempre que possível, eu frisava que era uma estudante brasileira, bolsista ou *bolseira*, que pelas minhas condições individuais e da minha família nunca teria dinheiro para estar ali. Que no Brasil eu morava em uma cidade pobre e que não tinha uma vida luxuosa, nem no Brasil nem em Timor.

Eu não conseguia pensar nas *malaes* como um grupo coeso, nem nas timorenses como um grupo homogêneo. Pois as *malaes*, assim como as timorenses eram muitas e múltiplas. Diversas vezes eu me via um pouco intrigada com a minha “malaedade”, porque não conseguia achar nenhuma semelhança entre mim e uma australiana, portuguesa e etc.

Se por alguma razão eu ficasse brava com alguma *malae*, ao ver uma estrangeira distratando uma funcionária timorense, por exemplo, isso não me fazia menos *malae*, apenas me fazia uma *malae* brava com outra *malae*. A categoria *malae* é uma categoria nativa, qual eu não consigo traduzir, apenas conseguia perceber que quem reconhecia-me como *malae* era timorense.

Por muito tempo eu não sentia empatia pelas *malaes*, eu pensava que estas diferenciações tão marcadas entre *malaes* e timorenses poderiam ser reflexos de questões de desigualdade social, abuso de poder e outras coisas que traziam tanta hostilidade nessa relação. Todavia, percebi com o tempo que existiam e existem timorenses que podem ser “confundidas” com *malaes* e que eram discriminados como *malae*, entre outras coisas.

Aos poucos eu fui refletindo que *malae* poderia ser entendido como: a não reconhecida como timorense; e não como simplesmente a estrangeira. O que poderia causar e causava muito sofrimento para as timorenses que eram identificadas como *malae*. Poderia ser mais uma categoria sobre condição de não reconhecimento do que de reconhecimento.

Não tive capacidade de entender mais fundo a questão, nem perceber melhor essas dinâmicas em Díli, mas achei importante deixar registradas essas impressões para que durante



a leitura não seja esquecido que a minha situação em Díli era completamente enviesada. Todas as anotações e reflexões deste trabalho são *malaes*. Embora de uma *malaes* que fez bacharelado em antropologia, mas ainda sim uma *malaes*.

Ser *malaes* tinha mais implicações, era estar longe da rede da minha rede de parentesco e enquanto mulher e *malaes*, isso era um grande problema para se transitar sem receio de assédio em diversos níveis pela cidade. Aliás, todas as mulheres brasileiras que conheci em Díli me deram dicas sobre como **não** reagir em caso de assédio por parte de um homem. As dicas se resumiam em: ficar calma e não reagir.

Eu sentia dois tipos de assédio em Díli: um por ser *malaes*, então eu era aborda para me pedirem dinheiro, qual crianças seguiam-me pedindo “*dolar ida*” (um dólar), ou por ambulantes que insistiam demasiadamente que eu comprasse algo e que se mostravam muito aborrecidos se eu não fizesse a compra.

Ou por ser *malaes* mulher, qual homens não *malaes* dirigiam-me barulhos estalados com a boca, tentavam passar e (para minha efetiva desgraça) passaram a mão no meu corpo, fatos cotidianos que tinham como cenário lugares movimentados, como o mercado, o shopping e seguiram-me pelas ruas. Digo, por ser *malaes* mulher e não apenas por ser mulher, porque não sei se esse tipo de assédio (desta forma) estende-se as timorenses também.

Infelizmente acho difícil pensar que as timorenses não eram assediadas. Mas não posso afirmar o que não sei. Também não sei qual era a conduta dos *malaes* homens em relação as mulheres timorenses. Porém os *malaes* homens que conheci estavam cientes da situação de assédio com as *malaes* nas ruas e também davam dicas sobre onde não ir, sobre evitar andar sozinha e sobre que horas não andar.

Em dezembro um homem me seguiu tão intensamente que cheguei em campo apavorada. Era um dia muito esperado por mim, era o dia da feira da Alola de Natal e não etnografei este evento porque meu coração palpitava, minhas mãos tremiam, eu não conseguia conversar com as pessoas e ao mesmo tempo tinha medo de voltar para casa que eu morava. Fiquei perturbada e perdi uma oportunidade de campo, que tinha esperado ansiosamente.

Diariamente eu tinha um processo encorajamento pessoal para sair de casa, não muito diferente do que preciso ter para encarar as ruas no Brasil. Essas aproximações de situações de risco tanto em Timor-Leste quanto no Brasil deixavam-me extremamente aflita. Eu que esperava ter o *Anthropological Blues*, descrito por Roberto da Matta, sentia apenas uma

tristeza profunda que se parecia com depressão.

Eu comparava o assédio que sofri em Timor-Leste e no Brasil e não via muita diferença entre eles: em ambos não respeitavam meu corpo. Eu não percebia nenhum lugar dentro da minha vivência onde ser mulher fosse fácil. Eu não tinha saudade do Brasil, eu não queria ficar em Timor.

Ademais, tenho que fazer algumas observações sobre a minha pesquisa:

1º Não conversei com homens durante o campo e não me dirigia a eles a menos que eles se dirigissem a mim.

2º Os homens que trabalhavam no Galpão, nunca me desrespeitaram, nem me deixaram desconfortável em nenhuma situação.

3º Apenas me sentia tranquila entre mulheres. Situação que me fez abandonar uma matéria na UNTL, apenas assisti a outra disciplina que só tinha alunas mulheres. O assédio masculino em Díli era sobretudo de jovens adultos. O ambiente mais hostil, para mim, era a universidade.

4º Nos lugares quais eu realizava pesquisa, eram os espaços que eu me sentia mais segura e confortável, creio eu principalmente por serem espaços, quase que exclusivamente, femininos. Ir para campo, ir para o Galpão, me deixava alegre. Estar em campo era o melhor momento do dia.

Com certeza, estar morando com a Sarah e a Natália foi fundamental para ter coragem de continuar a pesquisa e sair a rua, todos os dias. Tenho que agradecê-las pela sororidade. Era difícil esquecer do assédio em Díli, porque mesmo que algum dia não acontecesse algo comigo, poderia acontecer e acontecia com elas. A questão não era apenas não sofrer assédio, era querer que elas e que mais ninguém sofresse.

### **Entrando em campo, modo de cena**

Frequentei o Galpão de 22 de outubro de 2014 até 15 de dezembro de 2014. Ia todos os dias, embora não costumasse ficar o expediente inteiro, pelo tempo que eu levava para escrever os diários, mas principalmente para não atrapalhar a rotina do *Sentru Suku* e o trabalho da Ofélia, que era gerir as atividades das 17 mulheres e 2 homens que estavam lá.

O Galpão, era o jeito que eu chamava e ainda chamo o espaço do *Sentru Suku Foudasaun Alola*, pois a Ofélia e outras mulheres se referiam ao espaço como *Taibesi*; “em

*Taibesi*”, “lá em *Taibesi*” e eu chamava o espaço de Galpão principalmente para não confundir com o bairro homônimo, onde o *Sentru Suku* se localizava, que era *Taibesi* (Lê-se Taibesse). Entretanto, nunca vi ninguém se referir ao local como *Sentru Suku*, creio que principalmente porque *Suku* em tétum significa costura. Mas também significa bairro, região, um conjunto de aldeias.

Suspeito que talvez a falta de identificação com a denominação venha da tentativa de não resumir todas as atividades do Galpão a costura. Pois no princípio era apenas costura e como já haviam se diversificado não convinha recorrer mais a este nome. Ao mesmo tempo o espaço é Alola também, contudo, como há outra Alola em Díli (Alola Mascarenhas), ali é a Alola *Taibesi*.

*Taibesi* é um bairro periférico de Díli, muito conhecido por seu grande mercado, o mercado de *Taibesi*. O mercado, era organizado em muitas barracas e tinha produtos bem diversificados, de carnes até roupas. Depois do expediente, a maioria das mulheres que trabalhavam no Galpão ia em direção ao mercado para fazer compras. Achei o bairro mais simpático em relação ao resto de Díli. Simpático no sentido de recepção enquanto estrangeira; não me sentia tão estranhada nesse espaço.

Alguns taxistas se recusavam fazer corridas para *Taibesi*. Eu não entendi se era pelo bairro ou pela estrada que leva a *Taibesi* que era cheia de buracos. Muitas pessoas moravam nas bancas do mercado e era um bairro com bastante movimento, de pedestres e de carros. Perto do Galpão havia um “ponto final” de *mikrolets*, que é o transporte coletivo de Díli.

Apesar do *Sentru Suku* aparentar integração com *Taibesi* ao mesmo tempo eram perceptíveis tensões relacionadas ao bairro que se mostrava como um ambiente conflituoso e instável. Era possível ouvir carros da polícia passando próximo ao Galpão com certa frequência e quando ocorriam confusões no mercado o expediente terminava mais cedo. Certa vez Ofélia me ligou dizendo que eu não fosse à *Taibesi* aquele dia<sup>1</sup>.

O mercado tinha sido preparado pelo Governo para abrigar 700 bancas. Contudo, quando foram alocar as pessoas do *Halilara*<sup>2</sup>, havia mais 1300 bancas em pé. Em algum sentido, o mercado parecia camuflar a precariedade de condições para as pessoas que ali viviam. Entretanto, não tenho condições de aprofundar-me no mercado de *Taibesi* ou em *Taibesi* ou contextualizar melhor o Galpão naquele espaço.

As atividades que ocorriam no Galpão eram basicamente divididas entre costura e

tecelagem, mas havia pessoas que trabalhavam com outras tarefas, como cozinheira, ou assistente financeira e afins, organização que será melhor analisada no capítulo 3. Fui apresentada pela Ofélia para as mulheres do *Sentru* como voluntária e estudante que pesquisava cultura. Logo tive a impressão que elas (as mulheres) achavam que eu era uma espécie de assistente da Ofélia. Talvez por eu perguntar muitas coisas para Ofélia.

As costureiras e tecedeiras eram a maioria das funcionárias. Com exceção da Ofélia e da Marina, pessoa que cuidava do financeiro, todas as outras funcionárias, pareciam ter o mesmo *status*, no sentido de reconhecimento entre elas. Situação percebida por mim através do meu uso da câmera em campo.

### **Sequências rápidas**

Nos primeiros dias em campo, eu disse para Ofélia que eu poderia tirar fotos do cotidiano de trabalho se ela quisesse e ela disse que seria ótimo porque assim ela poderia fazer uma exposição com as fotos lá no *Sentru* mesmo. Como eu tinha levado duas câmeras para Díli, a compacta e a semi-profissional, sugeri para Ofélia ficar com uma. Ofélia recusou, dizendo que apenas ela dava atenção para as mulheres cotidianamente, que seria mais bacana se eu tirasse as fotos, que assim as mulheres se sentiriam valorizadas.

Com o intuito de fazer a possível exposição, eu saía todos os dias em circuito e percorria o *Sentru* todo tirando fotos de todas presentes. Na primeira vez que eu queria tirar foto de alguém, eu sempre perguntava se eu poderia tirar a foto; “*bele foto?*”, todas autorizaram. Essas circulações para tirar fotos ajudaram-me a aprender o lugar que cada uma tinha na produção, entre outras coisas<sup>3</sup>.

Concomitante, Ofélia tornou-se rapidamente minha principal interlocutora, pois ela estava disposta a conversar comigo, descrever e traduzir as dinâmicas de produção que aconteciam no *Sentru Suku*. Ela também era a pessoa que eu menos atrapalhava durante o trabalho, creio eu, principalmente porque quando conversávamos, usávamos nossas línguas maternas, o português, apesar de o meu ser português brasileiro e o dela ser português timorense.

Compreensão mútua que não ocorria quando eu conversava com as mulheres. Nem eu, nem elas usávamos línguas maternas. Tínhamos o tétum para mediar nossas tentativas de diálogos. Contudo, as línguas maternas delas eram dialetos de origens diversas, muitas vezes apenas falados por seus grupos etnolinguísticos. E nem sempre o esforço para conversar se

refletia em entendimento, por ambas partes. Nossa comunicação foi acontecendo principalmente pelas fotos que eu tirava, quando eu mostrava alguma imagem e elas comentavam sobre seu peso, roupas, cabelo, sorriso e etc.

Para Milton Guran, a fotografia produzida durante a pesquisa pode ser de dois tipos: a fotografia com o objetivo de adquirir informações ou a fotografia feita para demonstrar ou expor conclusões (2000:155). Durante algum tempo, sem que eu percebesse claramente, a fotografia foi sendo um bom jeito de conseguir informações, principalmente sobre as mulheres. Com intermédio da câmera ia aprendendo seus nomes, também ia conhecendo um pouco de suas personalidades e afins.

A fotografia produzida para descobrir ocorreria durante a observação participante, enquanto a pesquisadora está se familiarizando, conhecendo o espaço e as pessoas ao mesmo tempo que está “formulando as primeiras questões práticas com relação à pesquisa de campo propriamente dita” (GURAN, 2000:156). Neste sentido as fotos também ajudavam-me bastante com a escrita do diário. Eu olhava as fotos para lembrar de alguns fatos do dia e tirava fotos de coisas e momentos com a intenção de descrevê-los melhor no diário depois.

Era interessante porque fui percebendo que as mulheres passaram a se arrumar mais para aparecerem nas fotos. O que acentua um outro aspecto abordado por Guran, do “acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios” (2000: 155). Afinal, parece que a presença da câmera foi estimulando alguns comportamentos específicos, como capricho nos penteados, nas roupas e mais alguns com o passar do tempo. Quando eu ia tirar foto, às vezes, elas me diziam frases que poderiam ser traduzidas como: “hoje não, já tenho foto com essa roupa”, ou “agora não, meu cabelo tá bagunçado”. Se não fosse a câmera em campo como eu ia descobrir que elas eram vaidosas e apenas queriam tirar fotos quando se sentissem bonitas?

E também descobri que era importante que eu as fotografasse com a câmera semi-profissional<sup>4</sup>. Das vezes que acabou a pilha e tentei usar a câmera compacta ou até o celular, elas não se animaram para as fotos. A câmera semi-profissional era o diferencial tecnológico que legitimava minhas fotos, pois fotografias de compacta ou de celular elas mesmos poderiam tirar. Era interessante perceber que o aspecto da câmera, não apenas o delas, era fundamental para o momento fotográfico era como se elas esperassem que eu fizesse uma pose, não só o contrário: minha pose era tirar fotos com a câmera semi-profissional.

### **Saindo do modo automático**

“O trabalho de campo é uma experiência educativa completa. O difícil é decidir o que foi aprendido” (GEERTZ, 2001: 43). Concordo com Geertz, creio que é realmente difícil escolher o que foi aprendido. Porém, quando penso na minha passagem pelo *Sentru*, suspeito que a lição mais importante que aprendi, foi a de como em campo também exercemos (enquanto pesquisadoras) relações de poder, mesmo sem querer ou sem percebermos. Lição mediada pelo uso câmera em campo em algumas situações parecidas, escolhi uma para narrar. Discuto abaixo, algumas experiências das quais extraí aprendizados.

No primeiro dia que levei a câmera, tirei várias fotos, porém, meu esforço de fotografar encontrou duas situações: pessoas que tinham atividades mais paradas e pessoas que tinham atividades com mais movimento. Das pessoas que estavam paradas, como por exemplo, as costureiras; eu batia apenas duas, ou três fotos porque já ficavam boas para eu entender o que estava acontecendo e esteticamente pareciam-me interessantes também. Contudo, de pessoas que estavam em movimento, como tecedeiras, eu “tinha” que tirar cinco, seis fotos para achar que uma estava boa, que não estava tremida.

Durante o almoço as mulheres pediram para ver as fotografia e aí quando viram que de uma pessoa eu tinha três fotos e de outra tinha seis, ficaram chateadas. Não falaram mais do que “Duas minhas, quatro de fulana”. Entretanto, deram-me a entender que a atenção tinha que ser igual, dividida de forma justa. Mesmo que na minha percepção algumas fotos não tinham tanta qualidade, então não contavam, por isso que eu precisava tirar outras.

Mas para elas essa desigualdade numérica de fotos parecia ser o reflexo de que eu estava dando mais atenção para uma do que para outra, ou que eu não considerava tanto aquela que tinha menos fotos, que gostava mais da outra que tinha mais fotos. Era uma questão de qualidade para mim e de quantidade para elas.

Este episódio das fotos lembrou-me um incidente que Clifford Geertz (2001) descreve sobre como o empréstimo de uma máquina de escrever em campo foi fundamental para construir relação com um bom informante e como o não empréstimo dela depois significou o fim da interlocução. A situação era diferente, contudo, ambos ocorridos evidenciam um pouco da tensão moral que ocorre em campo entre pesquisador e informante, interlocutora ou pesquisada.

Eu procurava ter pelo menos uma foto boa de cada pessoa, independente da quantidade de fotografias que eu precisasse bater para isso, e elas procuravam saber quantas

fotos eu tinha de cada uma, indiferentes se as fotografias estavam legíveis ou ilegíveis. Eu dividia as fotos em boas e ruins, porém para elas todas as fotografias eram fotografias. E eram mesmo, afinal as diferenças que eu visualizava nas fotos não eram autoevidentes, eram categorias que eu construía para analisar as fotos na minha cabeça.

Sobre isso, Geertz também inspira-me na construção de algumas reflexões sobre como o pensamento é conduta e deve ser moralmente julgado como um ato (2001:30). A minha relação com as mulheres era possível enquanto eu demonstrasse que tratava todas de forma igual. E o fato de eu ter atribuído diferenças para elas, mesmo que na minha cabeça (as que se mexiam mais e as que se mexiam menos), ultrapassava o alcance que eu achava que teria, afinal estava ali exposto nas quantidades de fotos desigual que eu tinha tirado.

Isto fazia-me refletir sobre como realmente, no início da pesquisa, eu pretendia dar mais atenção às tecedeiras. Entretanto, toda essa situação foi vital para eu perceber que se eu fizesse isso, poderia magoar as outras mulheres, que costuram, que fazem comida, que limpam. Elas não enxergavam as outras atividades como diferentes, ou talvez não se viam em posições diferentes, cada uma era igualmente importante. Quando a pessoa da cozinha precisava faltar, uma tecedeira ia para a cozinha e fazia a comida, sem nenhum problema.

Ademais, era interessante pensar em outra análise de Geertz: “de um modo que não é absolutamente fortuito, a relação entre um antropólogo e um informante repousa sobre um conjunto de ficções parciais que são mais ou menos percebidas”. (2001: 40). Elas não precisavam de mim para tirar fotos, tinham seus celulares e compactas, contudo, me deixavam tirar suas fotos contanto que eu desse atenção para elas de forma igual, usasse a câmera certa e também esperasse o momento em que elas se sentissem bonitas para fazer os registros.

### **Sobre revelações**

Era um cenário complexo, pois meu interesse inicial, que era nas tecedeiras, reforçava uma situação de atenção maior apenas para algumas mulheres, atenção que era dada, por parte das visitas e turistas. Todavia, no *Sentru*, havia outras pessoas que faziam outras atividades, e que normalmente já eram ignorados por pessoas que visitavam o espaço e só reparavam ou tiravam fotos apenas das tecedeiras. Então mudei o recorte do meu projeto, para observar o *Sentru Suku* inteiro, para não discriminar as mulheres.

Eu via turistas australianas irem ao *Sentru Suku* e apenas notarem e baterem fotos das tecedeiras, pois, por exemplo, o tear delas é diferente do tear ocidental. Eu pensei que as

mulheres poderiam estar me dizendo implicitamente que se eu fizesse isso também, elas não aceitariam a minha presença. Ou aquela reivindicação (de atenção), talvez não fosse exatamente para mim, apesar de eu ter causado toda a situação, pois como Peirano atenta em um exemplo que ela constrói: “... aquilo que parecia um simples relato, pode ser por ex., uma reivindicação (...), dirigida não necessariamente ao etnógrafo, mas aos demais presentes”, logo em seguida ela conclui: “... outras abordagens ao fenômeno da linguagem e da comunicação em geral estabelecem que é impossível atribuir um significado único à maioria das interações do dia-a-dia” (PEIRANO, 2008: 07)

Fiquei com receio principalmente de acirrar disputas que talvez já existissem ali no espaço. Pois por mais que eu não conseguisse identificar tudo, percebia que existiam grupos, algumas mulheres andavam mais juntas, outras almoçavam depois ou antes para não almoçarem todas juntas. E claro, tinha noção que boa parte delas trabalhava ali há anos e passaram por administrações diferentes. Por mais tempo que eu ficasse ali, não entenderia completamente a relação entre todas elas com as outras, nem de um grupo tão grande assim.

Então, limitei-me a tirar suas fotos para uma possível exposição, que nunca aconteceu. E eu vigiava minha interação para que eu não perguntasse a uma o que eu não poderia perguntar para todas, pensando também nas limitações linguísticas que existiam, pois havia níveis diferentes de compreensão, com algumas eu conseguia conversar mais e com outras menos. Era realmente intrigante pensar como uma pesquisa em contextos de cooperativas poderia criar ou expor tensões.

Ao mesmo tempo, era curioso como não parecia haver problema de confusão, ou mal entendido, ou “sentimento” de desatenção para as mulheres, quando eu conversava com a Ofélia. Porque às vezes quando eu demorava em um espaço longe dela, elas falavam-me que eu tinha que ajudar a Ofélia (o que reforça minha impressão também de acharem que eu era assistente da Ofélia).

Porém, também parecia que como a Ofélia era a *manager*, não tinha problema de passar mais tempo com ela, apenas tinha problema se eu passasse ou tirasse mais fotos das outras mulheres que estavam em posições horizontais, equivalentes. Parecia que a desigualdade poderia acontecer apenas entre as mulheres; se eu passasse mais tempo ou tirasse mais fotos com a Ofélia, não gerava “sentimento” ou reclamação de injustiça.

Logo eu percebi que eu tinha que tratá-las, eu concordando ou não, respeitando a hierarquia da organização de trabalho que elas entendiam. Por um lado tinha a parte boa, que



elas não me deixavam fazer diferença entre as mulheres, por outro lado tinha a parte ruim, que elas viam que a Ofélia estava em outro nível qual era inalcançável, por isso elas não se comparavam com ela, e eu poderia fazer diferença entre as mulheres e a Ofélia.

### **Sobre queimar o filme, mas salvar alguns negativos**

Eu ainda reflito muito sobre esses acontecimentos, porque penso que se eu simplesmente tivesse chegado ao *Sentru Suku*, me dirigido para as tecedeiras, ou sido mais enfática no início, sobre ter uma agenda de pesquisa sobre a tecedeiras, a minha presença poderia ter sido violenta. A relação mediada com a câmera foi meu primeiro contato direto com as mulheres e foi fundamental para revelar estas cenas que descrevi nas seções anteriores.

Não supponho que estas situações descritas sejam novas, ou inéditas. Todavia achei relevante escrever sobre elas porque talvez se eu tivesse lido um trabalho com descrições parecidas, eu teria evitado pelo menos uma dessas saias justas em campo. Porém, essa questão de achar que se eu tivesse lido algo sobre a mediação com câmeras com grupos, ou disputa de atenção em grupos, estaria mais preparada pode ser apenas um romantismo meu. Afinal, cada campo é um campo.

### **Profundidade de campo**

Os deslizes fotográficos foram importantes para eu evitar tensões que poderiam ter sido mais profundas. Eu fui aprendendo a usar a câmera quando as mulheres queriam e isso incluía não fotografar algumas cenas que eu gostaria de registrar. Porém o uso da câmera foi mais educativo para mim (em relação ao outras práticas que tive em campo), pois expôs um conjunto de premissas e cuidados que eu deveria ter com aquele grupo em questão.

O fato delas, as mulheres, se sentirem à vontade para falar das fotos, me faz pensar que elas estavam de alguma forma equilibradas comigo, não era apenas eu que tinha poder nessa relação, porque elas sabiam que eu tinha interesse de tirar mais fotos, entre outras coisas.

Claro que não posso desprezar que nessa relação, quem está escrevendo um texto sou eu, quem analisou os dados de forma a dar sentido para eles também fui eu. Todavia, gostaria de evidenciar a agência das mulheres, na delimitação do que eu poderia ou não pesquisar. Pois até o fato de eu conversar mais com a Ofélia, da Ofélia ser minha principal interlocutora, era

um fato moralmente permitido por elas. Nossas relações eram assimétricas, não poderiam deixar de ser, infelizmente, mas havia espaço para negociações

### **Despedida contínua e Antropologia Cafajeste**

Sempre que eu falava do Brasil a Ofélia comentava que em sua juventude ela gostava e ouvia bastante Roberto Carlos. Porém, que infelizmente durante a guerra e a invasão, Ofélia tinha perdido todos os discos que tinha dele. Ofélia contou que em Portugal ainda conseguiu alguns discos, contudo, era escassa a oferta de discos do artista brasileiro.

Ofélia contou-me que seus discos ficaram na Austrália, na casa dos filhos. Que quando estava a visitá-los, eles colocam o disco a tocar. Porém, quando ela pediu para eles gravarem Roberto Carlos para ela em um *pen drive*, para ela escutar depois. Eles gravaram as músicas que eles gostavam de outros artistas e ela não tinha como ouvir Roberto Carlos em Timor-Leste.

Todas as vezes que a Ofélia falava de Roberto Carlos eu lembrava-me muito da minha infância, mas principalmente da minha mãe, pois minha mãe simplesmente tinha e tem todos os discos, cds e dvds do Roberto Carlos. De alguma forma era um grande assunto que tínhamos em comum. Eu ficava por pensar como eram acessíveis os cds e músicas do Roberto no Brasil e como era difícil achá-lo em Timor.

Em outubro, resolvi gastar toda a minha internet<sup>5</sup> baixando músicas para o Galpão e para Ofélia. Baixei Musa do calypso, Coleguinhas e Banda sedutora para o *Sentru Suku* e baixei o máximo de músicas dos anos 60 e 70 e do Roberto Carlos que consegui para Ofélia. No dia que levei as músicas, entreguei um *pen drive* com as músicas do Galpão para a Ofélia quando cheguei. E resolvi entregar o cd com as músicas do Roberto na hora de ir embora, pois ela poderia ouvir no carro.

Ao fim do dia, pedi para a Ofélia esperar, peguei o cd dentro da minha bolsa e entreguei para ela. Disse que tinha gravado para ela, mas que não sabia se ia funcionar. Realmente não sabia se funcionaria, na casa onde eu morava não tinha como testá-lo. Sentia que era um presente muito simples, eu estava envergonhada.

Eu não tinha dito para Ofélia que era um cd do Roberto Carlos, nem tinha nada escrito sobre o conteúdo. Ela colocou no som e esperou começar a tocar. Quando iniciou a música com as primeiras batidas de “Namoradinha de um amigo meu”, Ofélia soltou um grito e me abraçou.

As pessoas que estavam próximas não tinham entendido nada e então ela disse “*Musica que hau gosta!*” (Música que eu gosto). Ela ficou tão animada, cantou as músicas junto com Roberto Carlos, de uma música para outra dizia “quantas lembranças”. A incerteza de uma volta ao Timor, de uma real devolução em mãos me faz ser tão apegada a imagem da Ofélia cantando Roberto Carlos.

De certa forma, o campo inteiro era como uma grande despedida. Todos os dias em Timor eu pensava que eu não sabia se um dia poderia voltar ali. E quando as pessoas me perguntava sobre isso, questionavam quando eu voltaria ao Timor, eu respondia que não sabia. Pois realmente era verdade, eu sabia e não sei. Eu não estava ali com meu próprio dinheiro, nem tinha uma previsão de como ou quando poderia ter dinheiro.

A cada pergunta de “Quando você volta a Timor?” eu me sentia mal. Sentia que em algum aspecto eu fazia uma **Antropologia Cafajeste**. Pois eu fui até ali, peguei informações, conheci pessoas, suas rotinas e depois iria embora, talvez para nunca mais. A minha volta, assim como a aquela minha ida a Timor não dependia apenas da minha vontade de ir e vir. Ao mesmo tempo sabia que isso poderia acontecer com qualquer campo em qualquer lugar.

Eu tentava explicar diversas vezes que eu só estava ali porque um órgão do governo brasileiro tinha pago toda a minha viagem. Mas por alguma razão, isso não soava mais confortante nem para mim mesma. Que ainda me sentia mal, por não poder simplesmente voltar para Timor quando quisesse. Era uma baita oportunidade, estar ali, por isso mesmo eu não poderia garantir que a oportunidade se repetiria.

Eu sempre falava que iria embora em dezembro, para não ir embora de forma abrupta. Entretanto, ainda assim o dia mais difícil para mim em Timor foi a despedida das mulheres do Galpão e da Ofélia. Ao me despedir das pessoas eu sentia o peso de que aquela poderia ser a última vez que nos veríamos.

Creio que nunca poderei retribuir toda paciência que Ofélia teve ao me explicar diversos processos dentro do Galpão, me contar sua história de forma tão generosa, me apresentar e me ajudar a conversar com todas as mulheres do *Sentru Suku*. Também tenho que agradecer por Ofélia ter me colocado questões, algumas das quais não me ocorreriam espontaneamente, por ter ouvido um pouquinho da minha história e por ter me ajudado a perceber várias dimensões sobre o cotidiano no Galpão.

Também tenho que agradecer a todas as mulheres do Galpão, mulheres que eu não conheci mais profundamente, porém, que tenho certeza que têm histórias incríveis para

contar, não apenas para mim. Por partilharem tão carinhosamente seu cotidiano comigo. Aliás depois de um período em campo, Ofélia traduziu que algumas mulheres diziam ter pena de mim, por eu estar tão longe de casa e da minha família. Algumas também me disseram que eu não deveria voltar para o Brasil e deveria ficar lá com elas. De certa forma, sempre estarei lá. Sempre me lembrarei das mulheres que conheci em *Taibesi*.

### **Considerações sobre o prólogo**

Eu poderia usar a câmera em campo de diversas maneiras, poderia ter me apresentado como fotógrafa, por exemplo, contudo, creio que meu uso da câmera em campo não contraria nem invalida outra forma de uso. Cada pesquisa tem reflexões próprias e interessantes sobre como é construída a relação com o campo, como a metodologia foi mobilizada, repensada, experienciada e etc.

Há algo de inusitado em pensar que: “o refinamento da disciplina, então, não acontece em um espaço virtual, abstrato e fechado. Ao contrário, a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual” (PEIRANO, 2014: 381)

Peirano, comenta como os métodos etnográficos podem e sempre serão novos “...mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual” (PEIRANO, 2014: 381). É admirável, que, mesmo sem querer, cada estudante, ou antropóloga, recombina e inova durante seu campo, no sentido de não ter como se preparar completamente, pois há algo de antropofágico no caminho entre ir e voltar da pesquisa.

Antropofágico no sentido de que não devemos ignorar nenhuma metodologia que lemos e aprendemos, mas não é possível imitar, ou é quase impossível imitar “*ipsis litteris*”, alguma situação de pesquisa já descrita, por tentativa de eficácia ou adequação ao contexto e, sobretudo, por sempre serem pessoas diferentes. Até porque sem ela (metodologia), estaríamos muito mais perdidos (em todos os sentidos, de definição de área a referencial de pesquisa). De uma forma poética: só a metodologia nos une (e nos diferencia).

# capítulo 1

## Um circuito do tais



Neste capítulo descrevo um circuito do *tais* em Díli, que é composto pelas lojas que vendem produtos feitos de *tais*. Há várias lojas que fazem parte deste circuito, lojas quais vendem produtos de diversos grupos locais de artesanato. Procuro observar quais são as táticas de diferenciação adotadas pelos grupos para singularizar ou identificar seus produtos. Provavelmente esse é o capítulo mais dinâmico e múltiplo da monografia, pois ele navega por alguns pontos da capital timorense. Mais ao final do capítulo descrevo o meu encontro com o campo, que foi proporcionado por uma moça pertencente ao circuito do *tais*.

### **1.1 Um mercado do *tais* em Díli**

Trancava a porta apressadamente com a sombrinha na mão e o óculos escuro no rosto. Estava em cima da hora para a aula de tétum. Vi a Sarah chegando de moto, ela também me viu e perguntou gentilmente se eu queria carona. Aceitei. A Timor Aid não era muito longe da casa que morávamos, mas as várias ruas com tráfego em sentido único obrigava-nos a dar uma grande volta para chegar lá. Ao passarmos pela frente do Tribunal de Díli, o homem que conduzia uma moto na nossa frente se desequilibrou sozinho e caiu. Foi incrivelmente rápido, mas ainda bem que a Sarah estava há uma certa distância, qual conseguiu frear e desviar da moto caída. Entretanto também caímos. Senti meu corpo encontrar o asfalto quente.

Não sei porque me levantei tão rápido, acho que só queria sair do meio da pista, porém o trânsito já estava parado. A Sarah também estava se levantando. Ademais, o homem que caiu na nossa frente se levantou e foi embora como se nada tivesse acontecido, enquanto nós ainda estávamos entendendo o que aconteceu. Um senhor pegou a moto em que estávamos e a colocou na lateral da pista, outras pessoas nos conduziram para o mesmo lugar, estávamos atrapalhando o tráfego. Ninguém nos dirigiu uma palavra, todavia agradeci. Perguntei para Sarah “você está bem?” Ela disse que sim. Ela perguntou se eu estava bem. Eu também disse que sim. Passamos na clínica para fazer curativos, aproveitando o seguro saúde, e depois fomos para casa.

O “acidente” foi uma e pouco da tarde. Ao chegar em casa fiquei refletindo sobre toda a pesquisa até aquele momento. Afinal, naquele dia, fazia exatamente um mês que estava em Timor e querendo ou não esse imprevisto catalisou as ansiedades que eu vinha amenizando até ali. Se a pesquisa tivesse acabado neste dia o que eu teria? Quais dados eu possuía? Eu tinha ido a vários locais, conhecido algumas pessoas e não conseguia perceber nenhuma

abertura para pensar em um campo. Porém a questão linguística era o que mais me deixava aflita. Meu tétum tinha melhorado pouquíssimo e eu não era nem um pouco fluente em inglês.

A maioria das minhas interações com as timorenses era em inglês e eu muitas vezes nem entendia muito bem como isso acontecia. Eu perguntava algo em tétum, fosse no comércio, na rua, ou em uma tentativa de conversa voltada para pesquisa e elas respondiam em inglês. Elas não teriam paciência? Estariam a treinar seu inglês? Não sei e eu também não sabia como poderia melhorar o tétum, pois estava fazendo aulas. Quando que eu iria imaginar que falar inglês seria um grande facilitador em um país cujos idiomas oficiais eram tétum e português? Eu estava preocupada, me sentia longe da pesquisa, longe da antropologia, apenas me via como estrangeira que não entendia a complexidade que Timor me apresentava.

Nesse dia a diferença do fuso horário de doze horas entre o Timor e o Brasil pesou. Não havia nada de grave que justificasse eu acordar alguém do outro lado do mundo com um telefonema. Era apenas mais um exercício no grande aprendizado sobre o descontrole tempo. Eu esperava as pessoas do Brasil acordarem, esperava que meus machucados melhorassem logo para voltar à pesquisa e, principalmente, esperava que as pessoas que conheci em Díli me ligassem. “Vou te ligar quando as tecedeiras vierem..”, “Semana que vem você pode me acompanhar, vou te ligar para te informar o dia”, entre outras ligações que eu esperava e nunca se realizaram. Eu entendia esses não-telefonemas como sutis negativas de avanço naqueles espaços. E por mais que eu quisesse voltar naqueles lugares, não havia ligação, nem de telefone, nem real. Escapava da minha insistência a criação de vínculos.

Durante esse período de recuperação corporal decidi que quando estivesse melhor seria interessante refazer o circuito de pontos de venda de *tais*. Nos primeiros dias em Díli fui às lojas que tinham como produto principal: *tais*, objetos feitos de *tais* e com *tais*. Com expectativa que nessas lojas pudessem me dizer onde eu poderia encontrar tecedeiras. Mas logo percebi que os produtos contavam uma história a partir de suas etiquetas e algumas vendedoras reproduziam o que estava escrito ali. Essas histórias envolviam grupos, o que ainda me deixava um pouco intrigada, porque estava claro para mim que esses grupos faziam as peças, como bolsas, chaveiros, porém não sabia se estes grupos produziam os *tais* que estes produtos carregavam.

Eu tinha identificado seis lojas durante minhas caminhadas pela cidade: *ARMT*

*SHOP, Things and Stories*, *Alola Esperansa* (Plaza e Mascarenhas), *Joia Gallery*, Arte Cultura e Loja Arte Vida (Kafé Aroma e Doce Vida). Dentro dessas lojas identifiquei produtos de oito grupos, quais eram: Alola, Bonecas de Ataúro, *Jeitu*, *Rui Collection*, Arte da Montanha, Arte Vida e *Women's Woven Art*. Mas dentro dessas lojas também eram vendidos produtos sem nenhuma etiqueta, quais eu não consegui descobrir de onde eram. Além de produtos que não eram feitos de *tais*.

Para os produtos “derivados” de *tais* e sem etiquetas as vendedoras disseram-me apenas que eles eram do distrito. Entretanto, é interessante também destacar que os produtos etiquetados não costumam ser vendidos aleatoriamente em qualquer loja dessas. Do mesmo jeito que os produtos estavam vinculados aos grupos, parecia existir uma ligação dos grupos com as lojas, qual seria?

Algumas dessas relações eram claras e oriunda de trabalhos de ONGs, como no caso da Casa Vida que dentro de várias atividades promove artesanato e depois os vende com as etiquetas da Arte Vida dentro das lojas que ficam no Kafé Aroma e no Doce Vida, ambos restaurantes que empregam também meninas que integram a Casa Vida. No Doce Vida, há uma televisão qual era exibido um vídeo que passava cenas da confecção das peças na Casa Vida. Os produtos da casa vida são, em sua maioria, bijuterias feitas com *tais*.

Outra com ligação clara da loja com o produto era o caso da *Alola Esperansa*, loja da Fundação Alola uma ONG que tem diversos programas voltados para mulheres, com diferentes objetivos, desde empoderamento financeiro até saúde materna. Entretanto, as lojas da Alola, ao invés de uma etiqueta pequena, costumam fornecer um folder, com diversas informações. As lojas da Alola vendem diversos modelos e tamanhos de bolsas, além de *salendas* e também *tais*. Também são vendidos livros em tétum e em inglês sobre Timor, além de outras coisas que parecem ser oriundas de parcerias, dentro da loja da Alola.

Sobre os outros grupos eu não soube muito além do que está disposto nas lojas. Há o *Liman Selected Products*, que seleciona produtos para duas lojas: a Loja *ARMT Shop* fica dentro do *Arquivo Museu Resistencia Timorense (AMRT)* e boa parte dos produtos lá comercializados coincidia com os vendidos na loja que fica dentro do Hotel Timor. Eram produtos de grupos *Jeitu*, Bonecas de Ataúro, *Rui Collection*. Mas a loja do Hotel Timor que se chama *Things and Stories*, além de vender esses produtos do *Jeitu*, Bonecas de Ataúro, *Rui Collection*, também vende produtos da *Alola Esperansa*.



À primeira vista, a *Things e Stories* parece uma boutique, não apenas pela disposição também “*clean*”, contudo, por também ter coleções e novas coleções. Uma referência clara a um circuito de moda. Nesse sentido vale ressaltar que na Loja *ARMT Shop* e na *Things and Stories* estão os produtos mais caros dentro desses pontos de vendas. Mas no geral havia poucas informações disponíveis sobre o *Liman Selected Products*.

O *Jeitu* era um grupo que tinha como produto principal cadernos artesanais feitos com a técnica da cartonagem, quais têm a capa de *tais*. A ação de cartonar pode ser entendida como fazer objetos com cartão, papelão e afins. O *Jeitu* também vendia sob sua marca brincos e chaveiros; sua confecção é em Díli. O grupo Bonecas de Ataúro tem como produto mais conhecido suas Bonecas, mas também vendem bolsas e sua confecção é em Ataúro, ilha muito próxima a Díli. *Rui Collection* é responsável por fazer além de outros produtos, sapatos com *tais*, brincos de argila e sua confecção fica em Díli. Na *Things and Stories* também é divulgado o trabalho do grupo *FO-BA-MALU*, mas não consegui identificar que grupo seria esse nem que produtos confeccionaria. Nesta loja (*things and stories*) não era clara a relação das vendas com os grupos.

Sobre a loja Arte Cultura, que ficava dentro do shopping de Díli, eu não consegui “etiquetar” nenhum produto, ou seja nenhum produto dessa loja tinha uma referência clara e direta, presa ao produto sobre sua origem. Fiquei pensando o que significaria não ter etiqueta? A princípio minha resposta intuitiva foi pensar que os produtos dessa loja seriam ou teriam reconhecimento parecido com os produtos do mercado de *tais* (vou falar do mercado de *tais* em uma seção mais abaixo). Entretanto, todos os produtos que eu vi nessa loja no período que estive em Díli não tinham ligação direta com nenhum grupo ou localidade, apesar da vendedora atribuir sua origem aos distritos. Distritos no plural, de forma genérica, forma muito adotada pelos moradores de Díli para se referir aos espaços fora da capital.

Na *Joia Gallery*, loja que também ficava no Shopping, eram vendidos diversos produtos. Provavelmente a loja com maior variedade de produtos confeccionados com *tais* que encontrei; porta-retratos, *ecobags*, almofadas, cartões e etc. Além de tiaras, broches, presilhas, ímãs de geladeira e afins. Dentro dessa diversidade, a maioria dos produtos também tinha origem nos distritos, contudo havia identificado dois grupos entre os produtos. O Arte da Montanha e o *Women's Woven Art*. Com a etiqueta do Arte da Montanha identifiquei broches,

tiaras e marca-páginas, a sua confecção fica em Aileu (distrito leste-timorense) e faz parte do Projeto Montanha, projeto sobre qual não tive muitas informações, porém parece ser idealizada e gerida por missionárias brasileiras. Com a etiqueta do *Women's Woven Art* identifiquei ímas de geladeiras e marca-páginas, foi o grupo com menos informações disponíveis, não soube onde é sua confecção.

### 1.1.2 Uma outra abordagem biográfica

Ao ir nessas lojas e procurar a origem dos produtos, ao longo do tempo, fui percebendo que de certa forma a minha busca por informações sobre aqueles objetos era uma investigação pela biografia daquelas coisas. Igor Kopytoff, descreve algumas formas quais as biografias das pessoas foram e são analisadas pela antropologia, e propõe que as coisas também sejam observadas de maneira similar:

Ao fazer a biografia de um coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem as pessoas: Quais são sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse “status”, e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as “idades” ou as fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos das coisas conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008 :92)

Porém, o que eu fazia, antes de uma forma de análise dos dados por abordagem biográfica, era uma tentativa de aquisição de dados por abordagem biográfica. Como uma pessoa nova na cidade de Díli e completamente desinformada sobre as trajetórias do *tais* e de seus produtos, a tática mais sensata de chegar as tecedeiras parecia descobrir a biografia dos produtos derivados de *tais*.

Ao pensar naquele contexto específico, idealizar a rota da vida de um produto de *tais* era contemplar sua biografia. Porém, as pessoas que vendiam os produtos nem sempre sabiam dizer ao certo de onde eles vinham. Era interessante que algumas das perguntas que deveriam ser adequadas do texto do Kopytoff, para o circuito de *tais* em Díli, eu ainda não sabia formular. Essa dificuldade só foi superada quando eu cheguei a conhecer a produção de produtos derivados de *tais* da Alola, qual conto melhor nos próximos capítulos.

Enquanto estrangeira procurando um rastro de trajetória eu perguntava para as vendedoras se elas sabiam qual era o local em que era produzido o produto, se elas conheciam o grupo que tinha produzido, se elas gostavam dos produtos, entre outras perguntas, que muitas vezes eram respondidas com acenos de cabeça ou dedos apontados para os papéis, ou melhor, etiquetas, que os produtos traziam consigo.

O conteúdo dessas etiquetas não era muito variado. Em sua maioria elas falavam basicamente três coisas: a primeira coisa é que são produtos artesanais, a segunda é que as pessoas que fizeram ou o grupo que fez aquele produto é composto ou/é ajuda pessoas locais, a segunda é que ao comprar aquele produto você ajuda aquele grupo de pessoas que o fazem. (Escanies das etiquetas estão no anexo II)

Informações que reafirmavam algumas perguntas que eu já tinha feito e inseriam algumas questões novas. A partir das etiquetas era possível refletir sobre a origem dos grupos que ajudavam ou eram formados por timorenses, sobre a organização e produção desses grupos, sobre o público-alvo dessas mensagens das etiquetas, além de diversas questões comparativas entre os grupos e seus produtos.

Todavia, para pergunta sobre quem seria o público-alvo das mensagens das etiquetas e consequentemente dos produtos, havia uma resposta intuitiva que era oriunda das próprias etiquetas. Era um palpite que o público era a população estrangeira de Timor, primeiro porque todas as etiquetas que eu vi, em produtos derivados de *tais*, ou estavam em inglês ou estavam em português. Segundo, pela mensagem de ajudar artesãos timorenses. Pela diferenciação de timorenses e não-timorenses, quais as não-timorenses são *malaes*, estrangeiros.

Obvio que as minhas suspeitas foram aumentadas a medida que percebia por Díli que as timorenses não usavam aqueles produtos. Seu consumo e porque não dizer tendência pelas ruas em Díli era afirmada pelas estrangeiras. E se tornaram mais creditáveis quando perguntei para a minha professora de tétum em Timor se ela não gostava de brincos de *tais* e ela me respondeu que brincos de *tais* apenas eram usados por *malaes*.

A partir dessas perspectiva era interessante perceber que as etiquetas eram o artefato que muitas vezes mediava para as consumidoras estrangeiras alguns dos significados implicados para o consumo do *tais* e de seus produtos derivados. As vendedoras deveriam saber disso ao apontar os dedos para aquelas informações contidas naquele papelzinho. As vendedoras apenas deveriam guiar a consumidora até ela encontrar a etiqueta, que passariam a mensagem, ou o anúncio.

O que foi entendido de forma confusa por mim, que procurava a biografia daqueles produtos. Muitas vezes eu tinha a sensação que achava ali, naquelas etiquetas a “identidade” daquele grupo que fez o produto, ou daquele produto ao possuir aquela etiqueta. Mas não exatamente sua biografia. Depois, percebi que uma não excluía a outra, identidade e biografia andavam juntas naquelas etiquetas. A etiqueta como forma de publicidade também participava da construção de identidade daquele produto.

### **1.1.3 Etiquetas, um projeto publicitário**

Com o tempo e a presença continua das etiquetas na circulação dos produtos derivados de *tais*, eu passei a deixar um pouco de lado o conteúdo de escrita e a refletir sobre o motivo daquelas informações quase sempre estarem tão atreladas, quase que literalmente, àqueles produtos?

E aos poucos a minha interpretação para as etiquetas foi se associando a ideia de um projeto publicitário. As etiquetas figuravam como mediadoras entre os grupos que faziam os produtos derivados de *tais* e as pessoas que compravam os produtos. Será que essa era a real função delas? Entretanto, analiso deste modo sua presença a partir da leitura de *Magia e Capitalismo* de Everardo Rocha (2011), referência importante para interpretar a presença da publicidade para venda dos produtos.

Contudo, é necessária fazer uma pequena introdução, pois Rocha analisa em seu livro a publicidade brasileira, com peças filmicas, em revistas e diversos meios. Não quero comparar diretamente o contexto timorense com o contexto brasileiro observado por Rocha. Apenas creio que muitas características percebidas em produções publicitárias aqui são observáveis nos projetos publicitários que estão ocorrendo lá. Por isso, vou trazer várias passagens de Rocha nos parágrafos a seguir.

Como eu disse na seção anterior, lá estava eu, em Díli, a perseguir venda e o consumo dos produtos derivados de *tais*, com a intenção de chegar na produção do produtos e também na produção do *tais*. Ao encontrar etiquetas, deparava-me com um fator que era inusitado. Elas tinham uma função mediadora: “Em outras palavras, entre os dois domínios fundamentais do circuito econômico – o domínio da produção e o domínio do consumo – encontra-se um espaço que é ocupado pela publicidade” (ROCHA, 2010: 78).

Durante um mês, a minha rotina era esta, de procurar uma entrada para a produção a partir do consumo. Tarefa que era difícil, pois apesar de algumas etiquetas trazerem contatos

com os grupos, nenhuma trazia um endereço do local efetivo da produção. Aquele abismo que parecia existir entre a produção e consumo, era suprido por uma ponte que era a etiqueta, que noticiava a origem daquele produto, mas não era suficiente para saber realmente sobre os processos ali envolvidos, por quê?

Dentro do capítulo “publicidade e razão prática, uma discussão de produção e consumo”, Rocha analisa primeiro a produção, dando ênfase para o modo de produção capitalista, voltado para ideias marxianas sobre alienação do trabalho e ausentando o humano do trabalho, que seria muito mecanizado e repetitivo. “Na produção, o mundo se efetiva em meio a materiais e máquinas. O produto do trabalho é múltiplo, é indistinto, é impessoal. Ali o anonimato e a serialidade estão presentes” (ROCHA, 2010; 78). Eu não discordo desse modelo para o mundo da produção, contudo preciso fazer mediações para entender o contexto leste-timorense.

Podemos ainda perceber o domínio da produção como algo “não humano” expresso nos próprios rótulos de certos produtos, onde dizeres do tipo “embalado a vácuo” ou “produzido sem contato manual” são opostos ao *hand-made* que caracteriza o fabrico pretensamente “artesanal” dos objetos caros e sofisticados. (ROCHA, 2010: 81)

O modelo de produção leste-timorense de *tais* não é igual ao capitalista, principalmente por Timor não ter indústrias. Mas, não ter indústrias não significa não ter produção, e não significa não ter produção competitiva. A produção em Díli existia e estava em diversas lojas. Porém, a produção do *tais* é demasiadamente humana, nela inscre-se a ideia de “*handmade*”, feito a mão.

A produção dos produtos feitos de *tais* era competitiva, era indicadora de um projeto de mercado de venda de produtos de *tais*, “um mercado é um grupo de compradores e de vendedores de um determinado bem ou serviço. Os compradores como grupo, determinam a demanda pelo produto e os vendedores, também como grupo, determinam a oferta do produto” (MANKIW, 2009: 66); e também parecia pleitar o projeto de sistema publicitário. Essa produção não parecia ser apenas artesanato. As etiquetas pareciam estar a serviço de um mercado competitivo.

“Os economistas empregam a expressão mercado competitivo para descrever um mercado onde há tantos compradores e vendedores que cada um deles tem impacto insignificante sobre o preço do mercado” (MANKIW, 2009: 66), ou seja, se apenas uma

dessas lojas que vendia produtos derivados de *tais* aumentasse ou abaixasse o preço, provavelmente isso não afetaria o preço dos produtos das outras lojas.

O ponto de convergência que acho interessante traçar entre a produção de *tais* e a produção capitalista, sobre o trecho acima do texto de Rocha é exatamente que ambos tipos de produções precisam e estão anunciadas nos produtos. As duas produções não são autoevidentes, a produção parece ser o espaço do desconhecido e não o espaço do não humano.

Na citação acima há dois exemplos de como a produção é evocada para publicidade. As produções diferentes são exatamente o fato que demanda a necessidade da exposição dessas informações, que serão relevantes para a construção da identidade daquele produto como um produto local, por exemplo, *o tais*. A produção foi e é invocada para construir a imagem que se quer imprimir sobre a personalidade daquele objeto.

Daí que o discurso da publicidade é o de omitir sistematicamente os processos objetivos de produção e a história social do produto. Por meio dela o produto encontra o homem numa instância lúdica de um imaginário gratificante. Neste lugar se ausenta a sociedade real e suas contradições. (ROCHA, 2010, 84).

Porém, nos dois casos anteriormente, tanto no caso descrito como embalado a vácuo, quando no caso descrito como *handmade*, algum aspecto da história social da produção do produto foi utilizada pela publicidade. Atento para este fato, pois as publicidades voltadas para os produtos de *tais*, são todas embasadas em algum aspecto da história social do objeto. Mesmo que a história não fosse totalmente revelada, se revelava o grupo que fez e etc.

De alguma forma eu achava que estava na trilha certa. Estava eu no mercado competitivo de *tais*, observando a publicidade dos produtos derivados de *tais*, quais davam ênfase a algum aspecto da história social do produto a fim de chegar na produção de *tais*. É interessante como de alguma forma a ideia de biografia cultural das coisas e história social do produto se cruzam. Appadurai (1986) aponta pra diferenças entre a biografia cultural e a história social, apesar de não serem assuntos completamente separados:

As diferenças dizem respeito a dois tipos de temporalidade, duas formas de identificar uma classe e dois níveis da escala social. A perspectiva da biografia cultural, formulada por Kopytoff, é apropriada a coisas *específicas* enquanto passam por mãos,

contextos e usos diferentes, acumulando, assim, uma biografia específica, ou um conjunto de biografias. No entanto, quando observamos classes ou tipos de coisas, é importante considerar alterações de longo prazo (muitas vezes na demanda) e dinâmicas de larga escala que transcendem biografias de membros particulares dessa classe ou tipo. (APPADURAI, 1986: 51)

#### 1.1.4 Produto derivado

No caso dos produtos derivados de *tais* é interessante perceber que os produtos através de suas etiquetas são falantes: “a publicidade, como motor da compra, faz deste momento uma linguagem que cala o produto e fala do bem de consumo. O produto calado em sua história social se transforma num objeto imerso em fábulas e imagens” (ROCHA, 2010: 84).

Um produto derivado de *tais*, fala de sua origem, biografia, história social, ou algum aspecto de sua vida. Por isso que dentro deste texto eu uso a ideia de “**produto derivado**” e não de mercadoria, ou bem. Pois quero ressaltar que o produto é produzido por artesãos e sua matéria-prima é o *tais*. Ele pode ser mercadoria, ele pode ser bem. Contudo sua categoria varia de acordo com a parte do circuito econômico que se quer destacar.

A ideia da categoria de “**produto derivado**” também vem do fato de que o processo de derivação, não descaracteriza o *tais*. Assim, creio que fica claro para leitura que os produtos derivados de *tais*, não descaracterizam o *tais*. Nas bolsas de *tais*, é possível perceber o *tais* e assim por diante.

#### 1.1.5 As etiquetas e a expectativa de dádiva

*De fato, o domínio do consumo é aquele no qual homens e objetos são postos em contato (ROCHA, 2010: 84).*

Nas lojas encontravam-se produtos derivados de *tais* e se talvez algum consumidor não soubesse que aquele encontro estava acontecendo, havia uma etiqueta para informar sobre a ocasião. As etiquetas promoviam a personalização dos objetos e o encontro dos produtos com as estrangeiras.

E ao frequentar essas lojas que vendiam produtos de *tais*, percebia que seus clientes eram em sua maioria, *malaes*. Fato que era facilmente explicado pelo motivo dessas lojas estarem muitas vezes localizadas em espaços de maior circulação *malaes*. O que significava

estar em espaços mais “nobres” de Díli.

Quando eu estava ou entrava nestas lojas, algumas vezes, a vendedora, timorense, costumava ignorar clientes timorenses e me dar preferência de atendimento enquanto *malaes*. Sempre eu dizia “pode continuar seu atendimento, ela chegou primeiro”, contudo uma vez a vendedora me respondeu: “timorense não compra”.

Pelo consumo, os objetos diferenciam-se diferenciando, num mesmo gesto e por uma série de operações classificatórias, os homens entre si. O consumo é, no mundo burguês, o palco das diferenças. O que consumimos são marcas. Objetos que fazem a presença e/ou ausência de identidade, visões de mundo, estilos de vida. Roupas, automóveis, bebidas, cigarros, comidas, habitações: enfeites e objetos mais diversos não são consumidos de forma neutra. Eles trazem distinções. São antropomorfizados para levarem aos seus consumidores as individualidades e universos simbólico que a eles foram atribuídos. (ROCHA, 2010: 85)

Quando a vendedora disse que timorense não compra produtos derivados de *tais*, duas hipóteses se fizeram claras: a primeira era das timorenses não acharem o preço justo ou acharem os produtos derivados de *tais* caros, ou delas realmente não se identificarem com os produtos, pois uma timorense durante sua vida tem acesso ao *tais* em outros formatos.

Esse trabalho não pretende responder porque as timorenses não pareciam consumir os produtos derivados de *tais*, ou porque as *malaes* eram as principais consumidoras destes produtos. Nesta seção, apenas é realçado a forma como os produtos derivados de *tais* eram publicizados e seus efeitos. Dentre eles destaca-se o fato das etiquetas promoverem encontros e ações simbólicas, os quais se realizam pela mobilização da ideia de ajuda ao desenvolvimento de setores da população, no caso, as mulheres.

Por um lado, as etiquetas promovem o encontro entre as consumidoras e as produtoras de produtos de *tais*. De outro a aquisição do produto derivado de *tais* acontece como uma ação de ajuda ao desenvolvimento das mulheres, independente do que a palavra ajuda ou desenvolvimento signifique.

Díli é uma ambiente complexo, pós colonial, marcado entre outras coisas por agentes de instituições de cooperação internacional. A cooperação internacional visa o desenvolvimento e é informada pela lógica de dádiva como um regime de troca que é também um regime de poder. Em sendo assim, as instituições de governança global e os aparelhos de



cooperação internacional, como não poderia deixar de ser, também têm tido um papel na produção do *tais* para o mercado.

Pode-se entender, como Silva (2008) tem proposto, que um dos aspectos da lógica de funcionamento das instituições de cooperação internacional, as atrizes que atuam na cooperação internacional se dá pelo regime de dádiva. Neste sentido podemos conectar a dimensão micrológica da etiqueta de produto derivado de *tais*, com a lógica macrológica de funcionamento da cooperação internacional.

Desenvolvimento é um mobilizador político que alimenta a máquina da cooperação internacional. Dentro deste contexto, desenvolvimento e cooperação internacional são quase sinônimos. A lógica do desenvolvimento é atravessada por ansiedades do regime de dádiva. Isso se impõe e se faz presente nas configurações das etiquetas. E nas expectativas das trocas proporcionadas por produtos com etiquetas.

#### **1.1.6 Consumo de produtos derivados de tais**

“O objeto não se esgota como produto fora do domínio do consumo” (ROCHA, 2010: 85). Em Díli, as *malaes* desfilam com suas bolsas de *tais*, seus brincos de *tais*, cadernos de *tais* e várias outras variações de artigos. Uma das expectativas do esteriótipo da *malaes*, principalmente da mulher *malaes*, é ter produtos derivados de *tais* no vestuário.

Mesmo que a *malaes* não compre, eventualmente ela pode ganhar algum colar, brinco, presilha de cabelo. As timorenses podem presentear as *malaes* desta forma, as *malaes* podem presentear as *malaes* desta forma. *Malaes* também costumam ganhar *salendas*. Este consumo de produtos derivados de *tais* não seria uma forma das *malaes* se inserirem nos circuitos de *tais*? Ou o contrário, inserir *malaes* nos circuitos de *tais*? Fazer com que as *malaes* queiram entrar no circuito? Ou talvez apresentar as *malaes* à circuitos locais de dádiva? Ou ainda melhor fazer as *malaes* entrarem no circuito de *tais* pela lógica da dádiva?

Vai ser neste domínio, nas relações de consumo, que o seu valor de uso, sua utilidade, seu sentido para o mundo humano se dá a conhecer plenamente. É no consumo que homens e objetos se olham de frente, se nomeiam e se definem de maneira recíproca. A constante determinação de valores de uso faz de um tipo de produto genérico uma idiossincradia. Da construção, o lar. Do vinho, a cerimônia. Da roupa, a identidade. Da comida, a refeição. Um processo social permanente de seres humanos definindo-se num espelho de objetos e a estes num espelho de homens. (ROCHA, 2010: 85)

Rocha recupera Sahlins para explorar a ideia de totemismo redescoberto, sugerindo que a publicidade funciona como um operador totêmico do pensamento burguês: “Vejam a publicidade e sua função nominadora. A bricolagem que preside sua criação. As operações classificatórias que desempenha. O volume e a extensão do 'mundo de ideias' que espalha” (ROCHA, 2010: 86).

Para efetivamente incluir os produtos derivados de *tais* no mercado em Díli foi necessário também incluir estes produtos no sistema publicitário. Não que as duas coisas andem juntas necessariamente, porém parecem ser dependentes uma da outra no projeto de comodificação que está acontecendo em Díli sobre a venda de *tais* para estrangeiros.

É interessante que a publicidade opera no sentido de informar o consumidor sobre o mercado. “Um produto vende-se para quem pode comprar, um anúncio distribui-se indistintamente” (ROCHA, 2010: 32); você pode ler a etiqueta e não comprar o produto derivado de *tais*. Pode saber que o grupo x, tem a razão y para vender seus produtos.

Assim, podemos perceber o sistema publicitário atribuindo conteúdos representações, nomes e significados ao universo dos produtos. O fluxo constante de serviços, produtos e bens a que somos submetidos é fundamentalmente categorizado para nós pela publicidade. Muitos deles não fariam sequer sentido se não lhe fosse colada uma informação constante do sistema publicitário. A catalogação do produto, as hierarquias do mundo do objeto, o posicionamento dos artigos, a significação dos serviços são, fundamentalmente traçados e articulados dentro dos quadros que compõem o universo dos anúncios. Ali temos um mapa de nomes. Uma sinalização de posições. Um roteiro de sentidos que emprestam conteúdo aos gêneros de produtos, fazendo deles marcas específicas dotadas de nome, lugar e significado. É este sistema publicitário que funciona transmitindo informação básica que sustenta um conhecimento sobre o produto. É dessa maneira que ele se constitui num instrumento seletor e categorizador do mundo. (ROCHA, 2010: 87)

Refletindo sobre isso, é relevante pensar que uma loja cujos produtos não são etiquetados, não é necessariamente prejudicada por este fato. Mesmo a vendedora não saiba explicar direito a origem daqueles produtos. Isso porque os produtos sem etiqueta ganham significado pelo imaginário coletivo gerado pelas etiquetas presentes nos produtos das outras

lojas.

Como disse em uma seção anterior, as etiquetas não costumavam ter um conteúdo muito variado de um grupo para outro, quais poderiam ser resumidos em três pontos: primeiro pronto é a informação de que aquele é um produto artesanal, o segundo é que as pessoas que fizeram ou o grupo que fez aquele produto é composto ou/e ajuda pessoas locais, o terceiro é que ao comprar aquele produto você ajuda aquele grupo de pessoas que o fazem.

Ao identificar e nomear os produtos do mercado, as etiquetas também criam um imaginário coletivo sobre aqueles objetos. “Este 'operador totêmico' tem como função fundamental a nomeação, a individuação. É pelo nome que o produto se pessoaliza e passa a integrar uma rede de relações composta de outros produtos. E quando adquire personalidade, como a “viver” enquanto objeto” (ROCHA, 2010: 88).

É importante trazer a hipótese de Rocha, que explica sobre a apresentação do produto ao citar seu campo com os publicitários, quais dizem que depois do lançamento de um produto, o produto já tem uma personalidade. Dessa forma é possível diminuir a presença física do produto nos próximos anúncios.

Não foi possível saber se as pessoas que idealizam as etiquetas para os produtos derivados de *tais* são publicitárias. Contudo, elas (as pessoas que fizeram as etiquetas) informam dados que acham relevantes para caracterizar os produtos derivados de *tais*. Na verdade, é plausível supor que talvez exatamente pelas etiquetas terem informações parecidas, porventura algum grupo tenha sido pioneiro nas etiquetas e os outros tenham feito parecido, não para copiarem exatamente, mas para se adequarem ao mercado.

Assim, de todas as gasolinas que me foram apresentadas, todas rigorosamente produzidas no mesmo sistema, consumirei aquela mais próxima da minha personalidade. Esso, Petrobrás, Shell, Ipiranga, Texaco etc., têm sua identidades e, por elas, diferenciam-se entre si e, num mesmo gesto, me diferenciam dos consumidores das outras gasolinas-personalidades. O produto é tratado como marca com base na analogia da pessoa. (ROCHA, 2010:89)

Para o caso das etiquetas junto aos produtos derivados de *tais*, sua função parece ser diferenciar os grupos, os quais, acredito, podem ser analisados como marcas. Claro que os grupos têm seus projetos e ajudam pessoas, todavia, isto não os impede de se diferenciarem de

outros grupos, que têm outros projetos e ajudam outras pessoas, “a publicidade cria uma imagem do produto procurando diferenciá-lo dos outros do mesmo tipo” (ROCHA, 2010: 90).

Entretanto a etiqueta, nos casos aqui analisados, também pode ter outro efeito: o de gerar uma expectativa de dádiva. Pois ao comprar os produtos existe a ideia de que se está ajudando algum grupo ou mulheres. Dessa forma, é curioso pensar que as etiquetas trazem de alguma forma as estrangeiras para uma modalidade de dádiva ao comprarem os produtos. Uma dádiva indireta.

A função da publicidade é personalizar o produto, mas talvez no caso dos produtos do *tais*, a personalização fosse encarnada na imagem das mulheres timorenses que seriam ajudadas e não exatamente em uma característica do produto. Desta forma ao invés de ocorrer um encontro entre pessoas e objetos, durante o consumo, parece ocorrer um encontro de pessoas e pessoas, ou pelo menos uma expectativa de humanização daquele produto.

Neste caso, a publicidade teria como função ou efeito de trazer aquele produto para o regime de dádiva, por mais que ele circule no regime de mercado, fato que sobreporia regimes de troca que coexistiriam dentro das ansiedades tanto das produtoras quanto das estrangeiras.

## **1.2 As formas do *tais* em Díli**

Entre 18/07/2014 até 31/10/2014 estive montada no *Arquivo Museu Resistencia Timorense (AMRT)* a exposição Nossa Herança. Senti-me sortuda de chegar em Díli antes dela ser desmontada. O museu da resistência parece estar no coração da cidade e está bem integrado à comunidade. Há uma exposição permanente sobre a resistência timorense, também há exposições temporárias que variam de tema.

A exposição Nossa Herança contava com vários artefatos como máscaras, utensílios de cozinha, estátuas e o que mais me interessava: *tais*! Era uma sala grande com *tais* femininos (*tais feto*) expostos de um lado, *tais* masculinos (*tais mane*) expostos do outro e alguns teares centralizados. Os *tais* eram de diversas origens, produzidos por diferentes grupos etnolinguísticos, como Marobo, Fataluku, Tétum e etc. Também havia um *tais* de material diferente dos outros, que me lembrou palha. Na legenda dizia que o *tais* era de Ataúro.

Creio que foi demasiadamente importante fazer essa visita à exposição pois o que estava no museu era o que eu esperava encontrar no comércio de *tais* em Díli. Tecidos grandes, separados em masculinos e femininos. Claro que era possível encontrar comércio de

*tais* dessa forma, na Alola, na *Things and Stores* e principalmente no mercado de *tais*. Mas, esta era uma expressão pouco explorada nas lojas. Outros artigos como bolsas e brincos ganhavam maior destaque e mais espaço entre as pessoas na rua.

Eram identificáveis, além da costura alguns outros processos na “transformação” do *tais*, como cartonagem e *patchwork*, além de outros que eu desconhecia. O afluxo da produção da tecedeiras não parecia ser a consumidora final, mas sim os grupos e cooperativas que produziam produtos derivados do *tais*.

Parecia existir realmente um esforço criativo para diversificar os usos do *tais*. Era possível encontrar bolsas de todos os tipos, pequenas, médias, grandes, de moedas, *necessaires*, para cosméticos, *ecobags*, bolsas com uma alça, com duas, de carregar de lado, de carregar embaixo do braço, de carregar nas costas, enfim uma variedade inesgotada pelos modelos e também pelas estampas que poderiam mudar de acordo com a origem do *tais*. A circulação do *tais* e as produções que envolviam o *tais* eram muito mais complexas do que eu poderia imaginar. Pois além dessas interações entre tecedeiras e grupos, havia as ONGs e também o mercado de *tais*.

### **1.3.1. Mercado de *Tais***

O Mercado de *Tais* ficava em Colmera, bairro comercial em Díli e é muito similar ao modelo do que conhecemos no Brasil como feira permanente, mas que também pode ser observado como o que Geertz chama de “Economia de Bazar” (1978). Explicarei a Economia de Bazar na próxima seção.

Nos boxes predominava a cor bordô e no chão do mercado havia brita ao invés de cimento ou asfalto, o que ajudava a conter a terra ou poeira. Dentro dos boxes o chão era de cimento, pois isso era extremamente necessário para a que as tecedeiras consigam tecer, porque muitas improvisam teares nas paredes e ficam sentadas no chão. O piso é importante e também faz parte da produção de alguma forma.

Os boxes ficavam um de frente para o outro, fazendo corredores e são numerados. Alguns deles vendem produtos de higiene pessoal, comida o que em conjunto com a quantidade de familiares que permanece nos boxes deixa a impressão que há moradia ali.

Ademais, em quase todos os boxes há uma porta para uma parte de trás, que não é visível para o público, o que também enfatiza a possibilidade de ali também ser a casa das tecedeiras; várias estão lá com filhas, marido, é muito raro ver alguma sozinha no box. Nesse

sentido, é interessante ressaltar que as tecedeiras com quem conversei no mercado de *tais* não são de Díli, são de Ermera. Enquanto uma delas enfatizou o fato de que não tecia em Díli pelo espaço, apenas tecia no distrito.

No mercado, além de *tais*, são vendidos vários produtos derivados, como nas lojas: produtos feitos ou decorados com *tais*, como *salendas*, brincos, colares, bolsas, cadernos e afins. Mas também outros produtos como camisetas de algodão com estampa da bandeira de Timor-Leste, bonés, até *sarongs* (tecidos indonésios). Entretanto, esses produtos derivados de *tais* têm diferente qualidade, distinto dos produtos das lojas. Os do mercado costumam ter a qualidade mais frágil, com costuras “desatentas”, cadernos mal cartonados e mais alguns deslizes. Das vezes que perguntei sobre a autoria dos produtos, foi complexo, pois a resposta por parte das mulheres era: “eu fiz”, ou “sim”, respondendo para “foi você que fez?”.

Era complexo porque algumas bancas tinham além de diversos produtos, diversos *tais* de diversos grupos diferentes, com técnicas diferentes e técnicas dominadas por grupos distintos. Então era difícil pensar que uma tecedeira saberia todas aquelas técnicas ao mesmo tempo. Por isso adotei uma pergunta diferente, perguntava “qual você fez?” e aí a resposta era outra, ninguém respondeu que tinha feito tudo ou todos. Elas escolhiam uma peça e me mostravam. Entretanto, é duvidoso a partir disso dizer que isso prova algo relacionado à autoria, pois era esperado por parte delas que eu comprasse aquela peça específica feita por ela e naquele momento escolhida por ela, para me mostrar.

Uma expectativa normal ao meu ver, pois ali era um local de comércio, aliás eu não conseguia ultrapassar, especialmente no mercado de *tais*, a figura esperada por elas da estrangeira consumista. Acho que não consegui realmente explicar para nenhuma tecedeira que eu estava fazendo pesquisa, porque elas não pareciam se interessar em nada que eu dissesse se isso não estivesse relacionado a alguma compra. Nas primeiras vezes, sentindo o clima, eu comprei algo para ver se a conversa andava, mas elas continuavam me oferecendo outros produtos.

Exatamente por isso era extremamente difícil conversar com as mulheres do mercado de *tais*, porque tive a impressão que elas não queriam conversar comigo. E nem tinham que querer conversar comigo mesmo. Mas eu tentava perguntar as coisas em tétum, em inglês, em português e as respostas eram quase todas direcionadas para eu comprar algum produto. Ademais, eu achava uma situação impossível para se realizar um campo e ao mesmo tempo queria entender melhor a lógica do mercado de *tais*.

Pois apesar de ser denominado como “o mercado de *tais*”, poucas pessoas se referiam às mulheres que lá trabalhavam como tecedeiras. Falavam que elas eram vendedoras, que compravam *tais* nos distritos e vendiam ali. O que era incompatível com as próprias mulheres tecendo *salendas* em seus boxes. Todavia, ao mesmo tempo, vários boxes vendiam *tais* de praticamente todos os distritos. Então havia tecedeira de Ermera vendendo *tais* de Ainaro, Bobonaro, Marobo, Los Palos, Oecusse e etc. Era difícil entender melhor as relações que haviam ali. Mas, depois das minhas investidas, eu sempre acabava saindo do mercado de *tais* com a impressão que era inviável conversar, porque eu não teria dinheiro suficiente para sustentar a pesquisa, literalmente.

Quando eu chegava no mercado, elas começavam chamar minha atenção para que eu entrasse nas bancas, falavam “*tais, tais tais*”. Às vezes era impossível saber seus nomes, apenas falavam, “*Buy*”, “*Compra*”, “*Sosa*”. Tive a impressão que não estabeleci nenhuma conversa, apenas desconversas; tenho no horizonte que sempre tínhamos objetivos diferentes: eu queria falar sobre minha pesquisa, elas queriam negociar seus produtos. Tentei voltar em boxes quais já tinham conversando com as tecedeiras antes, mas quando voltava às vezes elas não estavam em Díli. Outras vezes elas não me reconheciam, ou não sei se fingiam que não me reconheciam. Era uma situação insustentável.

Entretanto, gostaria de antes de encerrar este tópico deixar claro que achei importante falar do mercado de *tais* por quatro fatores. O primeiro tem a ver com a exotização projetada no mercado, qual eu ouvi mais uma vez que eu deveria ir no mercado de *tais* para ver as tecedeiras mascando bétel, com roupas típicas; parece haver uma expectativa de que ali exista mais “cultura timorense”. E talvez por isso as tecedeiras de lá estejam tão fechadas para conversa, afinal parece que as estrangeiras que vão lá têm um propósito bem específico; o de comprar produtos típicos dentro de uma experiência que não é oferecida nas lojas, de uma imersão imaginada na cultura timorense.

A segunda tem a ver com a autonomia das tecedeiras. Diferente dos grupos, as tecedeiras, ou/e vendedoras do mercado de *tais* não vendem a identidade de um grupo, ao mesmo tempo também não vendem a sua própria identidade personificada em nenhuma peça (talvez vendam a cultura timorense projetada pelas estrangeiras). Não há etiquetas. Mas há produtos parecidos com os das lojas, que podem ser feitos por elas ou por outras pessoas, além de muitos *tais* que também podem ser feitos por elas ou por outras pessoas.

Por isso, creio que o descrédito que envolve a imagem do mercado de *tais* “elas são só vendedoras”, ou “não esqueça que elas são vendedoras”, quando alertaram-me sobre suas histórias, podem estar relacionadas com a autoria e autenticidade. Porque um grupo pode produzir muitos produtos diferentes, enquanto uma pessoa é impossibilidade por razões de conhecimento, expertise da produção e tempo para produzir tantos artigos frutos de processos distintos. O que torna a tecedeira uma vendedora de pelo menos parte de seu acervo. Ao mesmo tempo que existe uma ansiedade por parte da compradora de adquirir algo que seja de origem local.

A terceira é relacionada com a negociação. Os produtos no mercado de *tais* não tem marcação de preço. Então você sempre tem que perguntar quanto custa. E diversas vezes as tecedeiras respondem que é um preço, mas que podem fazer outro preço menor. Sistema muito parecido com o modelo de compra e venda indonésio, que é dado um número e a partir desse número vendedora e compradora tentam chegar numa convergência de preço, cada uma falando um número. Modelo que parece enfatizar a relatividade de um bom negócio. Um bom negócio para o vendedor é vender o mais caro que ele puder, o bom negócio para o comprador é comprar pelo mais barato que ele puder. E eu, nas minhas empreitadas negociativas, sempre comprava pelo preço que a tecedeira me dava. Não sei o preço real do produto (do jeito que eu entendo a ideia de preço, claro), do trabalho da tecedeira e ao mesmo tempo também não sabia se ela também sabe. Quando eu achava algo caro, eu simplesmente não comprava. Porque ao negociar eu poderia fazer a tecedeira chegar a um preço que seria desvantajoso para ela. Pois não sei se as tecedeiras têm noção de que mesmo vendendo as coisas pode haver prejuízo financeiro, uma preocupação que eu enquanto ocidental tenho.

Eu ficava muito preocupada com isso, porque havia muitos erros de troco. Tanto para mais quanto para menos. Erros em Díli, não apenas no comércio do *tais*. Ademais, outro fator que preocupava-me também, era que eu nunca tinha visto nenhuma tecedeira se recusar a vender nada. Quando o preço desagradava ela vendia com a cara feia. Creio que era difícil para elas recusar uma venda principalmente por conta da concorrência tão próxima e variada, também disposta a fazer preços melhores para os compradores. Em contrapartida, apenas posso dizer que pagando o preço cheio, ganhei presentes e sorrisos.

### **1.3.2 Economia de Bazar**

O que a principio foi identificado como feira ou como modelo de venda indonésio em



Timor-Leste pode ser entendido como economia de bazar. Com base em suas pesquisas no Marrocos e na Indonésia, Geertz se propõe a analisar “sistemas de mercado camponês” que ele chama de economia de bazar (1978: 28).

Para Geertz existem dois tipos de bazar, o primeiro que é permeante e integrado as cidades e o segundo que periódico e que ocorre em pontos diversos. Geertz observa a palavra bazar como tendo origem persa e incerta ao mesmo tempo, porém palavra que foi apropriada para o entendimento em inglês de mercados orientais (1978: 28).

Considerado como uma variedade de sistema econômico, o bazar mostra um número de características distintivas. Sua distinção repousa menos nos processos que operam e mais no modo como esses processos são formatados em uma forma coerente. As máximas usuais se aplicam aqui como em outros lugares: vendedores procuram lucros máximos; consumidores máxima utilidade, preço relaciona suprimento e demanda (...) (GEERTZ, 1978: 29)<sup>1</sup>

Entretanto, a maior característica do bazar seria a utilidade dos fluxos de informação. Para Geertz “... no bazar a informação é pobre, escassa, mal distribuída, ineficientemente comunicada, e intensamente valiosa” (1978: 29)<sup>2</sup>. A falta de informação sobre o bazar é descrita por Geertz como ignorância, ignorância do preço, ignorância da qualidade e etc, todas ignorâncias do consumidor, qual não sabe em qual lugar seria melhor comprar.

Geertz também afirma, indiretamente que economias de mercado precisam e dependem de geração e transmissão de informação. Enquanto “a busca por informação – laboriosa, incerta, complexa e irregular – é a experiência central na vida do bazar” (GEERTZ, 1978: 30)<sup>3</sup>. As habilidades de troca são centrais no bazar.

Os dois pontos que são mais importantes para Geertz dentro dos procedimentos de busca no bazar são: clientelização e barganha (1978: 30)<sup>4</sup>. Geertz afirma que as relações de clientela não geram dependência e sim competição. “Clientela é simétrica, igualitária, e opositiva. Não existem 'patrões' no sentido de mestre e homem” (GEERTZ, 1978:30)<sup>5</sup>.

Ao repartir o bazar lotado entre aqueles que são candidatos genuínos à sua atenção e aqueles que apenas teoricamente os são, a clientelização reduz a buscas para proporções administráveis e transforma a multidão difusa em uma coleção estável de antagonistas familiares. O uso de trocas repetitivas entre candidatos familiarizados

para limitar os custos da busca é uma consequência prática a estrutura institucional geral do bazar e um elemento interno à aquela estrutura. (GEERTZ, 1978: 30)<sup>6</sup>.

A clientização, seria uma forma do vendedor lucrar com a falta de informação e a imprecisão e a desigualdade de distribuição de conhecimento tem importância econômica. Enquanto a barganha seria multidimensional. Qual a barganha, apesar da sua relação com o preço, o espírito da barganha se concentra na confrontação, abaixar ou diminuir o volume de coisas pelo mesmo preço e afins.

Geertz afirma que bazares não são projetados para turistas (1978: 31), porque o protocolo do contato e da compra, a dispersão de preço, a procedência dos produtos e outros fatores são todos desconhecidos para os que não frequentam o bazar. A organização do bazar é completamente voltada para as pessoas familiarizadas com ele.

Do ponto de vista da busca, a tipo produtivo de barganha é aquela do comprador e vendedor firmemente clientelizados explorando as dimensões da transação particular, provavelmente a ser consumada. Aqui, como em outro lugar no bazar, tudo finalmente repousa numa confrontação pessoal entre antagonistas íntimos. (GEERTZ, 1978: 32)<sup>7</sup>

O que é muito curioso quando pensamos no Mercado de *tais* em Díli, por exemplo. Que parece ter sido um espaço idealizado para o consumo turístico ou estrangeiro, em projeto. Porém quando as mulheres se apropriaram dos boxes e dos espaços, elas subverteram o sistema de venda esperado no local.

O projeto do Mercado de *tais* é controverso ao seu real funcionamento, ou vice-versa. Mas tanto o projeto quando a realidade são voltados para consumidoras *malaes*. Porém, as estrangeiras nem sempre entendem a forma de contato, a forma de confronto, encaram a falta de informação como falta de autenticidade, entre outras coisas. Eu não consegui superar essas diferenças, para entender o modo operacional e não sei se é entendido por outras estrangeiras.

Não apenas o mercado de *tais* tem muitas semelhanças com a economia de bazar, a maioria dos comércios em Timor-Leste que conheci que não era administrados por estrangeiras poderiam ser encaixadas em mercado de bazar. Talvez ainda uma influência da Indonésia, afinal os mercados em Bali pelo menos têm esta organização e premissa.

Toda a estrutura da barganha é determinada por este fato: que ela é um canal de comunicação evoluído para servir as necessidade de homens imediatamente acoplados e opostos. As regras governando são uma resposta à situação na qual duas pessoas em lados opostos de uma possibilidade de troca estão ambos lutando para tornar esta possibilidade real e ganhar uma leve vantagem com isto. A maioria da “negociação de preço” do bazar se passa à direita da casa decimal. Mas não é menos afiado por causa disso. (GEERTZ, 1978: 32)<sup>8</sup>

Uma forma interessante de pensar o bazar é em oposição a publicidade. Enquanto o bazar funciona pela lógica precaridade de informação como tática de barganha e clientilização, a publicidade funciona pela lógica de distribuição de informação sobre o que está disponível e a ideia da escolha do consumidor.

#### **1.4 O recomeço. Kor Timor**

Na sexta (três dias após a queda de moto) acordei disposta e resolvi ir ao shopping de Díli, que se chama Timor Plaza, pois indo lá conseguiria ter acesso a pelo menos quatro lojas: Doce Vida, *Joia Gallery*, Arte Cultura e *Alola Esperansa*. Além de que se eu ficasse cansada haveria bancos no prédio quais eu poderia sentar e esperar. O Plaza está localizado em Comoro, bairro mais afastado de Vila-Verde, onde eu morava. Sempre que ia para o shopping pagava as corridas mais caras de táxi. Os taxistas do Plaza também eram os mais chatos; em nenhum outro trecho da cidade algum taxista me perguntou se eu era casada ou onde estava meu marido, isso apenas aconteceu comigo quando peguei táxis parados em sua porta. Eu ia ao Plaza o mínimo possível.

Subi as escadas, minha intenção era ir na loja da Alola, contudo, quando vi estava em uma parte do shopping que ainda não conhecia. Era uma parte menos movimentada e com lojas que pareciam ser mais sofisticadas, havia até uma clínica de massagem. Ademais para minha completa surpresa me deparei com uma loja chamada “*Kor Timor*”, qual eu conseguia ver do lado de fora várias coisas de *tais* em suas estantes vermelhas. Entrei na loja aos poucos, deslumbrada. A moça que estava na loja me disse “*Hello*”, eu respondi “Bom dia”. Tinha cadernos, porta-retratos, porta canetas, brincos e *tais*, entre muitas outras coisas além de Bonecas de Ataúro. Fui à caça de produtos com etiquetas e boa parte das coisas tinha as etiquetas da própria “*Kor Timor*”. Escolhi algumas coisas e fui pagar. Ela anotou as coisas e o

valor numa nota fiscal. É muito comum as pessoas em Díli darem nota fiscal e fazem a mão mesmo, nunca pedi e sempre me deram. Mostrei para a moça a etiqueta que indicava o grupo “*Kor Timor*”, aponte perguntando onde era feito. Ela respondeu que era feito em Díli por artesãos locais. Então perguntei se ela também fazia, ela respondeu que sim. Na hora perguntei se ela falava português, estava tão empolgada que não conseguia mais pensar em tétum ou em inglês. Ela disse que falava pouco português porque não tinha com quem praticar.

Continuamos conversando. Ela me perguntou se eu era portuguesa, eu disse que era brasileira. Ela perguntou no que eu trabalhava, então expliquei que estava fazendo intercâmbio que era aluna da UNTL, que estava fazendo uma pesquisa sobre tecelagem do *tais*, mas que não sabia por onde começar. Na hora ela disse “*I help you!*” e falou que ia me mostrar e para completar a frase que terminou sem palavras, fez um movimento da tecelagem, trazendo os braços para frente e para trás com os punhos fechados. Perguntou onde eu morava, falei que morava perto da imigração (referencia que os taxistas me ensinaram a usar), então ela marcou para nos encontrarmos na frente da imigração na segunda às 14h.

Ela me deu o telefone dela e falou para eu dar o meu pra ela. Agradei muito e me despedi. Seu nome era Betty! E eu não sabia como, nem se realmente ela iria me ajudar, nem tinha entendido o que ela pretendia fazer segunda às 14h. Porém sua disposição me animou imensamente. Era a primeira pessoa que tinha marcado algo comigo efetivamente em Díli. E não apenas dito que iria ligar. Estava já ansiosa pra segunda.

Fui encontrar a Betty na frente da imigração. Quando deu 14h10, liguei para Betty e ela atendeu dizendo “*Where you stay now?*” e eu disse “Imigração”. Ela falou para eu esperá-la lá. Depois de uns 15 minutos ouvi a Betty me chamando, ela estava descendo de uma *mikrolet* e já me falou que nós iríamos pegar um táxi e ir para *Taibese*. Eu apenas concordei. Ela disse que iríamos no *office* dela e de lá ela ligaria para outro lugar. Betty parou o táxi e negociou com o moço. Foi o táxi mais barato que peguei. Com certeza havia um preço diferenciado para estrangeiras e timorenses, eu pensei. Eu nunca tinha ido a *Taibese*, então o trajeto foi muito interessante para mim. Quando passamos na frente do cemitério de santa cruz, ela perguntou se eu sabia o que tinha acontecido lá, eu disse “massacre” ela concordou e disse “*massacra*”.

Paramos na frente de um imóvel com uma arquitetura mais arredondada, me lembrava uma torre de castelo, olhando de fora eu não sabia dizer se tinha um ou mais andares, a porta

estava apenas encostada e logo entramos. A Betty foi me mostrando o espaço havia alguns cômodos e algumas pessoas trabalhando. Em todos os lugares a Betty me apresentava como colega do Brasil, contudo, não me falava o nome das pessoas. Ela parecia estar com pressa, então fui no tempo dela. De qualquer forma eu estava abobada, ali estava todo o processo de cartonagem.

Passamos para um próximo cômodo qual havia duas mesas paralelas e uma senhora em uma delas, estava fazendo coletes. Ali era a parte do corte do *tais* e do tecido. Perguntei brevemente como essa senhora tinha aprendido a costurar, ela se chamava Inês e disse que tinha aprendido com australianas. Aliás, a Betty também me disse que tinha começado a *Kor Timor* com ajuda de australianas em 2006. Por último havia mais um cômodo que também tinha costureiras, mas estavam nas máquinas costurando bolsas. Também fiquei fascinada, ali havia o processo completo de *patchwork*, que pode ser definido como trabalho com retalhos, além de costura é claro.

Então a Betty disse que iria fazer a ligação. Quando a outra pessoa atendeu, Betty disse ao telefone que estava com uma brasileira que queria ir lá (para o lugar onde a pessoa do outro lado da linha estava). Ela passou o telefone pra mim. Uma mulher me perguntou em português se eu queria ir lá. Eu disse que sim, que queria ir lá. Sem saber onde era esse “lá”. Fomos saindo, nos despedindo de todas. Comprei uns brincos e a Betty falou que faria um preço mais barato porque eu era estudante. Saímos da *Kor Timor* e fomos subindo a rua.

Comecei a avistar atrás do comércio da rua algumas bancas de madeira, perguntei para Betty se ali era o mercado de *Taibesi*, ela confirmou, perguntou se eu já tinha ao mercado. Eu disse que não. Perguntou se eu já tinha ouvido sobre o mercado, disse que sim. Não sabia para onde estamos indo, mas aproveitei para me oferecer para ser voluntária na *Kor Timor*, a Betty disse que ia conversar com a “*manager*” e que depois me ligaria. Já adianto que a Betty nunca ligou para dar essa resposta, ainda tentei ligar para ela depois, mas ela desconversou. Entendi que era um não.

Na *Kor Timor* eu vi os processos com os *tais*. Mas na minha cabeça ainda tinha uma pergunta: de onde vêm esses *tais*? Pois o preço dos produtos feitos com o *tais* era incompatível com o preço do *tais*. Se os grupos que faziam objetos cotando o *tais* ao mesmo preço do *tais* vendido ao público os produtos deveriam ser muito mais caros. Os preços dos produtos derivados de *tais* eram incompatíveis com preço dos *tais*, apesar de vários produtos apenas usar pedaços do *tais*. De onde vinha o *tais*? Pois ali na *Kor Timor* era claro que não

havia tecelagem. Era uma questão de onde vinha o *tais* usado por esses diversos grupos que estavam fazendo cartonagem, *patchwork* e outros processos bastante criativos. Ao mesmo tempo que era interessante perceber que o *tais* adquiria tantas formas e parecia extremamente versátil para diversas práticas artesanais.

Passamos pela frente do mercado de *Taibesi* e logo chegamos a um lote. De fora, ou até mesmo em sua entrada não era possível perceber o que acontecia lá dentro. Havia uma guarita que estava vazia. O terreno era enorme e parecia abrigar vários galpões grandes. Fomos em direção ao último galpão que ficava paralelo ao muro da entrada.

Havia algumas portas, todas estavam abertas. No entanto, nos encaminhamos para entrar na penúltima. Ao lado dela, na parede do galpão tinha uma discreta placa “*Sentru Suku Foudasaun Alola*”. Assim que entramos, uma senhora que estava sentada veio ao nosso encontro. Percebi que deveria ser a pessoa do telefone. Ela perguntou se eu era portuguesa e eu disse que era brasileira. Eu perguntei se ela era portuguesa e ela disse que era 100% timorense. Era a primeira timorense que eu conhecia até o momento que falava um português realmente fluente, seu nome era Ofélia.

O Galpão era muito grande e estava dividido de acordo com as atividades. Ofélia fez uma visita guiada rápida, me mostrando tudo (não me atentarei a descrever o espaço agora, pois o farei no terceiro capítulo) Havia cerca de 20 pessoas trabalhando e quase todas mulheres, que ficaram um pouco curiosas com nossa presença. Talvez só a minha presença, pois depois soube que a Betty tinha sido professora para as pessoas que trabalhavam ali, professora de alfabetização.

“Lá” havia vestidos de noiva prontos para a venda doados por alguém, processos de corte de tecido (*tais*), costura de bolsas (*tais*) e afins e o que eu mais procurava e já não tinha esperança de achar em Díli: tecelagem de *tais*. Entendi também que “lá” era comprado *tais* das mulheres dos distritos, mas na hora não consegui entender como isso era feito. Porém fiquei eufórica. Pela primeira vez em Díli vislumbrava um espaço que era realmente compatível com meus interesses de pesquisa.

A Betty me censurou por eu não ter tirado fotos durante a visita, perguntou se eu não tinha câmera. Mas eu não queria chegar com a câmera antes que soubessem o que eu pretendia fazer. Falei para Ofélia um pouco sobre a minha pesquisa e logo me ofereci para ser voluntária. Ofélia me perguntou em qual parte eu queria trabalhar, eu disse que o que eu

soubesse fazer, poderia fazer, como costurar e o que eu não soubesse, estaria disposta a aprender! Ofélia disse que trabalho não faltava.

### **1.5 Considerações sobre capítulo 1**

Em Díli a tecelagem do *tais* era praticamente invisível para várias timorenses que conheci. E demorei um pouco para perceber que a indicação de “*só tem tecedeira nos distritos*” poderia falar mais sobre reprodução de saberes locais e tradicionais (SILVA 2012), não esperados na capital do país, do que informações efetivas sobre o *tais*.

As etiquetas revelam que o circuito de *tais* em Díli já pode ser descrito como um mercado. A busca de diferenciação do produto e criação de “identidade” para os grupos ou marcas são efeitos do fenômeno de competição para vender. O mercado de produtos de *tais* que é voltado primeiramente para as estrangeiras que trabalham em ONGs e missões. Também colabora para o mercado turístico emergente.

A vigência da economia de bazar é interessante para perceber que mesmo dentro do regime de mercado há coexistência explícita de práticas diferentes de transação. Mas, as expectativas diferentes de contato e negociação podem causar mal entendidos ou desentendimentos.

# capítulo 2

## Um pouco sobre Ofélia





Este capítulo apresenta de forma mais extensa eventos que marcaram a trajetória de Ofélia, minha principal interlocutora no trabalho de campo. Como cada um de nós, Ofélia é influenciada por seu tempo. Por meio das histórias que Ofélia me contava, a história de Timor-Leste se concretizava e foi sendo entendida por mim. Ofélia também atuava como mediadora das experiências e ângulos pelos quais eu conhecia dimensões do Galpão e da história do jovem país.

## **2.1 Introdução à escrita do capítulo**

Este capítulo é uma tentativa de narrar um pouco da trajetória da Ofélia. Os dados apresentados aqui estão dispostos como todos os outros dados da dissertação: em uma ordem que eu construí. Ressalto a artificialidade da estrutura da apresentação dos dados neste capítulo, mais que nos outros, porque neste capítulo há passagens de tempo mais visíveis para a leitura.

Entretanto, as passagens aqui relatadas não foram-me contadas de forma cronológica, linear, nem dentro de entrevistas. Pelo contrário apareciam em conversas no dia-a-dia que tive com Ofélia em que alguns desses assuntos foram por vezes iniciados pela própria Ofélia.

Infelizmente pela correria ao fim do ano do Galpão eu não consegui sentar e repassar com a Ofélia todos os fatos aqui expostos, nem realmente fazer uma entrevista sobre sua vida, qual ela mesmo poderia dar mais ênfase ao que achasse mais importante, ou que, sendo gravada, poderia ser mais “fiel” às suas próprias palavras.

Apresento os parágrafos que vem a seguir como peças de um quebra cabeça que não se pode montar completamente, afinal nem se eu fosse contar a minha própria trajetória seria extremamente pontual ou exata resultando uma figura final. Então gostaria de deixar num horizonte analítico a minha tentativa desfalcada e para sempre incompleta de apresentar Ofélia.

Curiosamente, Becker tem um texto chamado “A história de vida e o mosaico científico”, qual Becker chama a atenção para o fato da história de vida não ser um dado convencional, não ser uma autobiografia e também não ser ficção. Becker adverte que um cientista social analisando uma história alheia, tende a dar o enfoque ao que é interessante para sua narrativa (do cientista) .

O texto de Becker sugere a ideia de estudos individuais como peças de um mosaico maior, qual poderia ser uma cidade, como Díli, por exemplo, pensando no contexto

apresentado. Porém é muito complexo pensar em um todo maior, quando a própria trajetória de vida por si é extremamente fragmentada e incrivelmente integrada de várias partes, como um mosaico.

Para Mirian Goldenberg “a utilização do método biográfico em ciências sociais vem, necessariamente, acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido” (2003: 36). Discussão que eu não saberia conduzir, porém qual reconheço ter entendido muito da história do Timor, pela trajetória da Ofélia.

Ofélia é singular. Não pretendo que sua trajetória seja representativa de todas as mulheres em Timor, nem generalizaria sua visão de mundo para as outras timorenses. Entretanto, sei que algumas pessoas podem se identificar com ela e também terem aspectos em comum, afinal Ofélia faz parte do presente e do passado de Timor-Leste. Entretanto, trago um pouco da vida da Ofélia para dar vida a ela dentro desse texto. Para que a cara leitora do texto perceba como ela chegou no Galpão, como ela se apresentou para mim, ou para ser mais precisa, como eu a percebi.

Não posso deixar de pensar que intimamente esse capítulo não deixa de ser uma homenagem a sua pessoa. Pois com muita atenção e medo, escrevo aqui minhas impressões e de certa forma minhas interpretações sobre o que Ofélia me contou sobre sua trajetória. Tenho consciência de que quando as pessoas nos contam suas vidas, talvez elas não tenham a dimensão do quanto, enquanto estudantes ou antropólogas, podemos explorar trechos específicos de suas passagens, sem falar, claro, do fato de que podemos, sem querer (ou por querer) distorcer palavras ou narrativas.

Antes de passar para as próximas linhas trago aqui desculpas antecipadas a Ofélia, caso eu tenha escrito algo de forma equivocada, desrespeitosa ou descuidada. Creio que esse trabalho não teria sentido se eu não abordasse pontos sobre o passado e o cotidiano de Ofélia. Sua trajetória esta entrelaçada com a existência do Galpão e é um efeito dos processos que engendraram o que hoje conhecemos como Timor-Leste.

## **2.2 Meu lugar em campo e Ofélia**

Todos os dias quando eu chegava ao *Sentru Suku*, eu procurava a Ofélia. Normalmente ela estava em sua mesa, atenta à alguma atividade. Poderia estar conferindo contratos, conferindo estoque do Galpão, estoque das lojas, desenhando algum modelo novo de bolsa ou

passando alguma *ordem* para o molde, atendendo algum cliente por telefone ou afins.

Mesmo concentrada em alguma atividade, de tempos em tempos ela levantava a cabeça e passava o olho por todo o Galpão. Olhava como estava o trabalho, se alguém precisava de ajuda ou algo do gênero. Eventualmente, alguém vinha a sua mesa, principalmente as tecedeiras, para mostrar *salendas*, para que Ofélia conferisse a ortografia, entre outras coisas.

Ofélia também fazia um primeiro atendimento para as pessoas que vinham fazer *ordens* de *salendas*. Os encomendadores sentavam nas cadeiras que ficavam a à sua frente. Ofélia falava dos prazos, dos preços e também mostrava outras *salendas*, para que fosse combinado todos os detalhes do produto.

Ela também atendia as mulheres dos distritos que vinham vender os *tais*. Quando isso acontecia, quase sempre ela se levantava da sua mesa para ir até outra mesa qual tinha uma balança em cima e separava os *tais* para depois pesá-los, processo que vou descrever no capítulo 4. Ofélia também falava para as mulheres do distrito sobre os *tais* que elas trouxeram, se poderiam fazer mais de certas cores ou outras, entre outras coisas.

Eu costumava chegar no Galpão e sentar neste lugar que os clientes ocupavam, à sua frente na mesa. Quando chegava alguém para ser atendido, eu me levantava e dava uma volta pelo *Sentru Suku*, ou me sentava na mesa que ficava atrás da mesa da Ofélia. Quando Ofélia também tinha muito trabalho, eu procurava não ficar tanto tempo à sua mesa.

Outras vezes quando cheguei, encontrei Ofélia costurando vestidos, para uma encomenda, também encontrei Ofélia na área do corte confeccionando moldes, como também sentada ao lado de alguma tecedeira acompanhando a confecção de uma primeira *salenda*. Ofélia transitava frequentemente pelo Galpão.

Ofélia acumulava diversas tarefas e não era difícil vê-la exercendo cada uma delas. Ela organizava tudo que deveria fazer, além de pensar na organização do Galpão e das lojas. A organização tinha um ritmo antecipado, Ofélia sempre avisava com antecedência as mulheres de algo que fossem fazer, ou se algo fosse mudar.

Sua função era “*manager*”, ela falava assim em inglês e sua maior tarefa era manter todo o complexo do Galpão funcionando. Ofélia conhecia os processos da costura, da tecelagem e havia criado o processo da compra do *tais*. Sua maior dificuldade era encontrar outras pessoas para seu cargo, além da disposição para acumular as funções, as pessoas deveriam ter expertise em cada uma dessas tarefas.

Meu lugar em campo era ali, na frente da Ofélia, no mesmo lugar dos clientes. Pois era o lugar que eu podia deixar minha mochila, enquanto eu vagava o *Sentru Suku* tirando fotos e tentando conversar com as mulheres, entre outras coisas. Porém, por mais que eu andasse, eu voltava para lá, para a mesa da Ofélia. Fosse para fazer anotações sobre conversas com as mulheres, para perguntar coisas para Ofélia e principalmente para conversar com a Ofélia.

Quando comecei o campo, Ofélia estava com a saída do Galpão marcada para dezembro. Durante algum tempo, pensava que essa era uma coisa que nós duas tínhamos em comum, iríamos embora do *Sentru Suku* em dezembro. Durante esse período (até dezembro) a Alola deveria procurar outra pessoa para o seu lugar.

Contudo, no decorrer do tempo, Ofélia viu que não tinham achado outra pessoa para ocupar seu posto e sob risco do Galpão fechar as portas decidiu permanecer trabalhando no *Sentru Suku* no ano seguinte. Assim, logo começou a planejar as atividades e tudo mais para o ano de 2015. Além de também ir atrás de novas *ordens*.

Ofélia dizia que o começo do ano era apertado financeiramente para o Galpão, pois havia no fim do ano os pagamentos de décimo terceiro e férias. Assim, janeiro costumava ser um mês complicado e quanto mais *ordens* tivessem para o início do ano, mais tranquilo seria também o resto do ano. Era importante começar bem.

Aos poucos eu fui começando a acompanhar a rotina da Ofélia. Percebia se havia novas *ordens* a partir de sua dedicação para passar novos desenhos ou nomes para folhas quadriculadas. Percebia se haveria novas bolsas a partir de seus desenhos para futuros moldes. Além de perceber algumas outras coisas do trabalho através de conversas com a própria Ofélia.

Na primeira vez que sentei à sua frente, ela me perguntou se eu me importava se ela fumasse. Eu disse que não me importava porque meu pai fumava. Ofélia disse que tentou parar de fumar de todas as formas, fez vários tratamentos, inclusive de hipnose. Ela disse que uma médica lhe disse que ela associava o cigarro ao pai dela. Pois em 1975, quando o Timor foi invadido pela Indonésia, seu pai não podia trabalhar e ficava em casa. Que ela levava café para o pai, ele falava para Ofélia sentar com ele e fumar um cigarro.

A mãe de Ofélia falava “não vá ensinar a menina a fumar”, mas seu pai dizia que estava sem amigos para fumar. Ofélia disse que ela era muito amiga do pai e também disse que questionou a médica sobre ter dito que ela associava o cigarro ao pai, “porque me dissestes isso?”. Ressaltando como que ela iria parar de fumar agora com uma associação tão



consciente. Mas Ofélia disse que antes da médica dizer, ela já sabia.

### 2.3 Um pouco sobre Ofélia

Ofélia tinha 57 anos no período que frequentei o *Sentru Suku*. Era casada e tinha três filhos, dois homens que moravam na Austrália e uma menina que morava em Díli. Ofélia nasceu em Ainaro e foi para Díli com três aninhos. Era a filha mais velha e tinha muitos irmãos. Seus pais tiveram 10 filhos.

Sua mãe era timorense, também de Ainaro, era filha do *Liurai* da região (*Liurai* pode ser traduzido como “rei”, chefe local) de Ainaro. Sua mãe costurava muito bem e em diversas ocasiões quando Ofélia se referia a costura, falava sobre sua mãe costurando. Que a mãe fazia um vestido novo para missa de domingo e ela ficava apenas vendo. Então quando a mãe de Ofélia estava grávida dos gêmeos a gravidez “foi diferente”, a barriga ficou maior e por isso ela foi ter as crianças no hospital.

Com a mãe internada Ofélia pediu para sua tia, irmã de sua mãe, “faz meu vestido de domingo?” e a tia falou que não ia fazer, pois sabia como era a mãe dela, pois ela iria brigar por mexer nas coisas dela. Ofélia comentou dizendo que a mãe era mais nova que a tia, mas que a mãe era tão “reta”, seria algo como rígida, que a irmã mais velha não a confrontava.

Então a Ofélia disse para tia que ela mesmo faria o vestido. A tia lhe disse “depois não diga que eu não avisei”, alertando sobre uma futura bronca. Ofélia disse que ela mesma fez o vestido, que foi a missa e logo em seguida foi a maternidade levar o *pequeno almoço* para a mãe. Quando a mãe viu Ofélia, afirmou “sua tia fez o vestido!” e Ofélia respondeu “Não, eu que fiz”.

Ofélia disse que a mãe olhou o vestido, Ofélia contou isso segurando sua blusa, dizendo que a mãe olhou as costuras e disse “está bem”. Ofélia disse que depois desse dia, sua mãe não sentou mais a máquina de costura, Ofélia que costurava. Isso foi quando ela tinha 9 anos. Foi assim que aprendeu a costurar. Ofélia disse que para os irmãos dela mais novos, as lembranças que eles tem da “mana”, como ela disse, eram dela junto a máquina.

Ofélia disse algumas vezes que gostava de costurar, que queria ser modista, mas seu pai achava que ela tinha que aproveitar para estudar, que tinha que ir para Portugal e quando Ofélia cresceu, ele a levou para trabalhar na “repartição” em Timor. Ofélia trabalhou na repartição, mas não gostou. Ela disse que no fundo não era aquilo que ela queria fazer. Ofélia acrescentou que não tinha jeito, entre um emprego e outro sempre tinha a costura. Que o pai

dela achava Ofélia muito esperta e falava para ela largar a máquina (máquina de costura).

O pai da Ofélia era português, ele chegou em Timor em 1947, depois da segunda guerra mundial. Ele veio de Moçambique e foi para ficar três anos no então Timor Português. Todavia, quando completou três anos, seu pai pediu para ficar mais três anos. Ele tinha gostado de Timor. Ele fez isso até conhecer a mãe de Ofélia, se apaixonar e casar com ela. Como o pai da Ofélia tinha gostado muito de Timor, ele comprou uma plantação de borracha. Mas para chegar na plantação de borracha era preciso passar por Ainaro e em uma dessas idas e vindas, seu pai viu sua mãe e se interessou.

Segundo Ofélia, seu pai perguntou para um chinês da região, quem era aquela moça (mãe da Ofélia) e o chinês disse que ela era filha do *Liurai*. Assim, o pai da Ofélia voltou para Díli, se preparou emocionalmente e voltou para Ainaro. Quando seu pai chegou na casa de seu avô, Ofélia conta que chovia muito. O avô estava na varanda e seu pai do lado de fora logo disse que queria casar com a filha dele.

O avô disse para seu pai, que estava na chuva, para ele entrar para eles conversarem, porém, o pai de Ofélia disse que só entraria se a mãe de Ofélia aceitasse se casar com ele. O avô da Ofélia chamou sua filha e perguntou se ela queria casar com aquele homem, Ofélia disse que a mãe disse que ficou sem entender o que estava acontecendo. Contudo, que seu pai (avô da Ofélia) lhe disse, no “dialetto”, para ela dizer que sim, apenas para o homem sair da chuva. Ofélia disse que o pai dela tinha entendido o que o avô tinha dito, mas que internamente torcia para que ela dissesse sim de verdade.

No mesmo dia que o pai da Ofélia pediu sua mãe em casamento, 20 de maio, uma moça que morava perto de sua mãe deu a luz a um menino. Como essa moça teria que casar com o pai da criança que era muito mais velho, a mãe da Ofélia disse a moça que criaria a criança e que a moça assim poderia seguir sua vida. Por isso Ofélia era a filha mais velha, mulher, pois nasceu depois desse menino que os pais criaram.

Ofélia, assim como seus irmãos e sua mãe, tinha um nome em português e um nome indígena, pois não era possível batizar as crianças com o nome indígena. Seu nome indígena foi escolhido por seu avô materno e significava “irmão mais velho”. Ofélia disse que era nome de homem e quando ela cresceu foi “queixar-se” com seu avô e lhe perguntou porque ele dera para ela um nome de homem. O avô disse que não era porque ela era mulher que ela não teria as responsabilidades de uma irmã mais velha.



O que eu achei interessante e comentei com a Ofélia, quando ela contou-me isso, que seu avô de certa forma havia feito uma previsão. O pouco que eu via da Ofélia em relação com os irmãos era que ela estava quase sempre a aconselhar e mediar. Fiquei pensando um pouco no sentido de matriarca da família, contudo, não sei se é um termo significativo para a realidade timorense.

Quando a Ofélia falava de tecelagem de *tais*, ela sempre remetia-se a lembranças de sua avó materna. Quando pequena, Ofélia gostava de acompanhar a avó que tecia e também costurava. A mãe de Ofélia também tecia, mas com menos frequência que a avó, apenas tecia *tais* para dar de presente para as cunhadas portuguesas.

Com sua avó, Ofélia aprendeu e observou várias peculiaridades sobre a tecelagem do *tais*, como por exemplo, quando era período chuvoso tecia-se menos e era necessário cera de abelha para passar no *noru*, artefato usado para bater a linha no tear, para se tecer. Quando começou a chover em Díli e as tecedeiras lembraram sobre a necessidade de comprar cera. Assim Ofélia contou-me sobre sua avó.

Ofélia também disse que observava a avó tingir os *tais* com uma folha, que deixava os *tais* pretos, mas que na verdade não era exatamente preto, era um azul bem escuro. Era a cor dos *tais* de Bobonaro, afinal os *tais* de Bobonaro eram pretos. Era interessante perceber que cada distrito tinha cores e técnicas de tingimento ou tecelagem ou costura específicos para seus *tais*. Em contra ponto dou exemplo do *tais* de Los Palos (outro distrito), que era muito colorido, com prevalência de cores rosadas e acastanhadas.

Apesar do pai de Ofélia ser português, ela dizia que ele sempre incentivou bastante ela e os irmãos para conhecer a cultura timorense. Que ela nas férias ia visitar os avós em Ainaro. Ofélia lembrou que como seu avô era *Liurai*, sua avó tecia pelo menos duas peças de *tais* por ano, para apresentar nas datas comemorativas.

Uma dessas festas era 4 de junho, Ofélia disse que costumava ser o dia de Camões. Era um dia que pessoas de todos os distritos iam à Díli. Ofélia lembra-se que todos iam vestidos com *tais*, ressaltando que eram belíssimos *tais*, que cada um vinha com o *tais* do seu distrito, além de pulseiras e colares.

Porém, Ofélia lamentou dizendo que queimaram tudo. Queimaram os *tais* de várias famílias, inclusive da dela, durante a guerra e a ocupação. Que infelizmente os que sobraram foram vendidos depois e que foram vendidos por preços baratos, ninguém valorizou. Se



Timor quisesse fazer um museu, teria que sair comprando tudo de volta, sugeriu ela. Comentei que havia uma exposição no museu da resistência com *tais* e Ofélia disse que os *tais* que tinham lá eram poucos. Que existiam muitos *tais* espalhados por aí.

Em seguida Ofélia disse que havia pouca gente interessada para conhecer coisas sobre o *tais*. Para conhecer como é, de onde vem. Que algumas pessoas dizem que como a Ofélia entende, elas não precisam entender. Acham bonito, mas não querem saber o que significa, nem saber o que significa os motivos, cores e etc.

Eu perguntei se a filha dela sabia costurar. Um pouco dizia, dizia ela. Mas que também que ela era muito nova (tinha 14 anos) e que se interessava mais por tecnologia. Porém que todos os jovens se interessam mais por tecnologia. Que na época dela costurar, tecer e todas essas coisas eram entretenimento. Pois em sua época não tinha TV, apenas rádio.

Quando ocorria algum processo diferenciado que envolvia *tais* no Galpão, a Ofélia explicava-me. Um exemplo era o *futus*, que é uma técnica de tingimento. Então as tecedeiras amarravam as linhas e a Ofélia levava para tingir em sua casa, pois em *Taibesi* não havia abastecimento de água. Em casa era mais fácil, lavar as linhas.

Antes da Ofélia explicar, eu não conseguia entender como era o processo de tingimento, achava que era ao mesmo tempo que se tecia, pelas leituras que tinha feito até então. Contudo, com a Ofélia explicando e mostrando as linhas amarradas, consegui perceber que se tingia as linhas antes delas irem para o tear.

Também percebi que o *futus* era, *grosso modo*, uma espécie de *tie dye*, que é uma técnica muito usada para tingir roupas, onde se faz amarrações para conseguir diferenças de tonalidade. Porém, dentro do *futus* era incrível como as mulheres amarravam as linhas de maneiras que formavam desenhos muito figurativos, como flores. Principalmente em *tais* de Oecusse havia *futus*, muitos com cenas bíblicas totalmente criadas a partir do tingimentos.

Em outra oportunidade a Ofélia mostrou-me o que seria o *tapestry*. Ela não conseguiu pensar em um nome em português para a técnica, uma tradução literal poderia ser “tapeçaria”. O *tapestry* é todo feito a mão, e antigamente as mulheres competiam para ver quem fazia o padrão mais difícil, contextualizando antigamente como época em que mais mulheres teciam.

Ofélia disse que não sabia fazer o *tapestry*, mas tinha vontade de aprender. O *tapestry* parecia um bordado em cima do *tais*, contudo, não sei se está é uma boa descrição. Todavia, toda essa conversa sobre o *tapestry* foi bem interessante, principalmente porque a Ofélia disse

que olhando tecidos mexicanos, ela via alguma semelhança.

Ofélia parece ter tido uma infância muito feliz. Contou-me que seus pais eram muito amigos e companheiros. Que em 1972 a família inteira fez uma viagem de seis meses à Portugal para conhecer a família paterna e que foi uma festa! Pois em Timor Ofélia não tinha primos, pois sua mãe só tinha uma irmã que não tinha filhos, enquanto em Portugal havia muitos primos. A família inteira foi a Portugal em 72 e voltou para Timor no mesmo ano.

Ofélia lembrava dessa viagem com muita animação, disse que ela e os irmãos se divertiram muito. Foi a oportunidade de conhecer a família do pai. Sua avó paterna pedia muito para que o filho fosse a Portugal para vê-lo e para conhecer os netos e nora. Ofélia dizia que ainda quando falava com as tias em Portugal, falava que era a vez delas de irem a Timor.

O barco que fazia viagens de passageiros de Timor para Portugal se chamava Arbiru. A família de Ofélia foi e voltou pra Timor a bordo do Arbiru em 1972. Contudo, no ano seguinte a essa viagem de Ofélia, em 1973, este mesmo barco sumiu no mar quando voltava de Portugal e nunca chegou em Timor.

O jovem, na época, que seria futuramente o marido da Ofélia, tinha alguns tios que estavam nessa última e fatídica viagem sem volta do Arbiru e por isso parte do ano de 1973 ele estava de luto. Conto isso para dizer que a história deles dois, começa com a Ofélia indo à uma festa, no farol, setor central na orla de Díli, festa qual seu marido também foi, porém não entrou por estar de luto. Mas a viu, enquanto estava do lado de fora e se encantou.

Ofélia e a irmã estavam com vestidos vermelhos, pois gostavam de se vestir com cores parecidas, contou Ofélia. Naquela noite, por coincidência seus irmãos também não entraram na festa e ficaram na porta, onde estava seu marido. Ofélia disse que o marido perguntou se conheciam aquela moça de vestido vermelho e cabelo solto. O irmão de Ofélia ouvia a conversa.

Depois falaram para Ofélia “tem alguém que perguntou por ti outra noite”. Ofélia disse que falava “quer que eu queixe-me a mãe?”. Mas passaram alguns dias e a Ofélia recebeu um bilhete dele (do marido) falando que ele queria encontrar ela. Ofélia ficou pensando que não devia, que não queria ir, pois que tinha medo da mãe.

Paralelamente, ele tinha conversado com as irmãs dele, descrito ela, para ver se elas a conheciam. Realmente a Ofélia disse que ela era colega de escola da irmã dele e que até já

tinha visto ele na escola. Mas que como ele era mais velho nunca tinha se interessado. Mesmo com medo da mãe, Ofélia foi ao encontro do futuro marido.

Eles trocaram e namoraram por bilhetes por um tempo, contudo, por um desentendimento eles romperam e ficaram meses sem se falar. Algum tempo depois ele foi pedir desculpas para Ofélia e logo pediu para a família da Ofélia, pediu exatamente para a mãe, permissão para namorar. A mãe dela disse que sim. Mas que tinha que ser muito respeitoso. Ofélia disse que o marido também tinha medo de sua mãe, mas que logo os dois, o marido e a mãe, ficaram amigos.

Ofélia disse que não estava com muita pressa para casar, pois gostava muito da vida com os pais e com os irmãos. Mas aos poucos foram olhando casa e o marido (na época futuro marido) foi comprando mobília e essas coisas. O pai da Ofélia disse para o marido que a Ofélia não era para viver em casa alugada, que tinha que ter um terreno e construir.

Ele (o marido, futuro marido) disse que eles iam construir com o tempo. Entretanto, nessa parte a Ofélia, interrompendo o “*flashback*” narrativo, disse para mim “Isso nunca aconteceu”. Eles tinham a previsão de casar em novembro (de 1975), mas a guerra começou bem antes. Eles se casariam no final do ano de 1975.

Durante a guerra a família da Ofélia foi proibida de ficar em sua casa, eles moravam em *Lahane*, bairro próximo a *Taibesi*, na parte alta de Díli. A família ficou um tempo em um espaço que hoje é conhecido como *Xanana Room* (centro cultura Xanana) em Díli. Logo mais moraram um tempo em *Santa Cruz*, na casa de um primo de sua mãe, moraram nesta casa por dois meses.

Ofélia disse que pessoas queimaram e roubaram a casa deles em *Lahane*. Roubaram as coisas da casa e a comida da dispensa. Ela disse que a família tinha na dispensa comida suficiente para 4 ou 5 meses. Levaram joias, levaram as coisas da família e o que não conseguiram levar ou roubar, queimaram.

Eu já sabia que a Ofélia havia saído de Timor, por isso perguntei como tinha sido a decisão de sair e se sua família tinha saído também. Ofélia disse que ela, o marido, a mãe e o pai, combinaram que quem conseguisse sair de Timor primeiro, tentaria tirar os que ficassem para trás. Ofélia e o marido conseguiram sair e foram para Indonésia, para pegar um avião que Portugal mandaria. Os pais e os irmãos de Ofélia ficaram em Díli.

Quando combinaram de tentar tirar quem ficasse para trás, Ofélia conta que eles dois

(ela e o marido) já estavam fora de Díli e temiam voltar para capital, e também ficarem presos na cidade. Em 1976, Ofélia e o marido saíram de Timor, ambos foram juntos para uma ilha na Indonésia e um avião Português os buscou, junto com outras pessoas. O fato de Ofélia e o marido serem funcionários do governo português, na época, foi um facilitou muito o embarque no avião.

Ofélia disse que provavelmente se a guerra não tivesse começado, ela demoraria mais um pouco para se casar. Após sair do Timor, Ofélia disse que sentia muita saudade dos pais e dos irmãos, chorava muito e o marido não sabia o que fazer. Em algumas passagens eu percebia um certo pesar da Ofélia em ter se separado da família, de não estar em Timor “quando a família precisava”. Apesar de sempre ajudar de fora a família como pôde.

Ofélia e o marido foram para Portugal e ficaram dois meses morando em uma barraca de lona, acampados. Ofélia dizia que sempre que via um português reclamando do Timor, ela lembrava de quando morou em Portugal, nessa barraca de lona, qual ela contava que o sapato ficava preso na lama do chão que não era batido, e que fazia muito frio a noite.

Alguns meses passaram e quando chegou perto do inverno eles foram realocados para uma pensão, onde eles dormiam em um beliche, ela embaixo e ele em cima, na cozinha com muitas outras pessoas no mesmo cômodo. Ela disse que era uma pensão nova e que em volta estavam construindo várias pensões. Ela disse que no começo eles ficaram numa beliche na cozinha. Era ruim porque as pessoas passavam lá para estender roupas e afins. Mas quando o marido dela pegou papeira (bócio), Ofélia disse que uma das pessoas que falava por eles todos (uma especie de representante), foi falar com o dono da pensão. Disse que aquele casal (eles dois), de ficar na cozinha estavam pegando doenças. Pois a prioridade dos quartos, na pensão, eram das famílias (com filhos).

Depois eles saíram da cozinha e ganharam um quarto. Ofélia ressaltava que quando as tias paternas iam visitá-la diziam para ela ir morar com a avó, que a avó morava sozinha. Porém ela disse que falava que não, que ela tinha que ficar junto com os conterrâneos dela. Todavia, Ofélia disse que aquela altura também era difícil separar dos conterrâneos, que já fugiram da guerra juntos, passaram pelas tendas juntos. Estavam apegados uns aos outros.

Ofélia e o marido ficaram dois anos em Portugal, com ajuda dos parentes portugueses da Ofélia e dos parentes australianos do marido, que mandavam algum dinheiro. Logo Ofélia e o marido foram para Austrália e ficaram lá até 1999, quando voltaram para Timor. Ofélia saiu de Portugal grávida do filho mais velho, que nasceu na Austrália.

Na Austrália, Ofélia e o marido trabalhavam para ajudar, financeiramente, sobretudo, os pais de Ofélia que ficaram em Timor. O marido dizia “Ofélia não podemos olhar por nós, temos que olhar por eles”. Ofélia contou que o banco indonésio ficava com 40% de tudo que era mandado de fora do país, para pessoas dentro. Porém que seu pai não reclamava e ficava feliz de conseguir pegar os 60%.

A Ofélia disse que lá da Austrália eles ficaram arrumando os papeis para os pais dela saírem de Timor, mas seu pai ao invés de arrumar logo a papelada deles (da família dela) e sair, quando tinham como sair, ele dava prioridade para as pessoas que ficaram em Timor sozinhas. Pois ele dizia que pelo menos ele estava com a família. Porque tinha marido que tinha ficado só, enquanto a mulher e os filhos já tinham saído, por exemplo. O pai da Ofélia ficou agilizando a saída de outras pessoas até que adoeceu e morreu bem rápido.

Ofélia disse que quando o pai morreu ela disse “Minha mãe não vai aguentar” e aí o marido falou “você está praguejando”. E ela disse que não. Disse que conhecia a mãe. Que era muito amiga do pai dela. Que ele era o apoio dela. Que ela não ia aguentar. Também disse que a Mãe foi muito mimada pelos avós e depois pelo marido. O pai dela que controlava a hora do remédio e tudo mais, pois ela tinha *tensão alta* (pressão alta). Disse que ela (a Ofélia) não estava lá (em Timor) para ajudar nesse momento. Sua mãe morreu algum tempo depois.

Quando tinham notícias assim, não contavam primeiro para ela. Ofélia disse que contavam primeiro para os cunhados dela. Quando sua mãe morreu ela estava grávida do filho do meio. E antes de contarem para ela, foram ao médico, perguntar se poderiam contar. O médico disse que era melhor contarem logo. Pois descobrir depois de 3 meses, que a mãe morreu poderia ser pior, descobrir após o parto, poderia não ser bom também. Ademais, que ela poderia receber alguma carta falando sobre a mãe, ou algo por acaso e o susto poderia ser maior.

Neste dia, sua sogra foi na casa da Ofélia. A sogra não bebia café, mas pediu para Ofélia fazer um café, Ofélia achou estranho e a sogra reforçou “sim filha, me faz um café”. Ofélia disse que quando soube que a mãe morreu levou um susto e sentiu uma dor como fosse no diafragma. Ofélia disse que sentiu um vazio que doeu até o fim da gestação e que com o susto o cordão umbilical do filho enrolou no pescoço, por isso foi um parto muito difícil.

A Ofélia ainda tinha irmãos em Timor, quase todos crianças, com exceção de uma

irmã e um irmão, eram maiores de idade e casados. Por isso Ofélia e o marido continuaram tentando levar os irmãos de Ofélia para Austrália. Enquanto ficaram os tios portugueses tentando tirar eles por Portugal. Quando os papéis que estavam tramitando para eles irem para Austrália chegaram em Jacarta, chegaram em Díli os papéis para eles irem para Portugal.

Ofélia disse que foi bom, pois sua irmã menorzinha pôde conhecer a avó em Portugal, pois quando foram em 1972, ela ainda não tinha nascido. Os irmãos ficaram 7 meses em Portugal e depois foram para a Austrália. Apenas a irmã que era casada ficou em Díli, o irmão que já era casado foi com os filhos e os irmãos ao encontro dos parentes em Portugal e depois ao encontro da Ofélia na Austrália.

Foi uma farra quando eles chegaram na Austrália, nas três primeiras semanas ficaram todos no mesmo apartamento, depois o governo australiano arrumou outro apartamento para onde foi o irmão casado com a família. Os outros irmãos da Ofélia ficaram com ela, o marido e os filhos. A Ofélia disse que foi muita angustia e depois muita euforia. Ela disse que foram seis anos muito tensos, que os primeiros seis anos de casada tinham todo esse retrospecto.

Ofélia e o marido criaram os filhos mais velhos na Austrália, dois garotos. Eles já eram adultos em 1999 e ficaram na Austrália quando os pais voltaram ao Timor. Ofélia ficou fora 23 anos, pois ela saiu de Timor em 1976 depois da invasão e voltou para Timor em 1999 quando acabou a invasão. Ofélia disse via que o Timor estava muito diferente, as pessoas não falavam mais português, por exemplo, agora a língua que unificava era o tétum.

Ofélia disse que muita coisa tinha mudado, que o Timor que ela conheceu antes parecia um pedaço da Europa. Ela disse que quando ela voltou para o Timor, encontrou o Timor mais asiático. Que os jovens não sabiam como era o Timor antes da invasão, não conheciam como era. A Ofélia via que o Timor estava muito diferente.

Ofélia trabalhou com várias coisas durante o período que ficou na Austrália, foi voluntária fazendo companhia para velhinhos idosos, trabalhou em fabrica e costurou por conta própria, tendo um negocio próprio por alguns anos. Quando Ofélia voltou para Timor trouxe todo o material que tinha, de botões de camisa e tecidos à máquinas de costura. Trouxe tudo e ainda usava algumas coisas de seu estoque.

Ofélia e o marido voltaram para Timor em 1999 como voluntários e Ofélia disse que nessa época os voluntários que falavam tétum, inglês e português eram muito úteis para ajudar

e também para intermediar a ajuda. Ofélia disse que de 1999 até 2002 foi um período muito difícil para o Timor. Que pessoas chegavam até ela com diversos pedidos, desde roupa até sabão.

Ela anotava os pedidos e percebia mais coisas que estavam faltando para contatar uma ONG australiana e eles mandavam coisas. Mandaram principalmente roupas para crianças e para adultos. Ofélia contou que essa ONG foi de vilarejo em vilarejo em Ataúro, pois Ataúro tinha ficado certo tempo isolado e assim precisava de diversas coisas. Ataúro é uma ilha bem próxima à Díli.

A Ofélia contou alguns casos de pessoas que chegaram a ela sendo intermediados pelo Bisbo. Que as pessoas iam pedir coisas para o Bisbo e o Bisbo pedia para ela, ou mandava um recado para ela. Ofélia disse que até hoje tem alguns papeis com alguns pedidos. Ela contou uma história de um homem que tinha morrido e que a família não tinha condições de enterrar ele com caixão e aí ela pensou em tirar o forro da casa dela para fazer o caixão do homem. Mas que arrumaram outro jeito.

Ofélia contou também alguns casos que as pessoas trouxeram comida para ela, para agradecer. Contou uma vez ela foi para algum distrito, com linhas, tecidos e material para as mulheres costurarem e quando caiu a noite ela viu algumas pessoas se aproximando com velas e ela pensou que era uma procissão, mas quando chegaram mais perto eram as senhoras com uma vela numa mão e um prato de comida na outra, pois não tinha energia. Trouxeram coco, mandioca, coisas que ela gostava.

Ofélia fez viagens pelos distritos durante esse período ajudando pessoas o quanto podia e disse que até o marido dela quando via algo, falava para ela ir lá e ajudar; e que uma vez, ela reencontrou uma amiga dela da escola assim. Ofélia contou que ganhou de uma senhora que a chamou de “Tia Ofélia” três passarinhos dizendo que eles eram: fé, outro era caridade e outro esperança, completou dizendo a senhora que “a Tia Ofélia era assim”.

## **2.4 Alola, Kirsty e Ofélia**

Ofélia ficou um tempo em uma outra ONG no Timor e saiu por não estar concordando muito com as decisões administrativas, ela não falava muito sobre esse período. Logo depois reuniu algumas tecedeiras em casa para tecer *tais* moderno e partir desse *tais* Ofélia costurava algumas peças de roupa, como saias e vestidos.

Nesse período, quando estava costurando em casa, Ofélia apenas costurava roupas

modernas. Ofélia disse que queria desassociar o *tais* de coisas antigas e assim associá-lo a coisas modernas. Ao mesmo tempo, também queria desassociar o *tais* e as tecedeiras do analfabetismo e da falta de instrução. Ofélia dizia enfaticamente e frequentemente que aquelas mulheres (as tecedeiras) eram artistas.

Ofélia estava planejando expandir esse projeto que tinha em casa. Até que um dia, uma australiana bateu em sua porta, em nome da Alola e da Kirsty Gusmão. Foram atrás da Ofélia, pois queriam alguém que entendesse sobre *tais* e Ofélia disse em resposta que ela não entendia, apenas gostava. No começo a Ofélia ficou um pouco reticente, pois via um claro conflito de interesses, entre o seu projeto e o projeto da Alola.

O pessoal da Alola disse que ela poderia manter seu projeto, mas Ofélia disse que não achava certo e assim deixou seu projeto de lado, se dedicando integralmente a Alola. Algumas tecedeiras que trabalhavam com a Ofélia em casa foram para Alola.

A Alola foi criada nos anos 2000 pela Kirsty Gusmão. No pouco tempo que estive em Díli, pude perceber que Alola era referência para atendimento a mulheres, em alguns aspectos, principalmente em saúde materna e geração de renda, tendo diversos programas.

Apesar de a Alola ter sua sede em Mascarenhas, nem todos os programas da Alola eram desenvolvidos ali naquele local, que era uma espécie de ponto central administrativo. Vários programas iam aos distritos, havia uma mobilização de carros e pessoas que se deslocavam para atender as mulheres e crianças em suas comunidades.

O *Sentru Suku* foi idealizado em 2006 para gerar renda para a Fundação Alola como um todo. Nesse sentido, a Alola, no começo, ajudou a montar um pouco da estrutura e conseguiu o espaço. Quando Ofélia chegou ao Galpão ele era ocupado apenas por pessoas que faziam *kits* de maternidade para Alola. Apenas tinha costureiras.

Ofélia também ajudou a equipar o Galpão, trouxe suas máquinas de costura, além de outras máquinas como a de corte de tecidos. Ofélia também conseguiu algumas doações de objetos como mesas e armários, alguns doados por seus irmãos. A Alola *Taibesi* era um esforço coletivo para criar e manter um espaço capaz de atender necessidades de uma confecção.

Ofélia treinou as costureiras que já estavam no Galpão antes e começou a fazer melhorias no prédio, como colocar os exaustores, além de expandir o espaço para caber mais



pessoas e diversificar o trabalho. Ofélia conta que no auge do *Sentru Suku*, ele empregava diretamente aproximadamente 40 pessoas.

Contudo, o Galpão não conseguiu gerar renda para a Fundação Alola, apenas conseguiu se manter autossuficiente, o que era motivo de controvérsia para a importância do espaço dentro do conselho administrativo geral da Alola, que também envolvia integrantes da Alola Austrália. Ofélia frisava que o Galpão gerava empregos diretos para as mulheres que lá trabalhava e indiretos com a compra do *tais* das mulheres dos distritos.

Ela sempre dizia que o trabalho em *Taibesi* era muito gratificante. Contudo, acompanhando sua rotina, eu percebia que era igualmente cansativo para Ofélia, principalmente pela acumulação de funções. Em sua primeira passagem pelo Galpão (2006 – 2012), Ofélia escreveu três cartas de resignação (carta de demissão), mas nenhuma foi aceita pela Alola.

Ofélia tentava arrumar outra pessoa, dentro da Alola para assumir seu cargo, contudo, outras pessoas lhe diziam que *Taibesi* era o seu bebê, que ela que tinha que cuidar. Ofélia também dizia que era difícil encontrar alguém com interesse em aprender sobre os *tais* ou sobre a costura para ajudar a gerenciar o Galpão.

Ofélia saiu do *Sentru Suku* e passou dois anos ajudando a irmã a gerenciar um hotel em Díli. Durante esse tempo, ela continuava a olhar o Galpão de longe, fazia visitas para avaliar como estavam e também estava disponível para desenhar bolsas e outros novos produtos para que a *Alola Shop* continuasse lançando novos produtos.

No começo do ano de 2014, Ofélia tinha sido chamada para voltar ao *Sentru Suku*, pois o espaço passava por uma crise financeira, qual não tinha dinheiro para pagar todos os funcionários. Ofélia atendeu ao chamado e até o período em que eu estava fazendo a pesquisa, mais para o fim do ano, Ofélia estava endireitando “a casa”.

Ofélia saiu do Galpão no ápice do seu funcionamento em 2012 e voltou no seu pior desempenho em 2014. Sua saída tinha a esperança e uma aposta de que o *Sentru Suku* poderia autogerir-se. Contudo, infelizmente, isso não aconteceu. Os problemas da autogestão foram apontados por Ofélia principalmente por decisões ruins e precipitadas.

Exemplo disso foi a compra de linhas para futura *ordem*. O suposto cliente não fechou o negócio, assim o Galpão ficou com as linhas paradas e com menos dinheiro em caixa. Outros problemas apontados por Ofélia foram similares.

Além da manutenção dos empregos das mulheres e de assegurar a compra dos *tais* das



mulheres dos distritos, a volta da Ofélia também tinha mais um compromisso, o não deixar a Kirsty “na mão” (expressão minha), justamente naquele momento. Timor inteiro acompanhava a recuperação de Kirsty de um câncer de mama, ou *cancro* de mama, como a Ofélia dizia.

Ofélia tem grande estima por Kirsty e costumava desenhar e confeccionar roupas costuradas em *tais* para ela. Em vários eventos Kirsty aparecia com as peças feitas pela Ofélia, era um jeito de promover e expor a cultura timorense. Ofélia também separava bolsas e outros acessórios para Kirsty, quais a Kirsty usava também como uma forma de divulgar a Alola. Kirsty era na época da fundação da Alola e na época da pesquisa primeira-dama em Timor-Leste. Porém, ela não foi primeira-dama de forma contínua.

Mas a relação entre a Kirsty e a Ofélia era mais profunda do que eu podia captar, havia muita empatia e vontade de ajudar as mulheres leste-timorenses. Separar bolsas e outros acessórios para a Kirsty não deixava de ser um jeito de agradecer a todas as bandeiras e meios que Kirsty tinha conseguido mobilizar e viabilizar, além da visibilidade que ela havia dado para Timor-Leste e suas mulheres.

Ofélia falava com frequência que tinha voltado para Timor para ajudar as conterrâneas e o fazia como podia. Que tinha amigas parlamentares e que conversava com elas, para elas fazerem *ordens*, cobrarem os órgãos que não tinham pagado *ordens* atrasadas. Ofélia tinha muito apreço pelas mulheres do Galpão, pelas amigas, pela Kirsty; Ofélia era o nó de um rede de mulheres em Timor.

Ofélia, assim como muitas mulheres em Timor e no mundo, depois que saía do *Sentru Suku*, buscava sua filha na escola. Chegava em casa e fazia o jantar, arrumava a casa e afins. Ofélia às vezes fazia dois pratos para as refeições pois nem sempre a filha e o marido comiam a mesma coisa. Ofélia não reclamava da outra jornada de trabalho que teria em casa. Pelo contrário, dizia que cuidava da família com muito carinho.

Sua filha mais nova era a única entre seus filhos que nasceu e viveu em Timor. Os mais velhos conheceram Timor-Leste, passaram férias, porém viviam e trabalhavam na Austrália. Sua filha era muito apegada com a Ofélia e também o contrário, Ofélia era bem apegada com a filha. Era sensacional vê-las conversando, elas usavam palavras do português, inglês e tétum em uma mesma frase.

A família nuclear da Ofélia tinha como primeira língua o português. Mas por terem

vivido e de certa forma ainda viverem na Austrália, falavam bastante inglês e tétum com o horizonte de voltarem a Timor e viverem em Timor-Leste. Ofélia também falava muito dos filhos, contava que conversava muito com os que estavam na Austrália por telefone.

Por fim, por mais que eu escreva “Ofélia disse”, ou fale sobre a vida da Ofélia, ou o que Ofélia fez. Ainda não sei se ela concordaria com todas as frases que atribuí a ela, com todos os momentos que indiquei como seus. O que escrevo é o que apreendi, com certeza ela falaria muito melhor. O que quero deixar muito claro é que não falo por Ofélia, apenas falo de como Ofélia incidiu sobre minha passagem em Díli.

## **2.5 Considerações sobre o capítulo 2**

A trajetória de Ofélia é marcada por vários eventos que têm caracterizado a transposição, invenção e subversão da modernidade a Timor-Leste em uma perspectiva de longa duração que pode ser entendida em três momentos, o primeiro é a gestação de uma elite local que figurava como mediadora local da administração estatal de Lisboa, o segundo diz respeito a emergência de um segmento de exiladas leste-timorenses na Austrália e em países como Portugal e Moçambique; enquanto o terceiro é o retorno das mesmas a Díli no contexto de pós-independência e sua emergência como mediadoras entre instituições de governança globais, governamentais e não-governamentais, nos processos contemporâneos de transposição da modernidade, etc. (Silva 2012: 309-404)

Ofélia também pode ser enquadrada a partir de algumas categorias analíticas próprias para o contexto timorense, como “retornada” (ver SILVA, 2012), porém, diferente de algumas retornadas observadas quais a experiência acumulada fora “serviria” para justificar maior aptidão para algumas atividades em detrimento de outras (SILVA, 2012: 349), as aptidões que Ofélia tinha que a diferenciavam de outras pessoas foram justamente aprendidas em Timor: costura e tecelagem do *tais*. Várias competências internalizadas por Ofélia foram adquiridas de diversas maneiras dentro sua sociabilidade e vida. Em Timor-Leste ela aprendeu coisas sobre tecelagem do *tais*, sobre costura, sobre administração enquanto trabalhava para o governo colonial de Portugal e na Austrália também aprendeu outras coisas, como administrar seu próprio negócio, trabalho com voluntariado e afins.

Mas é interessante observar a centralidade da costura na trajetória de Ofélia, no passado e no presente. Silva (2014b:22), ao abordar a posição das mulheres leste-timorenses

nas últimas duas décadas da colonização portuguesa em Timor indica que o ensino e a aprendizagem da costura voltadas às mulheres foram tomados como instrumentos civilizacionais fundamentais das escolas missionárias.

O programa de ensino acima indica que a educação voltada às mulheres tinha como intenção a produção de esposas, mães e donas de casa aos moldes portugueses. A educação das mulheres implicava ensinar sobre economia doméstica, culinária, costura e educação familiar entre outras coisas. Tal fato é também reportado por Cristalis e Schott (2005, 23-25), que sugerem, além disso, o quanto a educação católica dispensada às mulheres de elite em Timor pode ter contribuído para reforçar a exclusão das mesmas dos espaços e instituições públicas nas quais a vida coletiva é negociada, na medida em que reforçavam seus papéis no espaço doméstico e privado. Além disso, cabe destacar o fato de que eram, sobretudo, mulheres vinculadas a casas de grande *rank* aquelas que tinham acesso a educação escolar. Não obstante, subversões são sempre possíveis, de modo que a vida muitas vezes segue por caminhos inesperados. A liderança, no espaço público leste-timorense, de pessoas como a Madre Guilhermina Marçal ou Maria Domingas Alvez, que receberam educação em instituições cristãs, em favor da afirmação política das mulheres leste-timorenses é exemplar nesse sentido. Ao contrário dos efeitos esperados, os capitais escolares adquiridos por ambas em instituições confessionais estão hoje à serviço do empoderamento das mulheres no espaço público. (SILVA, 2014b: 25)

A trajetória de Ofélia e a própria configuração do *Sentro Suku* oferecem subsídios para se pensar que o ofício da costura permanece sendo um instrumento de transposição e subversão de projetos de modernidade coloniais e pós-coloniais. Se em um primeiro momento eram a mãe e tias de Ofélia que operavam as máquinas e que figuravam como personagens exemplares da boa mulher de família no espaço do Império português, hoje o recurso à costura como saber técnico se faz com o intuito de produzir subjetividades femininas com certa autonomia, gerada pela produção de rendimentos por meio do engajamento das mesmas em trabalho produtivo.

O reconhecido de arte para o *tais* e de artistas para tecedeiras é expressivo. A condição de artista pode ser entendida como projeto de identificação para as mulheres, o que parece ser também uma expressão dos fatos que estruturam a transformação de artefatos locais em arte, tal como indicados por Silva e Sousa (2015) na abordagem dos campos artísticos em Timor.

Enfim, Ofélia era a mediadora de uma série de fenômenos. Da transição do *tais* de dádiva pra o regime de *mercado*, do *tais* tradicional para o *tais* moderno entre outros. A dificuldade para substituí-la vinha exatamente dela ter expertises entre os dois mundos e viver “*in between*” de vários mundos, o que a capacitava com muitas habilidades, desde linguísticas à técnicas. Algumas outras mediações de Ofélia serão abordadas no próximo capítulo, como pagamentos quinzenais, sistema que Ofélia trouxe da Austrália.



# capítulo 3

## **Conhecendo o Sentru Suku Fundasaun Alola**



Neste capítulo analiso as rotinas de trabalho existentes no Galpão, as quais revelam algumas transformações de que o *tais* é objeto para sua circulação na esfera e regime de mercado. Entre outras coisas, ponho em destaque o fato de que a circulação do *tais* nessa esfera e nesse regime é potenciada por sua associação a artefatos, como *salendas* e bolsas. Para tanto, a fabricação do *tais* pelas tecedeiras dos distritos do país pode ser um momento específico de sua produção. Sua manufatura pode continuar no *Sentru* associada a outros procedimentos técnicos como a costura.

As transformações do *tais*, no caso do *Sentru Suku*, implicam em transformações das mulheres, tecedeiras e costureiras, que devem figurar como trabalhadoras. Apesar das rotinas do Galpão não delimitarem apenas um sistema de trabalho. Ocorrendo concomitante gestões diferentes da produção. A institucionalização da prática da trabalhista é inadequada com as expectativas da Alola. Este fato instaura tensões administrativas e morais que se relacionam desde a Alola com o Galpão, aos compromissos e pressões que se colocam sobre as mulheres com sua vida doméstica. Etnograficamente isso se revela em controvérsias a respeito da contratação de alguém para ocupar o cargo de Ofélia e na “falta de responsabilidade” de algumas mulheres ao não estarem presentes todos os dias de expediente.

### 3.1 As trabalhadoras do Galpão

Apresento abaixo todas as trabalhadoras do Galpão do período de setembro a dezembro de 2014.



Mana Angelina



Mana Anin



Mana Balbina





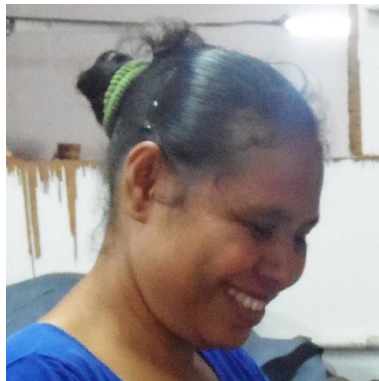
Mana Bendita



Mana Chica



Mana Delia



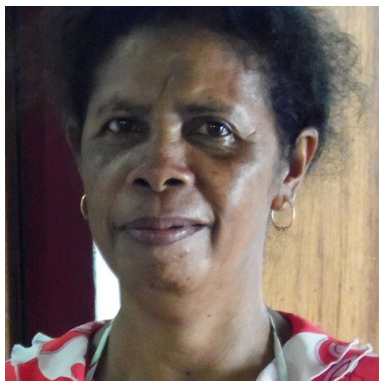
Mana Domingas



Mana Domingas



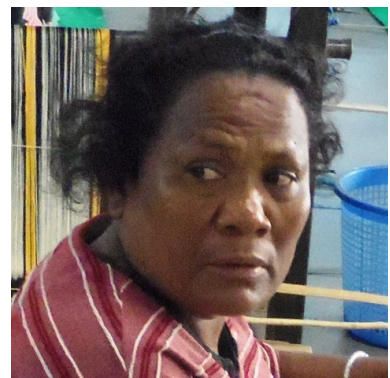
Mana Elsa



Mana Helena



Mana (Herme)Linda



Mana Isa



Mana Linda



Mana Maria



Marina



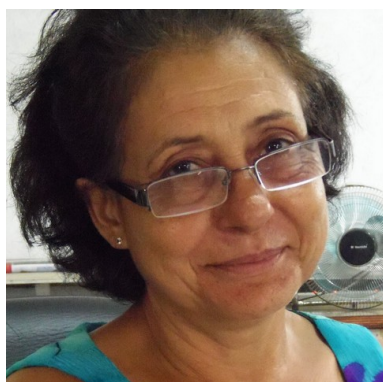
Mana Martinha



Mana Mena Alves



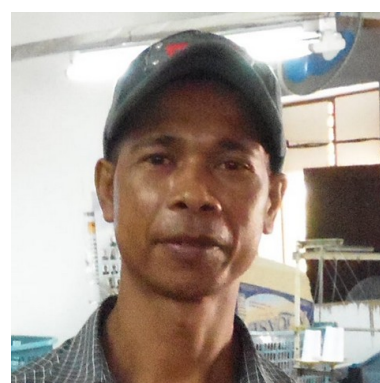
Mana Mena



Ofélia



Maun Afonso



Maun Mateus

\* *Mana* e *Maun* são vocativos usados em Timor-Leste para demonstrar respeito com timorenses de mesma geração ou de gerações mais velhas. Porém, as timorenses que conheci que falavam inglês ou português não pareciam se incomodar se não fossem chamadas de



*mana* ou *maun*. Eu não chamava a Ofélia de *Mana*, pois apenas conversava com ela em português e eu não chamava a Marina de *Mana* porque eu conversava com ela em inglês.

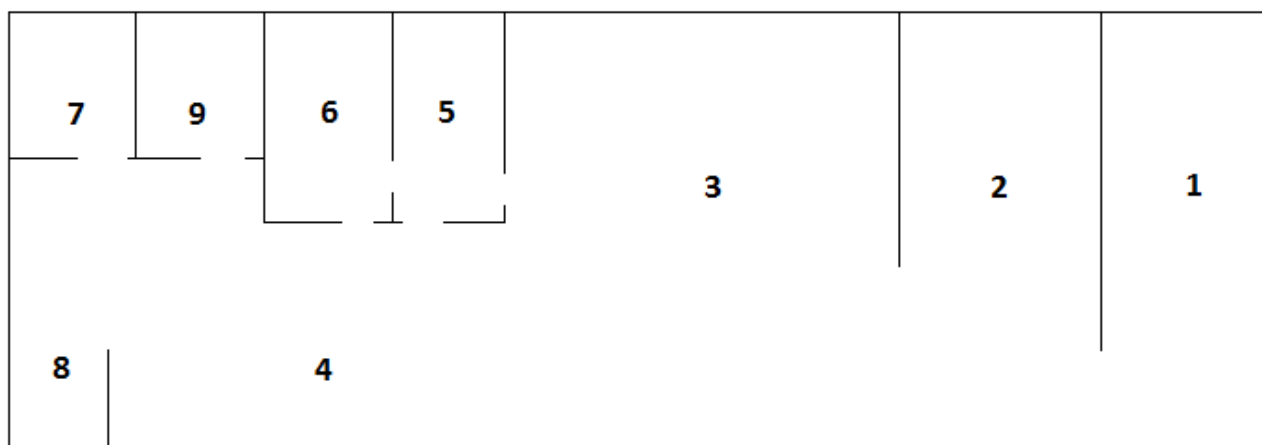
### 3.2 Conhecendo o Galpão

Ofélia comentou que seu pai passara por aquele Galpão quando chegou em Timor, isso em 1947. Na época, o prédio era uma instalação militar portuguesa, uma caserna. Por isso, tinha as paredes bem grandes e resistentes. Ofélia suspeitava que o prédio foi construído com cal e pedra e não com cimento. Disse que abrir buracos nas paredes para os banheiros foi uma tarefa muito difícil para o homem que realizara o serviço.

Por fora, o Galpão parecia uma casa grande. Com telhado que lembra residências coloniais portuguesas e um aspecto realmente familiar. A Ofélia disse que algumas melhorias foram feitas, como um forro colado com o teto para amenizar o calor além de colocar cinco exaustores também para diminuir a sensação térmica. Ela disse que antes das intervenções não dava para ficar lá, “a cabeça ficava quente”.

Algumas paredes foram derrubadas e outras foram levantadas, porém, as paredes novas eram de madeira e com grandes janelas, estilo cozinha americana, para visualização de um espaço mesmo estando em outro, promovendo integração entre os espaços. Houve a construção dos banheiros do lado de dentro e o plantio de árvores na parte que parece um pátio comum para todos os galpões do lote. É interessante perceber que assim como outros prédios em Díli, o Galpão também foi ressignificado de acordo com as administrações do Estado Timorense.

### 3.3 Dentro do Galpão



O espaço da Galpão era enorme e conforme o desenho acima, feito por mim, ele se dividia em 9 lugares. Este desenho não respeita escalas, é meramente ilustrativo. Os espaços estão numerados de acordo com a ordem de visita que era seguido pela Ofélia quando guiava pessoas com interesse em conhecer o espaço.

A visita de turistas e curiosos ia apenas até a área 4. As outras partes eram acessíveis, ou não, de acordo com a convivência ou dependendo da visita, que às vezes conseguia levar o passeio até a área 6 e depois 5. Abaixo tento esclarecer a organização do espaço, porém também tive minhas limitações espaciais, nunca soube o que tinha na parte 9, por exemplo.

A **parte 1**, era o local onde ficavam vestidos de noiva. Eles foram doados por alguém da Austrália. A princípio os vestidos foram doados para o Galpão, pois a pessoa que doou disse para dividi-los entre as mulheres. Como algumas mulheres já eram casadas, ou não tinham interesse em usar vestido de noiva e também para não dar briga na escolha dos modelos, os vestidos foram colocados à venda.

Ficou decidido que o dinheiro oriundo dos vestidos iria para benfeitorias para a rotina, como novos ventiladores e coisas do gênero. Eram mais de 30 vestidos e estavam todos em uma alta e grande arara que ocupava boa parte do espaço. Um dia a Betty foi lá experimentar um dos vestidos. Ela se preparava aos poucos para fazer sua cerimônia de casamento.

Betty ficou receosa que eu colocasse fotos dela vestida de noiva no facebook, pois o noivo não poderia ver. Mas essa preocupação só nasceu depois de Ofélia e Marina falarem para ela sobre esse costume, porque no começo da escolha a própria Betty queria levar o futuro marido para ajudar na escolha da peça. Não sabia quantas provas Betty tinha feito, porém ela parecia ainda indecisa com a escolha do vestido, estava entre dois modelos.

Os vestidos tinham preços acessíveis entretanto havia indiretamente a concorrência com as *obralans*. *Obralans* eram espaços onde eram vendidas roupas usadas, em Díli existiam muitas e algumas “especializadas” em vestidos de festa e noiva. Nas lojas da Alola havia um anúncio sobre a venda de vestidos em *Taibesi*. Era interessante pensar nesse mercado de vestidos de noiva em construção.

Afinal, eu esperava que as mulheres se casassem de *tais* coloridos e não de vestidos brancos. Em alguns momentos, como este, eu sentia-me com expectativas atrasadas sobre a realidade timorense. Ao mesmo tempo que gostaria de entender como era a vontade e a

construção do desejo pelo vestido branco entre as timorenses e a aparente obsolescência do *tais* para as noivas.

A parte 1 era um espaço pouco frequentado em relação aos outros, principalmente porque ninguém trabalhava efetivamente lá. Era o lugar dos vestidos. As pessoas iam lá, prová-los, ou ajudar a ajeitá-los. Porém, lá só eram feitas marcações e a provas de roupas ou afins. Pois nesse espaço apenas havia um espelho e a arara dos vestidos.

Ofélia também costurava vestidos de noite, para festas, além de peças de *tais* moderno, tecidos lá mesmo no Galpão. O ***tais* moderno**, em oposição ao *tais* tradicional, tinha sua tecitura voltada para usos estilísticos, como costura de saias e vestidos. Também estavam desvinculados as técnicas e cores de grupos específicos.

Inclusive, a Ofélia pedia a autorização de alguns grupos para reproduzir alguns padrões nos *tais* modernos, contudo, essa reprodução não era igual, era apenas uma inspiração ou homenagem. Dentro do Galpão o discurso do *tais* moderno era voltado para uma renovação que acompanhasse as próximas gerações. Pois há tecedeiras do distrito, por exemplo, que nem usam mais os *tais*, apesar de fazerem.

Enfim, quando alguém ia provar outra roupa (mesmo que não fosse vestido de noiva) também ia à parte 1, pelo conforto de ser um espaço mais reservado, apesar de não estar fechado (com uma porta ou algo assim) em relação ao resto do Galpão, o que também proporcionava ventilação e uma boa iluminação. Quando começaram as chuvas, Ofélia e Marina ficaram preocupadas com o armazenamento dos vestidos de noiva. A preocupação com os vestidos, vinha de uma possível umidade no espaço.

Quando alguém vinha provar roupas todas as mulheres do Galpão esperavam um pequeno desfile. Ofélia pedia para as clientes irem até os outros espaços para que as mulheres pudessem ver as roupas. Havia muita curiosidade para ver como ficou a peça e também para ver a dona da roupa com a peça. O trabalho parava um pouquinho para acompanhar essa quebra na rotina.

A **parte 2** era onde se realizava o corte dos tecidos e dos *tais*. Havia duas mesas enormes e estantes com as peças cortadas e outras peças para cortar. Ambas as mesas eram usadas para cortar moldes, a mão ou com uma máquina para cortar os tecidos. A máquina era pessoal da Ofélia, ela tinha trazido para facilitar o corte.

Ali também se desenhavam moldes e as costureiras costumavam frequentar o espaço para além de pegar as peças cortadas para costurar, procurar algum retalho ou algo do tipo para fazer algo necessário. Além do *tais*, eram cortados tecidos para serem usados como forro nas bolsas e afins. Então ficavam nas estantes prontos para a costura, conjuntos com o *tais* e os tecidos cortados, apenas esperando para serem costurados.

Nesse espaço também havia um manequim de modelagem 3d e uma máquina de costura, que era usada exclusivamente pela Ofélia. Ofélia apenas costurava eventualmente. Suas costuras eram mais encomendas de vestidos de noite. Nos primeiros dias que estive no Galpão, Ofélia estava terminando um vestido de algum tecido familiar ao cetim, de um lilás bem bonito. Era um vestido para uma militar americana.

A parte 2 também costuma ser usada pelas mulheres como área de descanso depois do almoço. Assim que terminam suas refeições encaminham-se para esta parte do Galpão. Conversam, enrolam linha. Encostam os braços na mesa com a intenção de baixar a cabeça e dormir um pouco.

A **parte 3** é o coração do Galpão. Nessa área se concentram as atividades de tecelagem e costura. Ao centro do espaço estão as tecedeiras. Mais próximo as paredes ficam as costureiras e a mesa da Ofélia. Também neste local está a mesa onde arrumam-se as encomendas e compram-se os *tais* das mulheres dos distritos.

Boa parte das máquinas de costura foram da Ofélia, trazidas por ela da Austrália, eram máquinas industriais. Havia também uma ou duas máquinas que foram doadas pela Embaixada da China, todavia estas eram mais antigas, similares as máquinas usadas pelos alfaiates no Brasil. Estas ficavam paradas, talvez não funcionassem.

As tecedeiras sentavam de forma mais próxima, entre elas, pois um tear costumava servir de contrapeso para o outro. Por isso, as mulheres ficavam de frente uma outra e ocupavam o centro da área 3. Em outro espaço seria difícil colocá-las de forma que fosse interessante para conseguirem tecer. Existiam as tecedeiras permanentes e as que ganhavam por peça. Pois o Galpão não tinha dinheiro para contratar todas como permanentes. Entre as costureiras as modalidades eram similares.

Apenas um dos teares não era improvisado, este era de madeira e era pessoal da Ofélia, feito por seu irmão. Os teares eram improvisados em mesas de máquinas de costuras



quebradas, havia um esforço para todo o imprevisto, que envolvia amarrar uma mesa de frente para outra, além de colocar tábuas para as tecedeiras apoiarem os pés. A Ofélia queria mandar fazer teares de ferros e disse que já tinha até os ferros, todavia, o moço que os fazia cobrou muito caro.

Mais para o final da **parte 4**, mais próxima a parte 8, estava cozinha. A cozinha era completa para cozinhar, havia pia, um fogão, uma panela elétrica de fazer arroz, uma mesa grande, onde caberiam todas tomando café ou almoçando ao mesmo tempo.

A **parte 5** era o espaço do setor financeiro. Lá dentro dessa área havia dois computadores e três mesas. Era o espaço que os clientes fechavam contratos e onde as tecedeiras do distrito finalizavam suas vendas.

A **parte 6** era o estoque. No estoque ficavam muitos rolos de linhas, alguns comprados erroneamente por administrações passadas, para *ordens* que nunca se concretizaram. Eram armazenadas também várias bolsas e um pouco de tudo que era produzido no Galpão, além dos *tais* comprados das mulheres do distrito. Era um espaço de trânsito, as pessoas iam lá buscar os *tais*, bolsas linhas.

Na **parte 7** ficavam os banheiros, havia dois. Ambos com padrões ocidentais, privada pia e espelho, o que é relativamente excepcional contemporaneamente em Díli. Na parte 8, ficava um reservatório de água, porque em *Taibesi* não havia fornecimento. Então o Galpão comprava água Galpão que era entregue num caminhão pipa regularmente. Desse reservatório era possível abrir uma torneira que liberava água para as torneiras e descarga.

Na **parte 9** eu nunca entrei e nem sabia exatamente o que tinha ali. Contudo, acredito que seria uma espécie de dispensa combinada com um lugar onde as mulheres guardavam seus pertences. Elas entravam e saíam de lá rapidamente, levando ou trazendo coisas. A porta ficava sempre fechada.

### 3.4 As mulheres do Galpão

É muito difícil tentar descrever as mulheres do Galpão, seja de forma individualizada ou de forma generalizante. Porque ao apresentá-las de forma individualizada provavelmente terei mais a dizer sobre uma do que sobre outra, de forma generalizante posso dar a entender



que elas têm trajetórias parecidas e são todas representáveis entre si.

Tenho consciência, a partir da experiência com a câmera, que elas ficariam chateadas se eu fosse desproporcional com seus espaços dentro dessa monografia. Então criei uma alegoria para falar um pouco sobre suas narrativas. Proponho-me a criar uma figura feminina que se chamará Esperansa (De Alola Esperansa), e ela encarnará um pouco da história de cada mulher do Galpão.

Esperansa não narra concretamente a história de nenhuma mulher do Galpão. Esperansa é a tentativa de criar um recurso para evitar exposições explícitas que podem ser entendidas com desiguais. Afinal ao descrever Esperansa não vou falar de cada uma diretamente. Embora eu traga a foto de todas, pois creio que elas gostariam de ser lembradas e ter um espaço apenas delas.

Ressalto que a questão aqui não é a de mudança de nome, pois o que está em jogo não é o anonimato, afinal alterar os nomes não acabaria com a preocupação de falar mais de uma mulher que de outra. A intenção não é criar um esteriótipo, ou uma ideia fixa sobre as mulheres. A alegoria de Esperansa vem para trazer um pouco das vivências comuns que tive com mulheres que têm histórias que eu nunca conhecerei mais densamente.

*A Alegoria (do grego allos, “outro” e agoreuein “falar) normalmente denota uma prática na qual uma ficção narrativa continuamente se refere a outro padrão de idéias e eventos. Ela é uma representação que “interpreta” a si mesma (CLIFFORD, 1998: 65)*

### **3.4.2 A alegoria de Esperansa**

Esperansa não falava diretamente comigo quando eu lhe dirigia a palavra, mesmo depois de alguns meses em campo. Mas algumas vezes, sem que eu esperasse Esperansa veio conversar comigo. Nas primeiras vezes que isto aconteceu, Esperansa, que parecia estar muito envergonhada, me disse que era analfabeta. Eu percebia uma angustia em sua fala, que quase era uma confissão. Tentei tranquilizá-la, dizendo que não tinha problema, porém Esperansa apenas queria que eu a ouvisse, creio que não se importava muito com a minha resposta.

Esperansa tinha seu próprio tempo, se eu perguntasse a ela algo, algumas vezes ela não respondia e parecia indiferente. Enquanto em outros momentos Esperansa se aproximou e desatou a falar comigo, em português (para minha surpresa). Esperansa disse que tinha vergonha porque não sabia conjugar corretamente os verbos. Esperansa também contou-me

que tinha sobrinhas que estavam fazendo intercâmbio no Brasil.

Esperansa trabalhou com Ofélia antes do Galpão, no negócio que Ofélia tinha em sua casa. Mas antes disso Esperansa fez muitas coisas, como vender *tais* pelas ruas de Díli e tecer sob encomenda. Esperansa não sabia costurar antes de chegar ao Galpão, contudo, Ofélia a ensinou. Entretanto, não sei e nunca saberei o Esperansa achava ou tinha a dizer sobre Ofélia.

Também não sabia o que Esperansa achava de mim, mas algumas vezes ela me chamava de Menina, outras me chamava de *malae* e uma vez me chamou de Andreza. Quando Esperansa me chamava de *malae*, eu não gostava, sentia que ela estava falando mal de mim. Nem sempre eu entendia o que Esperansa falava e algumas vezes percebia que ela fazia isso de proposito. Poderiam ser impressões equivocadas minhas, embora quando ela me chamava de Menina, o tom de seu discurso era completamente diferente, parecia carinhoso e afetuoso.

Esperansa não ia aos expedientes que ocasionalmente ocorriam no sábado, pois estava frequentando a escola. Quando Esperansa falava dos seus estudos era muito alegre. Esperansa às vezes pegava carona com a Ofélia, ao fim do expediente, mas eventualmente preferia ir andando para casa, para esticar as pernas, pois passava muito tempo sentada no Galpão.

Quando Ofélia recebia um cliente, de tempos em tempos, Esperansa parava um pouco suas atividades e prestava atenção ao que ocorria. Parecia gostar de ver as pessoas que chegavam e saíam. Esperansa era curiosa. Certa vez pediu que eu batesse uma foto dela com uma militar americana que foi ao *Sentru Suku* experimentar um vestido.

Esperansa vestia calça jeans ou *sarong*, às vezes mascava bétel, mas não era todo dia. Era muito concentrada em seu trabalho, quando tentei acompanhar mais de perto suas atividades a fiz errar os pontos da tecelagem. Aos poucos Esperansa foi se desvergonhando com minha presença e se mostrando mais simpática, na verdade era muito sorridente.

Antigamente o marido de Esperansa não a deixava trabalhar fora e ela ficava o dia todo em casa. Era uma conquista para Esperansa ter autorização do marido para trabalhar no Galpão. Praticamente todos os dias Esperansa estava animada, ela trabalhava contente e nunca falava do marido.

### **3.5.1 Rotinas do Galpão: cada pedaço importa**

Todos os dias, às **16h**, o Galpão inteiro era varrido com: uma vassoura, uma pá e uma caixa de papelão. Apenas depois de algum tempo, percebi que esse percurso era feito principalmente a fim de recolher retalhos de *tais*. Afinal se varria com mais atenção nos

espaços embaixo das mesas de corte e também nos espaços das costureiras, apesar de varrer o Galpão inteiro.

Os **retalhos de *tais*** eram vendidos para outros grupos fazerem diversos trabalhos, com um valor aproximadamente 95% mais barato do que era comprado das mulheres do distrito. Eram vendidos a quilo. O que era bem interessante, porque para se ter um quilo de retalho era necessário ter muitos pedaços de retalhos. Assim um quilo de retalhos de *tais* era sinônimo de variedade de *tais* para a compradora. Acompanhado da vantagem de serem mais baratos do que uma única peça de *tais*.

A partir da descoberta da venda dos retalhos de *tais*, finalmente fez sentido na minha percepção existirem brincos e tantas outras peças de *tais* a preços tão acessíveis; e também existirem tantos grupos vendendo produtos derivados de *tais* em Díli. Ao mesmo tempo parecia muito interessante para os compradores dos retalhos essa modalidade de venda, pois comprando retalhos, tem-se automaticamente muitas cores e padrões diferentes, comparando com a compra de um *tais* inteiro, que é muito mais caro e limitado de cores e afins.

Através dessas relações de compra e venda também é possível pensar no Galpão como fornecedor de *tais* para outros grupos que trabalhavam com produtos derivados do *tais*, como a *Kor Timor*, que comprava *tais* diretamente no *Sentru Suku*. Além do Galpão não desperdiçar absolutamente nenhum pedaço de *tais*, o que garantia a venda de um *tais* com o preço acessível para atividades que não requerem tanto tecido, quais se pode trabalhar com pedaços menores.

### 3.5.2 Contextualizando as rotinas

É difícil entender o funcionamento do *Sentru Suku*, pois há várias atividades e diversas rotinas. A organização é complexa e interligada com dinâmicas dentro e fora do Galpão e com outros grupos, além da múltiplas práticas envolvendo outros setores da própria Alola. Sinto que muitas coisas escaparam-me, porém, apresento abaixo o que apreendi diariamente em *Taibesi*.

Além das atividades de manutenção do *Sentru*, que vou entender aqui como atividades que incluem desde limpeza até gerenciamento do Galpão, havia pelo menos três processos que lidavam diretamente com *tais*. O primeiro era o costura de bolsas e afins, o segundo processo era o da tecelagem das *salendas* e o terceiro processo era o da compra do *tais*, qual o *Sentru Suku* comprava *tais* das mulheres dos distritos.

Organizei os processos nesta ordem, pois foi a sequência com que eles se esclareceram em campo. Mas é possível pensar em um quarto processo que seria o da venda dos retalhos de *tais* para os outros grupos, porém, eu apenas percebi a coleta dos retalhos, não acompanhei nenhuma compra. Deste modo, quero deixar claro que posso ter perdido outros processos pela incapacidade de percebê-los. Estou usando a palavra processo para entender uma série de ações, não é uma categoria nativa ou analítica.

Abaixo há descrições apenas das rotinas de manutenção e aos processos de costura e tecelagem do *tais*. O processo da compra de *tais* realizado pelo *Sentru Suku* das mulheres dos distritos será observada no próximo capítulo. Entretanto, tenho que atentar que minha observação em campo tinha como contexto o fato de eu ser quase sempre a única estrangeira no espaço, de eu não conseguir conversar fluentemente com a maioria das mulheres, ao mesmo tempo eu tinha muito diálogo com a Ofélia. O período de tempo que frequentei o Galpão era de muita pressa para finalizar as *ordens* que seriam entregues para fim do ano de 2014 e também para organização para o ano seguinte de 2015.

### 3.5.3 Rotinas comuns do Galpão

Às 8h, as portas do *Sentru Suku* eram abertas. As mulheres chegavam aos poucos, principalmente porque a demanda dos transportes públicos de Díli era intensa pela cidade. Era pouco provável encontrar algum táxi disponível antes das oito horas, era fácil ver *mikroletes* cheias pelas ruas. Havia muitas pessoas em trânsito, indo para o trabalho, para a escola, era improvável não sentir o movimento na cidade.

Algumas mulheres vinham a pé, porém boa parte das mulheres vinham de *mikrolet* ou de táxi de diversos pontos da cidade. Apenas uma das mulheres vinha de moto e estacionava sua moto perto do carro da Ofélia. Quando as pessoas chegavam de manhã para trabalhar, mal entravam no espaço do *Sentru Suku* e iam direto para o “seu lugar”. Logo percebi que cada uma tinha seu lugar dentro do Galpão, realmente um lugar para chamar de seu. Cada costureira tinha sua máquina, cada tecedeira tinha seu tear, a Ofélia e a Marina tinham suas mesas e etc.

Às 8h30, as mulheres costumavam diminuir o volume da conversa, que nunca se estendia muito, assim que elas começam suas atividades se concentravam quase que exclusivamente no barulho de seu trabalho. As conversas ficavam para a hora das refeições.

Ofélia costumava chegar 8h30 porque deixava a filha na escola.

Às **9h30**, acontecia o *pequeno almoço* (café da manhã) qual costumava ter pão e café. Todas as mulheres paravam suas atividades e iam para a cozinha. Apenas Ofélia e Marina não iam para o *pequeno almoço* e continuavam trabalhando em suas mesas. Ofélia dizia que era muito importante o intervalo para o *pequeno almoço*. Para muitas mulheres aquela era a primeira refeição do dia, o *matabixu*, que é café da manhã em tétum. Algumas preferiam comer macarrão instantâneo do que pão e café, porém todas costumavam estar à mesa nessa refeição.

O *pequeno almoço* ia até as **10h** e logo quando terminava todas voltavam as suas atividades. Às **12h** era o horário do almoço, qual sempre tinha arroz e algum acompanhamento. Ofélia disse que no começo elas almoçavam na rua (pelo mercado de *Taibese*) e muitas vezes passavam mal. Então Ofélia organizou a cozinha e falou para elas se organizarem para almoçarem lá.

Todas elas se juntavam e compravam os alimentos, tanto do café quanto do almoço. E algumas vezes Ofélia completava o dinheiro para elas terem carne. Pois por elas, comeriam apenas o arroz. Aliás Ofélia disse que teve que insistir um pouco para implementar o horário das refeições pois, por elas, fariam todo o trabalho sem nenhum intervalo.

Mas houve um período entre administrações, que a cozinha ficou desativada e a condição que a Ofélia colocou para reativar a cozinha quando voltou foi que as mulheres cooperassem entre elas com as refeições. Pois se cada uma fosse fazer seu almoço, seria inviável todas almoçarem.

Almocei com as mulheres algumas vezes, almocei com a Ofélia também alguns dias. Como a Ofélia não gostava de arroz indonésio, trazia sua própria comida e comia na mesa que ficava atrás da sua mesa, quase sempre dividia sua refeição com a Marina. Aliás, as comidas mais gostosas que comi em Timor foram no Galpão.

No começo pensei que o almoço poderia ser um bom espaço de interação minha com as outras mulheres do *Sentru*. Contudo, percebia que havia grupos, algumas mulheres sentavam separadas, algumas esperavam outras terminarem para irem almoçar. A hora do almoço também era o horário que as mulheres mais conversavam entre si, ao passo que poucas vezes quando tentei entender e conversar, alguma mulher me dizia que a outra, que estava me contando algo, falava demais e coisas com sentido parecido.

No Galpão havia água disponível para consumo e quase todas as mulheres ficavam



com uma garrafinha de água ao seu lado, quando esvaziava, levantavam-se e iam na cozinha e tornavam a encher. Apesar de terem horários fixos para refeições ninguém era censurado se fizesse mais alguma parada para comer, o que acontecia às vezes.

Às terças, quartas e quintas o expediente acabava às **16h30**, segundas e sextas acabava às **17h**. O horário era um pouco maior nesses dias por conta dos dias de pagamento e também por conta do recolhimento de produtos para irem para as lojas. Depois disso, nas segundas e sextas a Ofélia costumava ficar no galpão até às **18h** para buscar sua filha na escola. Assim se alguém quisesse ficar produzindo mais, poderia ficar.

O *Sentru Suku* funcionava de segunda a sexta, mas se havia uma encomenda muito grande, poderiam abrir ocasionalmente no sábado para dar tempo de terminar. A forma de decidir se existiria expediente no sábado ou não era por meio de votação, onde antes do veredito, Ofélia mediava falas dos dois lados: de quem queria e de quem não queria que ocorresse trabalho no sábado.

De quinze em quinze dias, as sextas era o dia de *vencimento* (pagamento). O *vencimento* foi dividido em dois pagamentos pelo mês para melhor organização das mulheres com a casa, pois antes algumas tinham que pedir dinheiro emprestado no meio do mês. Assim Ofélia acredita que elas conseguiriam organizar-se melhor com o dinheiro. Ofélia também realçou que esse sistema de pagamento mais dinâmico foi inspirado na realidade trabalhista que ela conheceu na Austrália.

As segundas era o dia do corte dos *tais* e as sextas era o dia que alguma moça da loja subia para *Taibesi* para ajudar nas atividades. Elas falam em subir, pois *Taibesi* estava num local mais elevado em relação ao centro de Díli. Ademais, esporadicamente, havia visitas de moças da loja (da Alola) para levar informações sobre o estoque e sobre as vendas, entre outras tarefas. Havia dias que separavam-se produtos para levar à loja, ou entregar *ordens*, que não ocorriam necessariamente em dias fixos na semana, todos com organização prévia.

Quando o expediente acabava, desligava-se a rede elétrica do Galpão, fechavam-se as portas. Todas despediam-se, dizendo “até amanhã”, pouco antes de sumirem pelo mercado de *Taibesi*. A Ofélia costumava dar *boleia* (carona) para algumas mulheres que também moravam em Comoro, bairro afastado de *Taibesi*. Algumas vezes também peguei carona com Ofélia, ela deixava-me na porta da casa que eu morava com receio que eu ficasse perdida pela cidade.

Lembro aqui a cara leitora, mais uma vez, que eu não acompanhava a rotina dos

homens; eles costumavam ficar sozinhos se não estivessem fazendo alguma atividade. Almoçavam rápido e logo dispersavam-se. Apenas tomava notas das atividades que eles faziam junto às mulheres, ou sobre algo que ouvisse sobre eles.

Outras pessoas que faziam parte da rotina eram as crianças. Uma das condições que a Ofélia sempre procurou para ela e para as mulheres que trabalhavam com ela era a possibilidade de levar as filhas ao trabalho. Ela disse que quando foi chamada para trabalhar na Alola, estabeleceu uma condição que seria que sua filha pudesse frequentar os lugares de serviço. E isso se estendia a todas as mulheres do *Sentru Suku*. Por isto era comum que as mulheres levassem suas filhas para o Galpão.

### 3.5 Costura

O *Sentru Suku* começou com a costura em 2006. *Suku* em tétum pode ser traduzido com costurar. No início do Galpão costuravam apenas itens para o *kit* materno da Alola. A Alola tem várias frentes de interação com as mulheres timorenses, qual o Galpão estava vinculado ao programa de geração de renda para as mulheres e o *kit* materno era distribuído para mulheres no programa de saúde materna.

O *kit* materno era composto de roupas para mãe e para o bebê, como forma de estimular as mulheres a terem suas filhas no hospital, porque um grande empecilho para a procura de atendimento médico seria a falta das roupas. As mulheres envergonhariam-se de não terem mudas de roupas para o bebê, toalha e afins, por isso não procuravam atendimento hospitalar. Em 2014 o Galpão ainda confeccionava os *kits* maternos.

Aos poucos a compra do *tais* foi inserida dentro do programa de geração de renda, Ofélia percebeu que poucas pessoas, principalmente o público estrangeiro interessava-se em comprar peças de *tais* inteiras. O *tais* era vendido como um tecido grande e grosso, qual as pessoas de fora de Timor não entendiam seu valor ou seu uso.

Assim, a Alola começou a fazer peças com os *tais* para venda, vários itens, sendo os principais, bolsas. No começo os produtos eram vendidos apenas em uma loja dentro da própria Alola em Mascarenhas, bairro de Díli, até que depois abriram mais uma loja da Alola no Plaza Shopping. No período que estive em Díli era possível encontrar peças inteiras de *tais* para vender, nas lojas da Alola. Contudo, estas peças ficavam à venda um tempo determinando. Se quando fossem renovar o estoque ainda não tivessem sido vendidas voltavam para *Taibesi* para serem cortadas e serem transformadas em outros produtos. Poucas





pessoas compravam os *tais* inteiros. O processo da costura no Galpão era iniciado a partir da avaliação dos estoques das lojas. Eram analisados os produtos que estavam acabando ou em falta, estes tinham prioridade para serem feitos. Em seguida Ofélia poderia criar modelos novos de bolsas e afins, pois ela dizia que outras pessoas que vendem produtos de *tais* em Díli, copiavam com rapidez os modelos da Alola e por isso sempre havia a preocupação de fazer novos desenhos.

Desenhar a bolsa ou outro item e depois desenhar o molde eram trabalhos exclusivos da Ofélia. A maioria das costureiras apenas sabia costurar na máquina. Algumas chegaram ao Galpão sem costurar muito bem e Ofélia as ensinou, contudo, Ofélia contou que outras não aprenderam e acabaram indo embora. Treinar o pessoal era de certa forma também uma atividade acumulada esporadicamente pela Ofélia.

Desenhar o produto era o primeiro momento da parte da costura, era também uma tarefa solitária. O segundo era desenhar e fazer o molde. O próximo momento era o do corte, qual envolvia escolher os *tais* para cortar visando aproveitar ao máximo as peças. Os *tais* com classe 1 costumavam virar bolsas, enquanto os de classe 2 ou classe 3 tendiam a virar bolsinhas menores. Explicarei melhor as questões das classes de *tais* no capítulo 4.

Colocava-se o molde no *tais* e eram cortados com muita atenção, pois ao colocar o molde no *tais*, para cortá-lo também existia a intenção de abranger da melhor forma os motivos e as cores do *tais* para o futuro produto, ao mesmo tempo que também se tinha a intenção de não desperdiçar nenhum milímetro. Além do *tais*, também eram cortados tecidos para os forros, que costumavam ser pretos e também entretelas para ornar adequadamente as peças. Os retalhos de *tais* que sobravam desse corte para peças grandes, como bolsas, eram aproveitados para a criação de portas copos depois.

Depois de cortarem os *tais*, os forros e as entretelas, deixavam tudo em uma estante dispostos de forma conjunta as partes necessárias para as costureiras, formando *kits* prontos. Quando as costureiras começavam novas peças, iam até a parte do corte, se dirigiam às estantes e pegavam o *kit* que correspondia com o produto que faria. Os *tais* eram cortados com tesoura e as entretelas também. Contudo, o tecido do forro costumava ser cortado na máquina de cortar.

Em sua primeira passagem pelo Galpão Ofélia tinha levado duas máquinas de cortar, porém, quando voltou em sua segunda passagem, uma das máquinas *avariou* (quebrou). O que era ruim, pois assim apenas uma pessoa poderia cortar de cada vez com ela, se as duas

funcionassem essa atividade seria mais rápida.

As costureiras pegavam os *kits* e sentavam em suas máquinas. Normalmente todas estavam fazendo peças parecidas, por exemplo, tinha alguns dias seguidos em que todas estavam fazendo bolsinhas de dinheiro, dias consecutivos em que todas faziam bolsas grandes. Elas tinham em suas mesas, junto com o material, etiquetas da Alola para colocarem nos produtos maiores. Em alguns produtos menores como porta copos, não havia espaço para colocar uma etiqueta.

Ofélia também comentava que algumas vezes quando fez novos moldes para bolsas as mulheres comentavam “é muito difícil” e a Ofélia retrucava “como é difícil se você ainda não tentou fazer?”. Aliás, a Ofélia sempre passava orientações antes de introduzir outros moldes ou coisas novas e pareciam ser realmente necessários, pois algumas mulheres pareciam ser medrosas com novidades dentro da rotina.

A costura era mais rápida, principalmente se fossem peças pequenas. As mulheres conseguiam fazer várias em poucos dias, porém, as bolsas maiores demoraram alguns dias para ficarem prontas. Apesar do corte ser realizado por outras pessoas, a montagem inteira da bolsa, com entretela, forro e etc é feita por uma costureira, que pegava o kit e apenas terminava de mexer com ele quando tinha como resultado um produto pronto.

Boa parte das máquinas foram trazidas pela Ofélia, da Austrália. Contudo, trocaram os motores das máquinas, que antes eram industriais para motores de máquinas domésticas, porque dessa forma é mais fácil para as costureiras controlarem a velocidade e os pontos das máquinas. A costura no Galpão era uma atividade que pouco parava (no sentido de não esperarem uma demanda para desencadear a produção), principalmente pela diversidade de produtos.

### 3.6 Tecelagem

Depois de algum tempo de funcionamento Ofélia trouxe a tecelagem para o *Sentru Suku*. Com isso chamou algumas mulheres que vendiam *tais* de forma ambulante em Díli para integrar o corpo das tecedeiras. Com a tecelagem também foi possível garantir autossuficiência financeira do Galpão.

O principal e quase exclusivo produto da tecelagem no Galpão são as *salendas*. E ao contrário das bolsas e outros produtos resultantes da costura, as *salendas* não vão para as lojas da Alola. As *salendas* são feitas apenas a partir de *ordens* (encomendas) e costumam ser

buscadas por seu encomendador, não ficando disponíveis para compra e venda.

A *salenda* é um dos formatos adotados pelo *tais*, seu formato menor e proporcionalmente diferente de um *tais feto* ou *tais mane*. Enquanto os *tais feto* e *mane* são mais “quadrados” as *salendas* são mais retangulares. Os *tais feto* e *mane* circulam normalmente nos rituais, como *barlake*, enquanto as *salendas* comumente circulam ofertadas pelos timorenses como presentes para visitas estrangeiras. As *salendas* circulam como símbolo de hospitalidade. As *salendas* também podem ser visualmente descritas como um cachecol de *tais*.

Os principais encomendadores de *salendas* ao *Sentru Suku* eram órgãos ou pessoas do governo timorense e elas circulavam em seus eventos. As *salendas* eram compradas para serem presentes e costumavam ser personalizadas com o nome do órgão que a encomendava. Além da hospitalidade também eram comuns encomendas para *salendas* de agradecimento. Em alguns casos de agradecimento o nome escrito na *salenda* era o da pessoa que a receberia.

A *ordem* (encomenda) é o início da *salenda*, são negociados o tamanho da *salenda*, o preço, as cores e as palavras, além do prazo de entrega, entre outras coisas. Dependendo da *ordem*, se for muito grande ou se tiver o prazo muito curto, a Ofélia conversava com as tecedeiras e perguntava para elas se elas acham viável, se achavam possível fazer aquela quantidade ou se achavam interessante entregar naquele período.

Se a pessoa ou órgão que já tivesse sido cliente fosse fazer uma *ordem* de *salendas*, provavelmente não seria necessário fazer o molde para o *tais*, pois o Galpão teria guardado seu molde da *ordem* anterior, porém se era uma primeira encomenda existia a necessidade da Ofélia sentar e desenhar o molde. No *Sentru* havia um “arquivo” de *salendas* com uma amostra de cada *ordem* feita.

Nos caso de um novo cliente era necessário fazer um molde, para depois se fazer uma amostra. O desenho do molde era feito pela Ofélia, a proposta poderia conter um logo ou apenas o nome do estabelecimento. Ofélia conversa com o cliente e também chegava em cores e em como as cores seriam usadas nas *salendas*.

O desenho do molde poderia levar até 2 dias para ficar pronto, eram feitas cruzeiras em um papel quadriculando indicando o desenho ou a palavra que iria para o *tais*. Quando o molde ficava pronto havia a tentativa de passá-lo para o *tais*. Assim Ofélia explicava para a tecedeira como era o desenho e sentava ao seu lado no tear para acompanhar a transferência do desenho para o *tais*.





Era muito importante que a Ofélia acompanhasse de perto essa parte pois ela tinha que perceber o que poderia dar errado, porque algumas vezes era preciso refazer o molde. Nessa etapa boa parte das tecedeiras, principalmente as mais novas, não arriscavam-se, elas tinham medo. Situação que lembra uma peculiaridade da tecelagem, que seria atividade perigosa segundo Schouten (SCHOUTEN, 2011; 244).

Quando a primeira peça estivesse pronta iria para a análise do cliente. Com a aprovação do cliente começa-se confecção da *ordem*. A partir daí, dependendo da cor da linha, há um grande esforço para enrolar-se linha para fazer o *duir* (urdume do *tais*). Contudo, às vezes já se têm algumas linhas enroladas. Apesar de que sempre é necessário enrolar linha.

Enrolar linha não é tarefa de ninguém; todavia é a tarefa de todo mundo. Quando Ofélia não tem que desenhar molde de costura, molde de tecelagem, conferir estoques das lojas ou alguma coisa assim, ela fica enrolando linha. Todas as outras mulheres também enrolam linha se estiverem “ociosas”.

Quando acaba o *duir*, todas as tecedeiras ficam enrolando linhas. As vendedoras das lojas da Alola também ficam enrolando linha, quando não estão atendendo as pessoas. Algumas mulheres do distrito quando vão vender seus *tais*, pedem para enrolar linha enquanto estão no Galpão. E assim, eu logo me ofereci para enrolar linha também.

As linhas eram compradas em novelos com carretéis de plástico e desse modo era inviável tecer, ao mesmo tempo que os novelos não estão adequados à forma da tecelagem do *tais*. Enrolar linha consistia em puxar ao mesmo tempo linhas de seis novelos diferentes, enrolando elas em forma de uma bolinha, ao modo de formar um novo novelo com “uma linha” que contém seis fios.

Eu chegava no *Sentru Suku* e já começava a enrolar linha, enrolava até a hora que começava a ter uns espasmos no pulso. Por conta dos espasmos percebi que por isso não era uma atividade de ninguém e ao mesmo tempo de todo mundo; ninguém conseguia ficar o dia inteiro enrolando linha. Eram movimentos demasiadamente repetitivos. E por isso era uma atividade intercalada com outras.

Depois das linhas enroladas, era feito o *duir*. O *duir* era o equivalente ao urdume, traduzindo para termos da tecelagem em português. O *duir* era o princípio do *tais*, quase sempre havia vários padrões de cores muito evidentes já nessa parte. O *duir* era feito no *ai dui*, uma espécie de tear. E o *duir* quando estava fora do tear se chamava “*Duir hotu atu*

*soru*”, que poderia ser traduzido como: linhas prontas para tecelagem.

Era necessário enrolar linha no *kabas sokar*, que é o suporte em que a linha que faz parte da trama do *tais* é enrolada. Pensando em trama como uma tradução de atividades da tecelagem e também entendendo que um tecido é feito a partir da estrutura e dinâmica de urdume e trama. Contudo, o *kabas sokar* apenas era feito pelas tecedeiras, creio ser um processo mais específico ou sagrado.

Quando o *duir* fica pronto ele é colocado no tear e começa-se a tecer. Parte do tear se chama *Hakas*, é a parte que fica ao corpo da mulher. Os teares são improvisados em mesas de costura com máquinas quebradas que foram da Ofélia e que ela resolveu guardar, mesmo quebradas. O interessante na tecelagem do *tais* é que não precisa-se de muito mais do que da tensão entre a tecedeira e as linhas.

As mulheres não possuem teares nas suas casas também. Em suas residências elas tecem com um pedaço de madeira amarrado na porta. Um tear poderia ser mais confortável, ou não afinal, todas já estarem acostumadas com as improvisações do tear para tecer o *tais*. Apenas alguns artefatos são realmente necessários como o *ates* e o *noru*, ambos precisam ser encomendados, estes não são tão passíveis de flexibilização.

Eu não soube identificar **como** ou **quando** ou **se** acabaram com os teares em Díli ou se as mulheres, em sua maioria, nunca ou sempre teceram em teares estruturados. Mas era muito raro ver um tear em Díli, o que se via tanto no Galpão, quanto no mercado de *tais*, eram mulheres com o *Hakas*. Mulheres tensionando linhas em mesas e madeiras em paredes.

Quando a amostra está pronta, as mulheres usam a amostra para tecer. Pareceu-me muito complexo olhar as cruzes no papel, olhar a amostra também parecia difícil, contudo, era mais familiar para as mulheres. Entretanto, sempre que mudava-se a *ordem* a Ofélia tinha uma conversa com a mulheres explicando todos os detalhes da *ordem*.

Nos primeiros dias de novas ordens, Ofélia ficava de olho principalmente em algumas tecedeiras específicas, dizia que elas poderiam ser muito teimosas e às vezes insistia em fazer os detalhes de uma ordem que já tinha acabado. Aos poucos eu comecei a pensar as letras como motivos, assim conseguia entender porque elas gostavam de continuar fazendo algumas letras de outras ordens.

Todas as tecedeiras tinham liberdade para ornarem o *tais* da forma que quisessem. Pois próximo às extremidades, havia motivos e também *tapestry*, que seria uma especie de bordado sobre o *tais*. E esse espaço da *salenda* não era negociado com quem encomendava,

era uma parte livre para que as tecedeiras fizessem ali seus motivos preferidos. E de fato era o espaço que as mulheres usavam livremente, era como se cada uma assinasse sua peça.

Ao acabarem as *salendas*, a última etapa do processo era; cortarem as franjas. Porém, quando as tecedeiras faziam pela primeira vez uma *salenda* da ordem, a Ofélia conferia e olhava, revisando se o nome e os motivos estavam legíveis, se todas as letras estavam ali. Pois as tecedeiras assim como as outras mulheres do Galpão eram analfabetas. As tecedeiras tinham também aquela primeira peça como referência para as outras que fariam.

Enquanto não se cortasse as franjas sempre era possível desfazer e refazer a *salenda*. Cortar a franja significava que a *salenda* estava pronta ou finalizada. As franjas costumavam ser cortadas só ao fim de tudo. Pois havia como conferir e desfazer algo, caso estivesse errado. Era interessante perceber que às vezes parecia existir um dia de corte de franjas.

### 3.7 Tipos de gestão

Ao observar as dinâmicas da tecelagem, qual é muito trabalhosa para uma pessoa só, perguntei para Ofélia se ela sabia como as mulheres dos distritos faziam. Se elas se organizariam em grupos ou fariam o trabalho todo sozinhas. Ofélia disse que acreditava que a maioria das mulheres fazia todo o trabalho sozinha em relação ao grupo (aldeia), porém com ajuda de pessoas da família.

Realmente era trabalhoso e demorado para uma mulher apenas enrolar linha, fazer *duir*, fazer o *kabas sokar e* tecer. Porém, nos distritos, as mulheres reuniriam-se para pintar e lavar linhas, duas atividades que incluem o uso de água. Era uma atividade conjunta que tinha relação com economia da água.

No Galpão as pessoas parecem estar nos lugares em que melhor exercem suas funções, ou nos lugares em que podem exercer funções sem dor ou afins. O que encarei como uma divisão de trabalho interessante, afinal, as pessoas estariam exercendo as atividades que fazem melhor ou atividades que não lhe causem sofrimento físico. Ao mesmo tempo o *Sentru* se mostrou flexível, como se estivesse sempre em construção, adequando suas regras de acordo com a necessidade de pagamentos menos espaçados, por exemplo, e não apenas domesticando as mulheres que trabalham ali.

Quando alguma possível encomendadora ou alguém que fazia uma *ordem* pedia um desconto ou algo do gênero, a Ofélia indicava o dedo para as mulheres e indagava a



encomendadora: “Mas você quer explorar essa gente?”. A pessoa que queria encomendar se desconcertava e respondia prontamente “não, não, não” e dizia que a Ofélia tinha entendido errado.

O Galpão era autossuficiente e não visava o lucro em si. As atividades mais recentes foram inseridas para assegurar a compra do *tais* das mulheres do distrito. Para comprar *tais* delas é preciso garantir uma finalidade que gere renda para o *tais* comprado e um meio de gerar capital para continuar comprando o *tais* das mulheres dos distritos e isso aconteceu por meio da costura e da tecelagem, respectivamente.

O *Sentru Suku* foi criado com a intenção de gerar dinheiro para a *Fundasaun Alola* como um todo, porém, seu capital de giro apenas o tornou autossustentável, o que já era incrível, pois garante a compra de *tais* de diversos grupos de mulheres dos distritos e emprega pelo menos 20 mulheres no Galpão e 4 mulheres nas lojas da Alola.

Contudo, durante o período que estive em campo, a Alola Austrália queria fechar o Galpão alegando que o *Sentru Suku* não dava lucro. Algumas pessoas da comissão executiva da Alola achavam que *Taibesi* tinha que ser mais eficiente e que a produção tinha ser mais rápida. Ofélia fazia parte da comissão e se posicionou contra o fechamento afirmando que o trabalho das mulheres era um trabalho duro e que também elas têm um ritmo de trabalho, ritmo que elas conhecem.

Dessa forma, Ofélia que pretendia, no começo do campo, sair de *Taibesi* em dezembro de 2014, a partir dessa reunião e dessa falta de interesse de algumas pessoas da Alola Austrália em continuar com o *Sentru Suku* mudou os planos para o ano seguinte e começou a planejar o futuro do Galpão, pois ela não sairia sob ameaça de fechamento.

É interessante perceber que a Alola Austrália e a Alola Timor, pelo menos para o Galpão, pareciam ter projetos diferentes. Este conflito de projetos administrativos e de produção, evidencia um comportamento internacional, por parte da Alola Austrália que pode ser descrito como desenvolvimento de capacidades.

Silva (2012) descreve e analisa eventos e discursos que confirmaram expectativas civilizadoras dos internacionais para o exercício de atividades pelos timorenses, institucionalmente chamadas como desenvolvimento de capacidades.

Tais narrativas sugerem que as políticas de desenvolvimento de capacidades eram, entre outras coisas, instrumentos por meio dos quais os internacionais inventavam os timorenses, instituindo-se, ao mesmo tempo, como superiores a eles. Constituídas por

projetos civilizadores sem um ponto comum de chegada, as narrativas sobre o desenvolvimento de capacidades colocavam os timorenses em perspectiva a partir de categorias classificatórias distintas, quase sempre relacionadas à história de formação nacional dos países dos quais os assessores internacionais eram originários e a modelos de conduta tomados como ideias de um Estado-Nação moderno. (SILVA, 2012:220)

A Alola Austrália esperava que as mulheres do Galpão fossem mais “eficientes”, produzissem em maior quantidade, produzissem com mais rapidez. Enquanto a Alola Timor, representada pela Ofélia, alegava que elas produziam naquele ritmo e que era necessário respeitá-las.

A Ofélia enquanto leste-timorense parecia ser fundamental para administrar o *Sentru Suku*. Para manter o Galpão aberto e também para dentro do possível frear as expectativas de produção que vinham da Alola Austrália, que parecia não considerar o trabalho que vinha sendo feito. Apenas se voltava para o trabalho que não era possível fazer.

### **3.7.2 Permanentes e por peça**

Para as tecedeiras e as costureiras havia duas formas de contrato, o permanente e o por peça feita. O Galpão não tinha condições financeiras para contratar todas as mulheres como permanente, por isso existia essa forma de trabalharem ganhando por peça.

As que ganhavam como permanentes eram mais visíveis na tecelagem, porque eram as únicas que não levavam trabalho para fazer em casa. O trabalho para fazer em casa aqui não é sinônimo automaticamente de trabalhar em horários “livres”, hora extra ou trabalhar necessariamente mais, porém pelo contrário, trabalho em casa se refletia em faltas das mulheres que ganhavam por peça.

Pois algumas tecedeiras não permanentes apenas iam ao Galpão nos dias que acabava o *duir* ou a linha. Buscavam mais e só voltavam de novo quando precisassem de mais material. Também podemos pensar que nas suas casas elas podem tecer no ritmo mais próximo ao da produção familiar. Porém, é difícil pensar no ritmo de produção para casa, quando algumas mulheres talvez não façam exatamente o mesmo trabalho que fazem no Galpão, em suas casas.

Como as tecedeiras não precisavam de um tear para tecer, poderiam tecer em qualquer lugar, não precisavam ir ao Galpão para fazer suas peças. Apenas iam para aprender as

características das novas *ordens* e pegar o material, depois traziam as *salendas* prontas. Dessa forma apenas as tecedeiras permanentes (em relação a todas as tecedeiras) frequentavam efetivamente o espaço do Galpão.

Entre as costureiras também existia essa diferença entre permanentes e por peça, porém, entre elas não era perceptível essa discrepância pela presença ou pela falta. Creio eu pelo fato das costureiras dependerem das máquinas e não as tendo em casa, terem que ir ao Galpão todos os dias. As costureiras não tinham a praticidade que o imprevisto ocasionava.

As funcionárias permanentes ganhavam dois salários mínimos (na época da pesquisa), décimo terceiro e férias. As que recebiam por peça, recebiam em cima da sua produção e ao invés do décimo terceiro recebiam 50% da sua melhor produção do ano e tinham direito a férias mais curtas. O ideal era chegar ao ponto que todas pudessem receber como permanentes.

Ofélia achava que era difícil encontrar alguém para seu cargo pela quantidade de funções que essa pessoa deveria desempenhar, já a Kirsty, fundadora da Alola, achava que era difícil achar outra pessoa para o *Sentru Suku* por conta do vencimento, que era pequeno para a quantidade de tarefas acumuladas e também para a dedicação ao trabalho.

Vencimento que era mal interpretado pelo fato da Alola ser vista como uma ONG rica em Timor, principalmente pelos fatos da Kirsty, que era a fundadora da Alola ser australiana e ter sido esposa do Xanana Gusmão no período da fundação. Porém o Galpão era de certa forma autônomo em relação à Alola, uma informação que poucas pessoas sabem. No período que estava em Díli Xanana Gusmão era o primeiro ministro de Timor-Leste e Kirsty ainda era oficialmente sua esposa.

### **3.8 Faltas, responsabilidade e trabalho**

Depois de mais de um mês frequentado o Galpão, ao chegar um dia pela manhã, perto das 8h e pouco, logo percebi uma mulher que eu nunca tinha visto a tecer. A princípio pensei que poderia ser uma mulher do distrito, pois algumas vinham e passavam o dia no *Sentru Suku*, até dar a hora do ônibus de volta.

Quando Ofélia chegou, esperei ela sentar e se acomodar para perguntar sobre a mulher. Porém quando questionei Ofélia sobre a mulher “Hoje tem uma tecedeira que eu nunca vi ali..”, Ofélia olhou para mulher e quase caiu para trás. Levantou e foi falar com ela

imediatamente.

Ela ficou conversando com ela uns 20 minutos e quando voltou para a sua mesa, disse que aquela era uma das tecedeiras que ganhava por peça, porém, fazia muito tempo que ela não aparecia. E que ela tinha sumido justamente em um período em que o Galpão tinha uma encomenda grande. Assim seu sumiço tinha sobrecarregado as outras tecedeiras.

Essa tecedeira disse que estava em Oecusse e que tinha ido ver o marido, passar um tempo com ele. O problema de tudo é que ela não tinha avisado que iria para Oecusse, nem que ficaria todo esse tempo fora, ao mesmo tempo que do mesmo jeito que tinha saído, tinha voltado: como se nada tivesse acontecido.

Inclusive ela queria pegar o pagamento de peça que tinha deixado incompleta para trás quando foi embora e Ofélia disse que outra mulher tinha recebido pela peça pois teve que terminar a peça às pressas. Afinal, quando aceitaram a encomenda grande, essa tecedeira também votou favorável a pegar a *ordem*, contudo, com seu sumiço, ou melhor, sua viagem, sobrecarregou as outras tecedeiras.

Ofélia contou que não era a primeira vez que ela sumia atrás do marido, muito pelo contrário, que fazia isso até com uma certa frequência. Contudo não ficou muito claro para mim se ela ia com ele ou se ela ia atrás dele, literalmente. Foi um fato que me chamou atenção na época do campo, pelo desprendimento ao trabalho e não pelo “apego” ao marido.

Outras mulheres tinham narrações que aos poucos foram parecendo-me semelhantes em algum aspecto. Para ficar mais claro resumirei duas. A primeira, passou no Galpão em um dia pela manhã avisando que iria para Aileu e apenas voltaria uns dias depois, pois o cunhado e a irmã não poderiam viajar por causa do trabalho e então ela iria levar algo para o irmão. Ofélia disse que retrucou para ela ao ouvir a explicação “Só o trabalho deles é importante? Então diz para eles pagarem seu vencimento, já que vais para Aileu”.

A segunda, da mesma forma que a primeira, passou no *Sentru Suku* apenas para avisar que iria viajar. Esta mulher disse que foram os irmãos que compraram a passagem para ela ir para um distrito e logo Ofélia retrucou “Mas são seus irmãos que cuidam do negócio?” (se referindo ao Galpão). Disse (Ofélia) que não era a primeira vez que ela fazia isso. A segunda disse que voltaria no sábado, mas apenas voltou em outra semana.

Quando eu pensei pela primeira vez neste tipo de faltas, nessas viagens, imaginei que

as faltas das mulheres ao trabalho estavam ligadas a oportunidade de viajar, afinal estão saindo de Díli, saindo da rotina, porém, aos poucos fui percebendo que pelo menos nestas três explicações existe um homem que é parte da família como parte do argumento narrativo para justificar ou melhor, para motivar a falta.

E esse homem é aparentemente o motivo, o responsável ou o interessado na viagem. O que é bastante intrigante! Pois no sentido dado pela Ofélia, sobre então “eles paguem seu salário”, “eles cuidam do negócio?” parece expor um conflito sobre a disposição do tempo da mulher entre o trabalho “doméstico” e o trabalho “formal”.

Ainda sobre faltas, todas as pessoas que trabalhavam no Galpão tinham direito a seis faltas por ano para doença e cinco faltas em caso de luto, mas era muito claro que algumas faltavam bem mais do que isso. Desde o primeiro dia que fui, queria tirar uma foto com todas as pessoas que trabalhavam no *Sentru Suku* e aos poucos percebi que era quase impossível, todo dia faltava alguém.

Comentei com a Ofélia, que gostaria de tirar uma foto com todas, mas sempre faltava alguém e ela disse-me para tirar a foto no dia de pagamento. Entretanto, mesmo nos dias de pagamento faltava pelo menos uma pessoa. A Ofélia percebia essas faltas como falta de responsabilidade.

Demorei um tempo para perceber que o que a Ofélia dizia ser **falta de responsabilidade** era de certa forma uma espécie de falta de compromisso, no sentido mais simples. Quando a Ofélia falava que muitas não tinham responsabilidade, ela falava da relação delas com a Alola, emendava que parecia que apenas queriam os benefícios. Dessa forma, responsabilidade parecia ser uma relação de troca.

A responsabilidade seria o reconhecimento, a gratidão expressa em solidificação da relação de trabalho, no sentido de não faltar com a Alola, o que poderia ser comparecer todos os dias, não abandonar o Galpão no meio de uma encomenda grande. Querer o bem da Alola, assim como a Alola quer o bem delas. O que não era demasiadamente romântico, mas era exatamente o primeiro passo para a autogestão.

Porém, se pensarmos os casos apresentados no início desta seção, casos ditos como falta de responsabilidade, há uma pequena diferença entre eles. No primeiro caso, a tecedeira, simplesmente sumiu e voltou, sem avisar nada. No segundo e terceiro caso, as mulheres foram avisar que não iriam. De alguma forma, eu percebo que as mulheres do segundo e do terceiro

caso talvez não tivessem a responsabilidade esperada pela Ofélia, mas não sumiram como a tecedeira do primeiro caso.

Creio que as mulheres do segundo e do terceiro caso internalizaram bem mais a noção de responsabilidade, mas talvez não pudessem corresponder plenamente por estarem mais comprometidas com sua família ou seu marido. Analiso que provavelmente fosse estressante para as mulheres terem que “escolher” a quem deveriam corresponder o compromisso.

E imagino que por isso elas iam até o Galpão avisar a Ofélia. Era o investimento que elas poderiam fazer naquela relação de trabalho. Porque, por mais que Ofélia comentasse algo sobre quem pagaria o salário delas, elas poderiam voltar para o Galpão. Ninguém tinha sido despedida por conta disso.

Talvez a fala da Ofélia para as mulheres, quando elas viajavam, eram mais educativas ou performativas. Ofélia entendia o que era esperado delas caso elas trabalhassem em outro lugar. Porém também era perfeitamente possível que Ofélia soubesse que as mulheres não tinham “escolha”, deveriam “horar” primeiro seus compromissos “domésticos”, por isso elas poderiam voltar.

Por um tempo, pensei que as mulheres faltavam por não terem uma “punição”, como serem demitidas ou algo assim. Porém, em contra partida, pensei que punições poderiam não ser efetivas para trazer as mulheres ao trabalho, pelo contrário talvez os seus familiares masculinos esperam (no sentido de querer) que elas fossem demitidas, e exatamente por isso lhe colocam em situações dessa natureza.

### **3.9 Considerações sobre o capítulo 3**

As tensões de transição da produção dentro de um grupo familiar e dentro de uma produção “moderna” podem se refletir também nas relações de família nuclear, que podem disputar o tempo de trabalho das mulheres. A falta de responsabilidade pode ser relacional e pode-se entender que a falta de responsabilidade é um lado da moeda da honra de compromissos com outras pessoas e instituições.

As tensões também podem estar presentes no ritmo da produção, existem dentro da Alola controvérsias sobre a necessidade de lucro com um espaço que emprega 20 mulheres. A construção de capacidade, discurso moderno, ignora o modelo local, muitas vezes eficiente e impõe seus valores, como demasiada “importância” dada ao lucro, pela Alola Austrália.

# capítulo 4

**"Por na balança",  
o sistema de pesagem do tais**



Neste capítulo serão analisadas formas pelas quais o Galpão da Alola comprava *tais* das mulheres do distrito, além de observar o sistema criado pela Ofélia para efetivar esta transação. Este sistema permite a comensurabilidade e comparação do *tais*, em outros termos, a formulação de seu valor de troca por dinheiro e sua consequente introdução na esfera e regime de mercado (Marx 1983). Discuto também diferenciações emergentes no *tais*, entre aqueles que são feitos para *usos* e *costumes* e os que são tecidos feitos para a esfera e regime de mercado. Aqui também serão descritas algumas pesagens de *tais*, eventos que podem ser entendidos como ritualizados. Indico também como a estabilidade do preço do *tais*, assegurado pela Alola, beneficiou outros grupos que produzem produtos derivados de *tais*.

#### 4.1 A primeira pesagem de *tais*

No meio da manhã de uma terça-feira, 4 de novembro, estacionou um táxi do lado de fora do Galpão. Frequentemente era possível ver ou perceber que alguém estava chegando, fosse por um carro estacionado ou por uma silhueta andando a caminho do prédio. Quando isso acontecia o Galpão entrava num clima de curiosidade; começavam os burburinhos, “quem é?”. As conversas só cessavam quando o mistério fosse resolvido.

Aos poucos, foi possível ver duas mulheres colocarem algumas sacolas grandes de plástico na entrada mais próxima à parte 3. Eram três sacolas, uma bem grande, porém as outras eram menores, entretanto sem serem pequenas. Todas as sacolas estavam cheias. Ofélia falou para pegarem cadeiras. Eu estava enrolando linha na mesa da Ofélia e perguntei se ela queria que eu saísse dali. Ela disse que não precisava, pois elas (as pessoas que tinham chegado) iriam **pesar o *tais***.

Logo as mulheres despacharam o táxi e entraram no Galpão. Eram três mulheres jovens, sendo que uma estava com uma criança pequena, menor de 2 anos. Elas eram de Los Palos. Quando entraram, o burburinho terminou. Em contrapartida, estas mulheres, “visitantes” de Los Palos, não pareciam estranhas ao local. Rapidamente se sentaram. Pareciam conhecer o espaço, aparentavam saber o que iria acontecer e o que deviam fazer.

Eu que não sabia o que iria acontecer, nem onde ficar. Bom, eu sabia que a *Alola Esperansa* comprava *tais* das mulheres dos distritos. Porque essa era a origem dos *tais* que viravam bolsas, entre outros produtos no Galpão. Mas até aquele instante eu não sabia como era feita a compra ou venda destes tecidos.

Eu desconhecia o que iria acontecer naquele instante, ou melhor, o que já estava





acontecendo. Os *tais* estavam sendo tirados da sacola. Eram dobrados, separados e colocados em cima da mesa. Perguntei para a Ofélia se eu poderia tirar fotos, ela disse que sim. Perguntei para as mulheres de Los Palos, se eu poderia tirar fotos, elas também falaram que sim.

Toda a atividade se concentrou em uma mesa que era paralela à mesa da Ofélia. Essa mesa costumava ficar vazia, com exceção de uma balança em cima. Era nessa mesa que eram cortadas as franjas das *salendas*, quando estavam prontas. Também era nessa mesa que se organizavam as encomendas para entrega. Até aquele instante, essa mesa tinha passado por mim despercebida. Eu a via como uma mesa que auxiliava algumas atividades, porém nada além disso.

Entretanto, aquela mesa era naquele momento o lugar onde eram colocados os *tais* do distrito. As mulheres de Los Palos voltavam sua atenção para a mesa e para o *tais*. Depois da primeira “classificação dos *tais*”, Ofélia começou a olhar um por um, desdobrava, olhava e colocava na mesa de novo.

Perguntei para ela o que ela estava fazendo; ela disse que os tecidos eram divididos em classe 1, classe 2 e classe 3. E que ela estava conferindo os *tais*; ela estava separando eles para pesar. Os *tais* que chegaram foram separados, ou melhor, classificados em três classes. Essas classes eram definidas pela qualidade e comprados pela Alola pelo quilo.

A Ofélia explicou que os *tais* classe 1 são os que estão bem feitos e sem falhas. Aqueles de classe 2 são os que estão mais “macios”, por estarem mal “batidos” ou “batidos” sem força (se referindo ao processo de tecelagem), ou com falhas nas linhas, falhas que exigem mais atenção da pessoa que for cortar os *tais*, quando for encaixar os moldes (se referindo ao processo só corte, que precede a costura). Já os *tais* identificados como classe 3 são os que estão com rasgo (causados pelo armazenamento ou deslocamento, além de roídos por bichos), ou problema nas cores (como falhas e desbotamentos).

Depois que todos os *tais* foram separados em pilhas, começou a pesagem. Nesse momento eu percebi que a atenção que eu dava à mesa e para todas as relações à sua volta, derivava, na verdade, do protagonismo de uma balança que estava em cima da mesa. Uma balança que poderia estimar até 10 quilos. A balança era verde, era uma balança muito parecida com a que eu encontrava em feiras e açougues, quando eu era criança, inclusive

recordo de ter uma balança dessas de brinquedo na infância. Mas a que eu tive era de plástico e bem pequena. E a balança da Alola era de ferro, maior e imponente na mesa.

Como ressalta Weber: “... é bom lembrar que, no universo em que o relógio, a balança e o cadastro são onipresentes, seu uso não se impõe uniformemente em todos os domínios da prática..” (2002, 160). Apesar da balança ser um objeto familiar para mim, eu não poderia pressupor seu uso. Principalmente porque não sabia e não soube se a balança era um artefato cotidiano na vida das mulheres que vendiam o *tais* para a Alola. As mulheres do Galpão, por exemplo, usavam com certa frequência a balança para segurar as *salendas*, quando tinham que cortar a franja. Usavam a balança como algo pesado que em cima do *tais* poderia segurá-lo durante o corte.

Enquanto os *tais* eram apenas separados, as mulheres de Los Palos conversavam entre si, mas uma delas, a que estava com uma criança, não parava de prestar atenção em todo o processo realizado. Aquelas mulheres traziam *tais* de seu grupo e não apenas os *tais* produzidos por elas próprias. Então provavelmente elas deveriam ter que explicar tudo que aconteceu para as mulheres que ficaram no distrito, em caso de dúvida.

Foram pesados os *tais* pelas classes. Primeiros os classe 1, depois os classe 2 e por último os classe 3. A cada pesagem a Ofélia anotava os valores em um papel. O processo era: primeiro era colocado o *tais* na balança, depois se olhava o peso, que era sempre observado pela mulher com a criança, além da Ofélia; por último, se anotava a classe e o peso. Esse processo foi repetido até sobrarem apenas alguns *tais*, que não seriam comprados pela Alola, explico abaixo.

Ofélia explicou que os classe 1 são usados para fazer “*pastas*” (bolsas) grandes. Os de classe 2 e o de classe 3 seriam para fazer produtos menores, como bolsas menores, tendo o cuidado para não deixar as falhas desse *tais* visíveis. Faço agora uma pequena pausa para explicar que até aqui essas categorias são todas oriundas do Galpão, classe 1, classe 2 e classe 3. Eu apenas as anotava.

Os *tais* que não seriam comprados, como estes *tais* que sobraram na mesa das moças de Los Palos, não se encaixavam nestas classes. Os *tais* não comprados costumam estar com grandes falhas de cores ou de linhas. Sendo uma falha de linha, por exemplo, ter lã no meio do *tais*, pois a lã é uma linha muito mais grossa que a linha usada para o *tais*. O problema aqui era na finalidade das linhas, não das linhas serem diferentes em si.





Ter diferenças de linhas naturais (feitas pelas próprias mulheres) e linhas artificiais (linhas compradas ou linhas de poliéster), por exemplo, não era um problema. Ter *tais* com linhas de algodão natural e algodão sintético não configurava um defeito. Pelo contrário. O *tais* Marobo, por exemplo, é famoso por ser misto dessa forma, linha natural e linha sintética. O problema para a compra pela Alola era ter linhas com fins diferentes, pois a lã é para o tricô e não para o *tais*, um tecido com linhas mais finas. A linha do *tais* é praticamente a mesma linha usada na costura de roupas.

Esses *tais* que não se adequavam às classes 1, 2 ou 3, não seriam comprados. Mas a mulher que estava com a criança foi conversar com a Ofélia. Conversaram em tétum. As mulheres de Los Palos não queriam voltar com tecidos, então elas mesmos ofereceram estes *tais* por 5 **pesos timorenses** o quilo, preço abaixo do quilo da classe 3 (explico abaixo o peso timorense). A Ofélia disse para mim que era uma pena elas não aproveitarem os tecidos “só gostam de jeans”. Comentou que elas poderiam usar em casa, porém não querem voltar com *tais*.

A Alola Esperança comprou estes *tais* que não seriam comprados, Ofélia disse que usaria eles como exemplo nos *workshops* para mostrar às mulheres do distrito como **não** trazerem o *tais*. Logo que acabou a pesagem a Ofélia passou os valores para a Marina e as mulheres a acompanharam até sua sala, depois foram embora. Ofélia comentou que antes delas irem embora de Díli, provavelmente iriam comprar linhas para fazerem mais *tais*. Contudo, provavelmente, pelo ritmo da tecelagem só deveriam trazer mais *tais* lá para fevereiro (de 2015).

Ofélia comentou que essas mulheres de Los Palos nem queriam vir a feira, que aconteceria em dezembro (de 2014). Isso porque muitas mulheres conseguiam organizar-se de forma a viverem com o dinheiro do *tais* entre uma venda e outra. Ao final da pesagem Ofélia me disse “hoje você viu muita coisa” e eu concordei.

Até assistir a primeira pesagem de *tais* eu nem imaginava como seria uma pesagem e nem sabia que seria tão interessante seu processo, muito menos passaria pela minha mente estar escrevendo sobre este acontecimento, que dentro do Galpão era inesperado. Pois não era possível precisar quando aconteceriam pesagens, não era programado como a rotina de trabalho.

Também coloquei-me algumas vezes a questão: será que eu conseguiria entender o processo de pesagem e sua importância para o *Sentru Suku*, se eu não estivesse há algum tempo frequentando o Galpão e de alguma forma já ter um certo conhecimento sobre sua rotina? A pesagem foi um momento com muitas informações novas para mim, porém, informações que eu creio que não teriam sido entendidas como tão importantes se eu não estive há algum tempo acompanhando o Galpão. Também por isso, este é último capítulo e vou explicar no decorrer do mesmo, um pouco sobre os *workshops*, a feira, o sistema de pesagem. Começo logo abaixo explicando o peso timorense.

#### 4.2 Peso timorense

Eu sei o valor que a *Alola Esperansa* comprava os *tais* das mulheres “do distrito” em 2014. Porém, para evitar juízos de valor (literalmente) sobre o preço da compra do *tais* e também dos produtos feitos pela Alola, além da desatualizações dos preços, resguardo o valor em dólares. Assim como também nos capítulos anteriores não divulgo exatamente qual é o valor dos salários.

Mas para ser de alguma forma inteligível inventarei uma unidade de valor que será chamada nestes trabalho de **peso timorense**, qual respeita proporções com o dólar, sem revelar o real valor ou sem expressar sua convertibilidade, apenas para percepção da leitura da variação dos preços de acordo com a “qualidade” dos *tais*.

Então para explicar como criei o peso timorense, justifico que peguei o valor mais barato de circulação de *tais* no Galpão, que são os *tais* vendidos como retalhos (no capítulo 3 eu observei a venda dos retalhos). Retalhos que são vendidos pelo Galpão para outros grupos em Díli. Nesta transação quem vende *tais* é o Galpão, contudo, vende para os outros grupos, por preços mais acessíveis.

Se esses outros grupos fossem comprar o *tais* pelo mesmo preço que a *Alola Esperansa* o compra, eu suspeito que alguns desses grupos não existiriam da forma que existem. Pois suas bases econômicas parecem estar calcadas exatamente na compra do *tais* barato, para a manufatura de produtos derivados do *tais*, produtos vendidos muito baratos, quando comparados com o preço do *tais* inteiro.

Em nenhum momento de pesagem se fala em retalhos, todavia, os retalhos de *tais* que são também resultado dos processos de costura e corte e têm no horizonte de seu preço o valor da sua compra. Os retalhos são oriundos de tecidos classe 1, classe 2 ou classe 3.

Assim, refleti em todo o processo de compra e venda de *tais* no Galpão, qual é mediado pela balança e resolvi chamar a moeda de peso, contudo, como já existem tantas moedas com a identificação de peso, esta será o **peso timorense**. Depois analisei os preços fixos do *tais* comercializado no Galpão e os converti do dólar (moeda vigente em Timor) para o peso timorense (moeda fictícia criada por mim).

Apenas para ser mais fácil na conversão das proporções e equivalências, escolhi o um valor de *tais* circulado mais barato como unidade do peso timorense. Dessa forma, 1 quilo de retalho de *tais* equivale a \$ 1 peso timorense. A partir desse marco do retalho para o peso timorense os valores dos *tais* comercializados no Galpão seguem abaixo:

1 quilo de *tais* classe 1 = \$ 22, 5 pesos timorenses

1 quilo de *tais* classe 2 = \$ 17, 5 pesos timorenses

1 quilo de *tais* classe 3 = \$ 10, 0 pesos timorenses

1 quilo de retalho = \$ 1, 0 peso timorense

E a título de curiosidade, o *tais* que não seria comprado pela Alola, foi oferecido pelas mulheres de Los Palos por \$ 5 pesos timorense o quilo.

Ressalto também que a categoria peso timorense foi criada depois do campo (ou depois do primeiro campo. Durante a escrita, que pode ser entendida como segundo campo). Ofélia e as outras pessoas do Galpão não foram consultadas sobre o nome, ou proporcionalidade. Assim as categorias de classes 1, 2 e 3 são nativas, mas a fixação do retalho como um marco para os outros valores e a relação entre todos os *tais* circulados do Galpão foram imaginadas ou organizadas por mim. Os valores de todas as categorias foram trocados para descrição do funcionamento de compra e venda.

#### **4.3 Sistema de Pesagem**

No começo, a Alola comprava o *tais conforme* o preço que as tecedeiras apresentavam. No modelo de compra indonésio, como chamou a Ofélia, qual não se tem um preço fixo, o preço é negociado. Lembrando que o modelo de compra indonésio pode ser entendido pela *economia de bazar*.

Com o modelo indonésio uma compra de vários *tais*, ou com várias tecedeiras, seria

muito desgastante para a pessoa que está comprando, afinal seria necessário negociar *tais* por *tais*, um por um. Além de ter que se negociar com cada tecedeira toda a vez que se for comprar. Era ineficiente como algo “reproduzível” de forma justa para todas as mulheres.

Ofélia percebeu as dificuldades da compra do *tais* nesse formato de modelo indonésio (bazar), logo na primeira vez que foi negociar com as mulheres. Disse que ficou de 3 horas da tarde até 8 horas da noite negociando o valor para comprar os *tais* de um grupo de mulheres. Episódio que Ofélia descreveu como muito trabalhoso. Ofélia também comentou que as estrangeiras não entendiam porque o *tais* não tinham preço certo.

A partir dessas dificuldades e ansiedades, Ofélia criou o **sistema de pesagem do *tais***. Ofélia disse que pensou em diversas formas de calcular um valor para o *tais*. Pensando, ela percebeu que medir não era justo, pois um *tais* grande pode não ser tão bem feito quanto um *tais* pequeno. Ao mesmo tempo, que apenas medir o tamanho não leva em consideração os desenhos mais trabalhosos ou não da peça.

Diante disso, Ofélia teve a ideia de pesar as linhas necessárias para fazer um *tais* e depois pesar o *tais* pronto. Ao comparar o peso das linhas para fazer o *tais*, com o peso do *tais* pronto, Ofélia percebeu que diferença do peso das linhas para o peso *tais* finalizado era desprezível. Então a partir dessa constatação Ofélia atribuiu o valor do trabalho a partir do que achou interessante para a Alola e para as tecedeiras.

Ofélia destaca que nesse sistema que ela criou as tecedeiras não perdem dinheiro de material: o valor pago pela Alola por quilo de *tais* é a soma do valor do quilo de linha com o valor do trabalho da tecedeira. Entretanto, Ofélia, quando falava sobre o sistema de pesagem, dizia de certa forma que o sistema de pesagem não era perfeito, mas que funcionária até alguém pensar em outro melhor. No sentido de que tinha sido a forma mais interessante de calcular o valor do *tais*, porém ainda não era a forma ideal.

Apesar de não ser perfeito, eu observo o sistema de pesagem como fundamental para a criação de um mercado de produtos derivados de *tais* em Díli e para a existência de tantos grupos que fazem produtos de *tais*. Porque com o modelo de economia de bazar parecia inviável comprar *tais* em “escala”. Com o modelo indonésio é complexo pensar e planejar a produção de produtos derivados do *tais*, pois esses produtos teriam preços variáveis, de acordo com o preço pago no *tais*. O preço seria instável.

Além disso, de alguma forma, o sistema de pesagem tem um caráter ou efeito pedagógico, figurando como uma pedagogia econômica (SILVA, 2015). Ao compartilhar com



as mulheres que vem dos distritos os diferentes critérios de aferição do valor do *tais*, de modo a hierarquizá-los a partir de certas variáveis, o sistema de pesagem está indicando a essas atrizes de que modo devem fazer o *tais* de modo a que ganhem mais dinheiro. De forma mais ou menos direta, os traços atribuídos ao *tais* da classe 1 são apresentados como o modelo ideal para todo e qualquer *tais*.

Ademais, o sistema de pesagem pode ser abordado como o meio pelo qual se introduz o *tais* para circular na esfera e pelo regime de mercado. A pesagem se constitui como o conjunto de procedimentos pelo qual se estabelece o valor de troca do *tais*. Este se constitui pela mensuração do peso da peça e pela qualidade da peça, os quais são também tomados como indicadores do volume de trabalho dispendido em suas respectivas confecções.

Até onde eu soube, o sistema de pesagem de *tais* era um sistema apenas utilizado pela *Alola Esperansa*. Entretanto, seu alcance parecia ser grande. Veja: a Alola compra *tais* de vários grupos dos distritos e de todos os distritos. O que mobiliza diversas mulheres e seus grupos a adequarem-se às classes aplicadas pelo Galpão e a programarem-se de acordo com o valor atribuído pela Alola ao *tais*.

Desta forma, a criação de um sistema de pesagem parece fundamental, tanto para assegurar a compra do *tais* desses diversos grupos - porque com um preço “fixo” é interessante para as mulheres planejarem-se sobre quanto de *tais* estão fazendo e quanto vão receber - tanto pra o Galpão organizar-se já que nenhum grupo vai vender o *tais* mais caro ou mais barato. O que deixa a Alola estimar sobre a quantidade dinheiro que ela precisa para atender os grupos.

Também percebo a criação de um sistema de pesagem como essencial para garantir estabilidade ao Galpão. A Alola, comprando o *tais* a um valor W, pode fazer uma bolsa a custo K e vendê-la por preço Z. O que de forma direta cria uma estabilidade para as mulheres que tecem, pois elas sabem quanto estão produzindo. E que cria também uma estabilidade para que outros grupos de artesãs possam comprar retalhos da Alola e também fazerem seus próprios produtos. O sistema de pesagem não gera efeitos apenas para a *Alola Esperansa*, mas também para grupos de tecedeiras e para grupos de artesãs.

Pelo fato da *Alola Esperansa* comprar linhas para a realização da *salendas*, a Alola acompanha diretamente o preço da linha. Dessa forma, quando a linha aumenta a Alola aumenta o preço pelo qual compra o *tais*. Ofélia criou um sistema bem eficiente para compra e venda de *tais*. É interessante perceber que os produtos que a Alola e outros grupos vendem

não tem oscilações bruscas.

Digo isto, porque durante minha estadia em Díli, acompanhei os preços dos produtos de vários grupos. E um grupo, qual não direi o nome, qual até onde soube, não comprava *tais* da *Alola Esperansa*, de uma semana para outra em dezembro de 2014 subiu subitamente o preço de seu produto mais vendido, o preço do produto aumentou abruptamente 30%. Perguntei a dona da loja o motivo do aumento de preço, ela disse que o preço do *tais* tinha subido.

Como eu frequentava o Galpão, eu pensei “O preço do *tais* não subiu, o preço das linhas não subiu”. Naquele instante pensei que a dona da loja queria lucrar mais e tinha aumentado o preço. Porém, depois pensei que ela provavelmente comprava *tais* de outras pessoas e não da *Alola Esperansa* e que o preço do *tais* poderia ter subido de verdade, de uma semana para outra, mesmo sem a linha ter aumentado de preço. Se este grupo compra *tais* na economia de bazar, modelo indonésio, modelo de negociação de peça por peça, nem sempre é possível garantir que a produção tenha o mesmo custo. Custo que pode ser e é diretamente passado para o preço final do produto. Problema que não acontece com os grupos que compram *tais* da Alola.

#### **4.4 O *tais* de usos e costumes e o *tais* comercial**

Ofélia disse que antes da invasão (1975) ninguém vendia *tais*. Que apenas um grupo vendia *tais* esporadicamente, mas que não existia venda direta. Que antes, os *tais* circulavam apenas por *usos e costumes*, categoria empírica nativa que refere-se a trocas rituais de bens na esfera e regime de dádiva.

Ofélia deu como exemplo que um *tais mane* (*tais masculino*) era trocado por um búfalo, dentro de rituais. E quando os grupos foram começar a comercializar o *tais* algumas senhoras queriam pedir o preço de um búfalo em uma peça de *tais*. Mas as estrangeiras não entendiam, falavam “porque estão querendo me vender esse pano por 700 dólares?”

Estas senhoras convertiam diretamente, *grosso modo*, o valor que o *tais* tinha dentro do regime de dádiva, regime que leva em consideração as relações das pessoas envolvidas na troca, para o regime de mercado, qual as relações não importam ou não existem necessariamente.

Estes desentendimentos entres os regimes pareciam frustrar tanto as senhoras que não conseguiam obter o valor esperado por seus *tais*, quanto as estrangeiras, que achavam um

absurdo um pano tão caro. De alguma forma, havia perdas na tradução de um regime para o outro (toscamente um *lost in translation*).

É possível explicar para a estrangeira que aquele *tais* tem o valor de um búfalo porque ele é feito para circular dentro do regime de dádiva, é possível explicar para a senhora que um produto pode ser valorado pelo tempo de trabalho empenhado em sua confecção para circular no regime de mercado, etc. Os discursos sobre as práticas de produção, reprodução e distribuição esperados não são os mesmos e não são compartilhados pela a senhora e pela estrangeira.

O desentendimento ocorre porque a senhora pretende vender o *tais* para a estrangeira, tendo por expectativa que o potencial valor de troca monetário do mesmo corresponderia ao valor pago pelo bem de troca que lhe é equivalente em práticas de *usos e costumes*, qual seja, um búfalo. A mesma senhora pode comprar produtos dentro do regime de mercado sem existir nenhum desentendimento. O desentendimento pode estar na questão da mediação do *tais* de um regime para outro.

Este desentendimento diz respeito ao reconhecimento de valor dado por ambas partes a um mesmo objeto e suas expectativas que parecem estar calcadas em divergências da tradução de um regime econômico para o outro. Sim, sabemos que os regimes podem coabitar e coexistir, mas como fazer mediações de diálogo entre os dois, ou melhor, entre a senhora e a estrangeira?

Uma forma que a *Alola Esperansa* encontrou para equilibrar as ansiedades de venda das tecedeiras e de compra das estrangeiras foi a realização de *workshops*, quais muitos foram ministrados pela Ofélia. Nesses *workshops* eram explicados sobre os critérios de compra da *Alola Esperansa* para o *tais*. Entretanto, Ofélia disse que também procurava dizer para as mulheres que se elas quisessem fazer *tais* para o comércio ele não deve ser igual ao *tais* feito para os *usos e costumes*.

Nos *workshops*, Ofélia falava diretamente com as tecedeiras e procurava mostrar que as expectativas do comércio (regime de mercado) deveriam ser diferentes das expectativas dos *usos e costumes* (regime de dádiva). E que a confecção do *tais* deveria estar afinada com a circulação que a tecedeira quisesse dar ao *tais*.

Realçando que, por exemplo, a Alola não tinha condições de comprar um *tais* por 700 dólares, afinal, como a Alola compraria um *tais* por esse preço e depois o venderia? Ofélia

tentava esclarecer que as tecedeiras teriam que fazer um *tais* mais simples para o comércio e que os *tais* para os *usos e costumes* deveriam ser feitos apenas para os *usos e costumes*. Ofélia disse que elas teriam que saber separar o *tais* de *usos e costumes* e o *tais* comercial.

O *tais* para *usos e costumes* era mais rebuscado, a tecedeira investia mais dedicação sobre os padrões. Ofélia enfatizava nesses *workshops* que o comércio é de uma forma e o *usos e costumes* é de outra forma. Além de explicar sobre a compra do *tais* pela Alola, sobre as classes do *tais*.

Aliás, Ofélia narrou uma situação de controvérsia levantada por uma tecedeira sobre o sistema de pesagem, dentro do contexto de um *workshop*. A tecedeira disse para Ofélia que a Alola e a Ofélia estavam quebrando a tradição do *tais*, “que o *tais* não era pesado”. Então Ofélia respondeu para essa tecedeira que ela (a tecedeira) tinha quebrado a tradição antes, porque antigamente “o *tais* não era vendido”.

Essa tecedeira, não aceitava a ideia de fazer um *tais* diferente para o comércio, contudo, queria vender o *tais* para o comércio. A proposta da tecedeira de valorar o *tais*, com o preço do búfalo, pode ser entendida como uma forma de atribuir um preço, pelo o escambo. No sentido de querer-se trocar uma coisa por outra coisa muito específica, no caso um *tais*, pelo equivalente ao preço de um búfalo, 700 dólares. Apesar dessa troca de um *tais* por um búfalo, não ser escambo e sim dádiva.

Situação que deixa claro que o escambo não é um mediador entre o regime de dádiva e o regime de mercado. E sim outro regime diferente que tem suas peculiaridades. Voltando a analogia com a linguagem, o escambo não é uma linguagem limiar. O que eu suponho é que provavelmente algumas pessoas em Timor-Leste poderiam ter mais familiaridade com o regime de escambo do que com regime de mercado, em outras trocas fora dos *usos e costumes*.

Porém, as aproximações entre escambo e mercado, escambo e dádiva, dádiva e mercado, podem ser resultantes de desentendimentos. O regime de escambo não é um regime intermediário, entre os regimes de mercado e dádiva. Quando a *tais* é trocado pelo búfalo dentro do regime de dádiva, não é escambo. Quando o *tais* é trocado por dinheiro dentro do regime de mercado, não é escambo.

A expectativa de receber uma coisa muito específica por outra coisa muito delimitada que evocou a ideia de um terceiro regime que é o escambo. Por mais invisíveis que possam parecer as fronteiras entres os regimes, não se pode ignorá-las. As fronteiras existem e podem

ser vistas pelas relações das pessoas que estão realizando a troca.

O regime de escambo provavelmente é o mais mal interpretado, eu mesmo posso estar interpretando de forma errada. Agora, voltando ao evento acima apresentado. Ofélia disse que essa senhora que não queria adequar seu *tais* ao regime de mercado e era minoria. No começo ela tinha um grupo que foi se fragmentando e enfraquecendo.

Ofélia disse que também nos *workshops* apenas iam as senhoras e a Ofélia perguntava “onde estão suas filhas?”. Que as jovens tinham vergonha de tecer e do *tais*. Entretanto, hoje elas trazem *tais* para vender em Díli, Ofélia completou “onde já se viu uma senhora idosa trazer *tais* dos distritos...”.

Não tenho informações sobre o começo dos *workshops*, apenas sei que no modelo atual aconteciam dois *workshops* por ano. Um na páscoa e outro no natal. Ambos na Fundação Alola em Mascarenhas. Eles ocorriam um dia antes da feira de *tais*, qual ocorriam duas por ano, uma feira de páscoa e outra feira de natal. E que Ofélia já estava há alguns anos sem ministrar os *workshops*.

Então o *workshop* acontecia em uma sexta-feira e no sábado e domingo ocorria a feira. Também na Alola Mascarenhas. A Alola promovia essa programação dessa forma, qual ocupava um fim de semana inteiro para que as mulheres dos distritos pudessem aproveitar a estadia em Díli, qual apenas precisavam vir uma vez por semestre e poderiam participar do *workshop* e da feira.

A feira era aberta a população em geral. Era uma chance que muitas tecedeiras tinham de encontrar diretamente o público. A Alola divulgava amplamente a feira e é um evento grande em Díli. Entretanto, a premissa da feira era mais atrativa para as tecedeiras: tudo que as tecedeiras não conseguirem vender a *Alola Esperansa* compra ao fim da feira no domingo de tarde.

#### **4.5 Outras pesagens de *tais***

Para vender o *tais*, as mulheres do distrito tinham que ligar com alguma antecedência para a *Alola Esperansa*. Essa ligação era necessária, pois quando ocorria a ligação, a Alola avaliava o caixa e dizia para as mulheres se elas poderiam ir até o Galpão vender o *tais* ou não. Nessa ligação a Alola dizia se tinha dinheiro, ou o contrário, a Alola dizia que não tinha dinheiro, para as mulheres esperarem até dia estimado para irem.

Um exemplo disso foi uma moça que não ligou antes e foi bem cedo ao Galpão em

uma segunda-feira, dia 24 de novembro de 2014. Contudo, como a sexta anterior, dia 21 de novembro, tinha sido dia de pagamento, na segunda a *Alola Esperansa* não tinha dinheiro em caixa para comprar *tais*. Assim, essa moça teve que ir embora sem vender nada. Mas vi outra situação diferente .

No dia 2 dezembro de 2014, algumas moças de Baucau foram levar o *tais* para o Galpão da Alola. Ofélia disse que elas eram novas (na venda do *tais*, pelo que entendi) e queriam experimentar o sistema de pesagem. Então a Ofélia separou e pesou os *tais*, anotou e mostrou para as mulheres a quantia que a *Alola Esperansa* pagaria pelas peças. As mulheres não gostaram do preço e foram embora sem venderem nada. Ofélia disse que isso acontecia às vezes. Provavelmente essas mulheres de Baucau procurariam outro comprador de *tais* em Díli antes de irem embora.

No dia 10 de novembro de 2014, chegaram dois homens no Galpão da Alola, estes tinham um olhar curioso e atento. Um homem era mais jovem e outro mais velho, o que dava uma impressão, que logo foi confirmada, de que eram pai e filho. O mais jovem, que estava todo de branco, se aproximou da mesa da Ofélia e disse algo que eu não entendi. Não entendi se foi em tétum, em *bahasa indonesio*, em outra língua ou dialeto. Mas Ofélia respondeu para elas esperarem na mesa, apontando para a mesa que fica paralela a sua. Onde foi feita a pesagem do *tais* das moças de Los Palos.

Ofélia comentou comigo que elas deveriam ser pai e filho, e que o mais jovem deveria fazer medicina. Perguntou aos homens e elas falaram que sim. Eu pedi para elas para tirar fotos, elas permitiram. Então perguntei de onde eram, falaram que eram de Oecusse. Ofélia foi chamar Marina. A parte de olhar e separar os tecidos foi realizada pela Marina, porém tudo com a supervisão da Ofélia ao fundo.

Elas trouxeram poucos *tais*, quando comparados com a pesagem de Los Palos, porém muitos, afinal, a Ofélia disse que deveria ser de uma tecedeira apenas, provavelmente a mulher do senhor mais velho e mãe do homem mais jovem. Ofélia atentou que se os homens, filhos ou filhas vem a Díli trazer o *tais* para o Galpão, as mulheres não precisam interromper sua produção nos distritos, é uma ajuda. Essa pesagem foi bem rápida.

Ao fim, Marina falou com elas em tétum, sobre algumas combinações de cores. Que algumas não estavam tão harmoniosas, para usar linhas com tons mais sóbrios, algo nesse sentido, fato que pode ser tomado como tática pedagógica voltada à produção de *tais* para que



ele se torne mais comerciável, respondendo mais aos padrões estéticos de seu público consumidor. Logo os homens passaram em sua sala e foram embora. Foi a única pesagem que vi que não foi conduzida diretamente pela Ofélia. É interessante perceber que a criação de um sistema proporciona exatamente que outras pessoas também possam e sejam capacitadas para aplicar o sistema de forma eficiente.

A questão da combinação das cores não visa exclusivamente responder a padrões estéticos estrangeiros; é também uma forma de assegurar variedade de *tais* diferentes para a confecção, ao garantir que sejam feitos *tais* com cores distintas em um mesmo *tais* ou afins (pois seria mais fácil para a tecedeira fazer um *tais* de uma cor só, ou ao acabar suas linhas de uma cor, não repor e apenas usar as que teria em casa).

No dia 11 de novembro de 2014 uma senhora muito extrovertida chegou antes de mim ao *Sentru Suku*. Quando cheguei, ela já estava a enrolar linha e conversar com a Ofélia, seu nome era Tia Marta. Não pude deixar de perceber que Tia Marta estava sentada em uma cadeira e na outra cadeira (ao seu lado) estavam alguns *tais* empilhados, que eu logo presumi que ela deveria ter trazido.

Todavia, também vi que ela tinha trazido também algumas *salendas* iguais as que as tecedeiras do Galpão teciam para uma encomenda grande que a *Alola Esperansa* estava terminando. Apresentei-me à Tia Marta e pedi para tirar umas fotos (que ela autorizou) e depois sentei-me na mesa que fica atrás da mesa da Ofélia.

Ao mesmo tempo, chegou uma moça de Los Palos; era outra, não era nenhuma daquelas que estava na primeira pesagem. Ela veio sozinha e trazia um saco grande, que tinha mais ou menos um metro de altura. A classificação dos *tais* começou. Seu nome era Francisca e ela disse que sua mãe eram quem tecia os *tais* que ela trazia. Pedi para tirar fotos, ela deixou.

Percebi que os *tais* de Los Palos tinham um grande barrado bordô e perguntei para Ofélia sobre isso; ela disse que barra significa o distrito e disse que os *tais* de Los Palos costumam ser assim, mais acastanhados, como os *tais* que estavam lá a ser separados. E deu o exemplo de que em Suai seriam mais para os tons de preto.

Durante o processo de separar os *tais* e pesar efetivamente eu acompanhei apenas de longe, em todas as pesagens, para não atrapalhar a classificação, a pesagem e as contas. Dois *tais* foram separados para não serem comprados. Ofélia explicou para Francisca o motivo.





Depois perguntei para Ofélia, ela disse que é porque tinham sido roídos por ratos, os *tais* tinham alguns buracos. Sobre isso percebi que as mulheres do distrito também têm que ter um cuidado ao armazenar o *tais*, pois sempre é acumulada uma quantia de tecido e só depois se vai a *Alola Esperansa*.

Essa pesagem também foi bem rápida. Foi realizada por Ofélia. Enquanto esta pesagem acontecia Tia Marta continuou sentada enrolando linha. Francisca passou na sala da Marina e foi embora. Sentei-me na mesa atrás da mesa da Ofélia e comecei a enrolar linha. Tia Marta começou a fazer alguns gestos sobre a forma de enrolar, creio que ela estava achando engraçado a minha falta de habilidade. Ofélia falou algo para Tia Marta em tétum, depois virou para mim e disse “cada um tem um jeito de enrolar”.

Ofélia já tinha contado que quando o Galpão tinha grandes *ordens* de *salenda*, procurava dividir o trabalho com outros grupos. Um desses grupos era o grupo da Tia Marta. Mas essa divisão de trabalho com outros grupos dependia de alguns fatores, um deles era ter um prazo razoável. Pois algumas ordens tinham o prazo tão curto, que tornava difícil essa colaboração.

Naquele dia Tia Marta tinha ido a *Taibesi* levar as *salendas* prontas, levar os *tais* de seu grupo para pesagem e também levar umas bijuterias que seu grupo faz. Era interessante perceber como o grupo de Tia Marta era diversificado. A manhã já estava se aproximando da tarde, assim eu e Tia Marta fomos convidadas para almoçar com as mulheres do Galpão e aceitamos o convite.

Depois do horário de almoço, Ofélia disse para pesarem o *tais* da Tia Marta. Como a Ofélia não estava se sentindo muito bem, suspeitava que iria ficar gripada. Pediu para trazerem a balança para sua mesa, ao invés de irem fazer a pesagem na mesa da frente. Enquanto as outras pesagens foram silenciosas, essa foi mais descontraída. Principalmente pela presença da própria Tia Marta que ficava torcendo para os *tais* terem um peso alto e a depender do número da balança, vibrava ou ficava mais quieta.

Um *tais* foi separado, era vermelho. Molharam com água um guardanapo e pressionaram o guardanapo no *tais*. Um gesto parecido com o de tirar uma mancha de um tecido. O papel branco estava avermelhado. Então Ofélia disse a Tia Marta que aquelas linhas não estavam lavadas, então Tia Marta disse que ela mesmo lavaria o *tais* e depois traria.









Normalmente as linhas são lavadas antes da tecelagem do *tais*, processo que a Ofélia costumava fazer em sua casa com as linhas do Galpão, pela falta de água em *Taibesi*. As linhas devem ser lavadas para depois que o *tais* estiver pronto, no contato com outras cores de linhas, não ocorra manchas durante a lavagem. Lavagem que também é diferenciada, não se pode deixar o *tais* de molho, com perigo do *tais* manchar; o *tais* tem que ser lavado em água corrente.

Depois da pesagem, os *tais* foram para a sala da Marina e a Ofélia tratou de receber as *salendas* trazidas por Tia Marta. As *salendas* ainda não tinham as franjas cortadas, o que significa que se alguma estivesse com algum erro, ainda era possível reparar. Quando outros grupos colaboram com a Alola dessa forma, o Galpão entrega as linhas prontas para a tecelagem, com o *duir* feito pelo Galpão para não dar diferença entre as *salendas* feitas pela Alola e as *salendas* feitas por outro grupo.

Nesse aspecto também é interessante ressaltar que os outros grupos, quando colaboram com a *Alola Esperansa*, não precisam investir dinheiro em linhas ou algo assim. O Galpão fornece o material, então as mulheres dos outros grupos apenas entram com o trabalho e tempo. O grupo de Tia Marta é um dos poucos grupos de tecedeiras em Díli. Antes de ir embora Tia Marta ainda mostrou para Ofélia e Marina algumas bijuterias feitas com *tais*. Logo depois passou na sala da Marina e foi embora.

#### **4.6 A pesagem de *tais* como uma cena social**

*Trata-se mesmo, em todos os sentidos da palavra, de uma encenação, quer dizer, da inscrição da interação em um cenário que lhe dá sentido. (WEBER, 2002:164)*

As pesagens de *tais* eram complexas de acompanhar, pois não era possível que eu me programasse muito para observá-las. Quando alguém chegasse para vender *tais*, já tinha começado de certa forma todo o processo da pesagem. Ademais, por mais que as mulheres ligassem antes, elas não diziam exatamente qual horário ou dia iriam; suas chegadas eram sempre surpresa.

Eu acompanhei apenas 5 pesagens e em cada uma escapou-me algum aspecto diferente. Eu tinha poucos minutos para tentar tirar fotos, anotar, conversar com as pessoas

que traziam os *tais*, conversar com as pessoas que olhavam e pesavam os *tais*. Além de ter receio de atrapalhar o processo. Foi interessante acompanhar e também descobrir como tudo foi pensado pela Ofélia.

Entretanto, creio que é possível analisar o momento da pesagem do *tais* como uma cena social. Weber aborda a ideia de cena social: “sustentado por objetos materiais em que são cristalizadas relações sociais, esse contexto de referência remete a uma “cena social” na qual fazem sentido as práticas e as interações” (2002, 161).

Weber ao trabalhar o conceito de cena social examina transações comerciais e domésticas “... vagamente separadas do fluxo das interações cotidianas por instituições oficiais como a Bolsa, os bancos, o direito comercial.. (...) ... ou pelos múltiplos profissionais que enquadram, sem serem forçosamente visíveis, as atividades econômicas legais” (2002, 161).

E analisa que estas transações devem sua significação aos objetos e aos gestos observáveis durante a interação. Mas Weber adverte que a mesma interação pode assumir ao mesmo tempo “... significações distintas para um ou para outro dos parceiros (risco do mal-entendido) ou para os dois (coexistência de várias interpretações)” (2002, 161). Weber não propõe, porém acho interessante frisar que o pesquisador também pode perceber uma significação diferente da ocorrida na transação.

Não tive acesso a todas às significações dadas tanto a Alola, pela Ofélia, Marina. E principalmente não soube as significações atribuídas as mulheres dos distritos as transações de *tais* no Galpão. Aliás, o caso da senhora e da estrangeira analisado anteriormente neste capítulo não foi analisado como coexistência de várias interpretações. Por não ter resultado em uma transação. Foi analisado pela desentendimento, qual impediu a transação.

Ao analisar a pesagem de *tais* como uma cena social, podemos esperar e entender que os objetos e gestos determinam o significado da interação e “... fixam o sentido do acontecimento em curso” (WEBER, 2002: 161). Além de que a atividade da pesagem de *tais* tinha uma sequencia importante para a efetividade de sua realização.

Weber entende que os objetos e gestos fixam o sentido do acontecimento em curso como “quadros rituais” (2002: 161).

Com efeito, sabe-se desde Bateson e Austin que o ritual, assim como a língua, tem uma dupla dimensão, performativa e significativa, e que as regras rituais, como as regras de um jogo, separam não a ação boa de uma ação má (o que fazem as regras

morais), mas a ação válida, graças à qual o jogo pode continuar, da ação “fora de jogo”, que não tem sentido e muito simplesmente não pode ter lugar, que interrompe o jogo e desqualifica o jogador. (WEBER, 2002: 161)

De alguma forma, podemos perceber a ligação telefônica para o Galpão como o primeiro movimento para o ritual para a pesagem do *tais*. Se a ligação não ocorre, sua ausência prejudica todo o resto da cena social da pesagem do *tais*, como em um dos casos descritos acima, qual não resultou em compra do *tais*.

Lembrando que a ligação é o que possibilita a preparação da pesagem pela Alola, pois a partir da comunicação que ocorre na ligação o Galpão diz quando as mulheres podem vir para a realização da pesagem, seja essa semana, seja daqui há duas semanas. A partir da ligação, ocorrem todas as outras ações ou quadros rituais, que fazem parte da cena social da pesagem do *tais*, “... alguns gestos e alguns objetos significam, sem dúvida alguma, que o que está em via de acontecer é um contrato comercial...” (WEBER, 2002: 161).

Como a Alola atende a vários grupos diferentes de mulheres dos distrito, existe a preocupação de que o maior número de grupos seja favorecido, por isso, dentre várias coisas, quando ocorre uma ligação é observado se é um grupo que está algum tempo sem vender para o Galpão, por exemplo. A ligação e outras práticas também regulam o intervalo de tempo, entre uma compra e outra do mesmo grupo. Além do tempo que o Galpão precisa para se recompor e realizar a compra entre uma pesagem e outra.

Weber também traz a ideia de que ao se examinar operações comerciais, elas resultam em cenas comerciais: “... elas revelam a importância dos rituais que isolam a transação de seu contexto imediato e permitem-lhe inscrever-se em uma série de transações análogas” (2002, 162). Weber observa a importância da anotação das transações para isto; “... esse papel desempenhado pela anotação das transações comerciais nas listas ou nos registros: ela tem uma dimensão ritual tanto quanto uma dimensão cognitiva” (2002, 162).

A anotação e registro ocorre em alguns momentos da pesagem do *tais*, seu protagonismo se mostra na hora que são anotados os valores dos pesos das classes de *tais*, porém a participação da anotação se mostra como fundamental durante todo o processo, desde da ligação até a hora do grupo receber o dinheiro antes de sair do Galpão.

Entendo que o a pesagem de *tais* obedece a formas mínimas de ritualização (WEBER, 2002: 163). Há a dimensão do tempo que é possível ou não a pesagem, do lugar que além de ser no Galpão da Alola é quase que exclusivamente na mesa paralela a mesa da Ofélia, e o

caráter excepcional dos objetos, que enquanto *tais* são divididos em classes para passarem, com poucas exceções, pela balança.

É absolutamente compreensivo que a pesagem de *tais* aconteça enquanto um ritual. Sua construção performativa pode ser o que torna inteligível para as mulheres do distrito a passagem do *tais* de um regime para outro. Afinal elas fazem *tais* para circularem como *usos e costumes* ou fazem *tais* para serem pesados pela Alola.

Neste sentido acho interessante ressaltar a fala da Ofélia, pois quando algum grupo ou mulher queria começar a vender ou experimentar o sistema de pesagem, Ofélia dizia para a possível futura parceira comercial: “põe na balança”. Por na balança, era uma expressão usada para expressar o sistema de pesagem, a pesagem e a compra do *tais* pelo Galpão. Não sei se a Ofélia construiu a pesagem do *tais* percebendo todos os seus efeitos, todavia, posso afirmar que Ofélia deve ter pensado na pesagem como algo que fosse um evento efetivo e nisso, foi feliz.

#### **4.7 Considerações sobre o capítulo 4**

O sistema de pesagem pode ser visto com um ritual de passagem do *tais* pelo qual ele entra na esfera e regime de mercado, adquirindo um valor de troca. Uma das implicações desse processo é a possível secularização do *tais*. Os dados discutidos ao longo desse capítulo também indicam que o sistema de pesagem pode ser pensado como um dispositivo pedagógico pelo qual se transferem expectativas e padrões de qualidade para produção do *tais* para o comércio, por oposição ao *tais* dos usos e costumes.

A passagem de um objeto de um regime para outro não é imediata ou instantânea, apesar dos regimes terem fronteiras próximas. É necessário realizar mediações de várias ordens para transformar um objeto que circula em um regime para um objeto que circula em outro.

O sistema de pesagem ocorre como um ritual, o que provavelmente aproxima as pessoas que não tem tanto contato com o regime de mercado da compreensão do processo de venda. Porém, não se pode esquecer que o *tais* que circula dentro da Alola é feito para o comércio e não para os *usos e costumes*. Nesse caso, seria o mesmo objeto que circularia nos dois regimes distintos?



## Considerações Finais

No passado, o *tais* circulava nas dinâmicas sociais locais apenas dentro do regime de dádiva. A transposição da modernidade traz o *tais* para outros circuitos, quais o *tais* também tem rota no regime de mercado. Esta é apenas uma das transformações inscritas na vida social do *tais* na Díli contemporânea.

As transformações do *tais* foram vistas neste texto: nos produtos do circuito do *tais*, na costura das mulheres do Galpão, na tecelagem das *salendas* e principalmente no sistema de pesagem, uma técnica para comprar *tais* mulheres dos distritos. Nesse sentido é bom lembrar que o *tais* é polivalente e sua produção também: o *tais* pode ser feito para os *usos e costumes* ou para o comércio.

A produção do *tais* para os *usos e costumes* parece ser descrita por Schouten como uma atividade restrita a uma parcela de mulheres dentro de um grupo doméstico. Sendo sua tecelagem proibida para as outras mulheres do grupo e sua aprendizagem limitada a mulheres de certas casas. Situação que aparenta fomentar desigualdade de status entre as mulheres do grupo.

A produção de *tais* para o comércio engendra várias transformações na divisão do trabalho, qual várias mulheres participariam do processo completo. Enquanto a produção do *tais* para *usos e costumes* tem como protagonistas apenas as tecedeiras, dentro da produção do *tais* para o comércio ganham protagonismos além das tecedeiras; costureiras e outras mulheres dela tomam parte. Este fato parece trabalhar a favor da internalização de uma consciência mais igualitário entre as mulheres envolvidas no processo.

As mudanças de regime de circulação do *tais* em Timor-Leste parecem fazer-se efetivas quando sua mediação é ritualizada no fenômeno da pesagem, como foi visto no capítulo 4. Por isso o sistema de pesagem é tão bem sucedido, no sentido de que as mulheres dos distritos não aparentavam ter dúvidas ou mal entendidos sobre o processo. Além das transformações beneficiarem várias mulheres de vários grupos dos distritos, que permanecem anônimas não apenas neste trabalho, mas para muitas consumidoras do *tais* em Díli.

As mudanças da divisão e reconhecimento do trabalho das mulheres é um ponto importante nas transformações na produção do *tais*. Embora ainda ocorram conflitos sobre a responsabilidade ou construção de capacidade das trabalhadoras, como visto no capítulo 3. As mudanças trabalhistas parecem ser as mais profundas, porque o empoderamento não se limita

a situação financeira. As mulheres que não são tecedeiras reclamam protagonismo também.

Todas essas mudanças e transformações dos regimes, criação de um sistema de pesagem, organização do ritmo do trabalho, afinação de expectativas entre a consumidora e a produtora precisam de mediação. Como visto no capítulo 2, Ofélia adquire sua habilidade de entender vários mundos a partir de sua própria trajetória e isso a capacita para protagonizar este processo de mediação

A partir das transformações da circulação do *tais*, também é possível pensar sobre como o escambo e o bazar não podem ser entendidos como intermediadoras entre o regime de dádiva e o regime de mercado. As fronteiras dos sistemas de troca existem, por mais que os regimes coabitem, cada regime está a serviço de uma relação. Como visto no capítulo 1, a inscrição do *tais* em um mercado mobiliza, grupos, lojas e a publicidade; e seu consumo é estimulado também pela lógica da dádiva, uma vez a quem os adquire é atribuída participação no enredo do desenvolvimento e da cooperação internacional: as consumidoras não estão somente adquirindo um produto, mas também auxiliando as mulheres de Timor-Leste. Nesse sentido, é interessante notar que a inscrição da circulação do *tais* no regime de mercado se dá também pela associação deste ao regime da dádiva.

Esta monografia analisou algumas táticas usadas para inscrever o *tais* no regime de mercado. Outras lojas compravam o *tais* de outras formas que desconheço. Devem existir muitas outras rotas e desvios na vida do *tais* em Díli.

E provavelmente existiram, existem e vão existir muito mais transformações do *tais* e transformações pelo *tais* em Timor-Leste.

## Notas

### Prólogo

<sup>1</sup> Depois soube que neste dia da ligação houve conflito da polícia com moradores e um homem morreu no mercado.

<sup>2</sup> *Halilara* era o nome de um ou mercado desapropriado pelo governo, alguns meses antes de outubro de 2014

<sup>3</sup> A partir das fotos também percebi a quantidade de faltas

<sup>4</sup> Adquiri a câmera por um preço muito mais barato que o normal, uma semana antes de ir para Timor, porque era uma peça de mostruário. Por isso ela tinha alguns defeitos de processamento de fotos que também me colocaram em algumas situações em campo.

<sup>5</sup>No período que estive em Díli, a internet era muito cara e funcionava de forma lenta.

### Capítulo 1

<sup>1</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>2</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>3</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>4</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>5</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>6</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>7</sup> Tradução minha do inglês para o português.

<sup>8</sup> Tradução minha do inglês para o português.

## Glossário

**Ai duir:** Tear onde se prepara o *duir*.

**Aileu:** Localizado a sul de Díli, a capital do país. Possui 44.325 habitantes (Censos 2010), uma área de 729 km<sup>2</sup> e uma densidade demográfica de 50,6 h/km<sup>2</sup>. A sua capital é a cidade de Aileu. Aileu fazia inicialmente parte do concelho de Díli e só foi autonomizado nos últimos anos da Administração Portuguesa. O distrito de Aileu inclui actualmente os subdistritos de Aileu, Laulara, Liquido e e Remexio. (DIVISÕES, 2015)

**Ainaro:** Localizado no sudoeste do país. Possui 59.175 habitantes (Censos 2010) e uma área de 797 km<sup>2</sup>. A sua capital é a cidade de Ainaro. O distrito de Ainaro é idêntico ao concelho do mesmo nome do tempo do Timor Português, com as seguintes excepções: durante a administração indonésia o subdistrito de Turiscai passou do distrito de Ainaro para o de Manufahi, em troca com o de Hatudo que passou a pertencer a Ainaro. O distrito de Ainaro inclui actualmente os subdistritos de Ainaro, Hatudo, Hatu Builico e Maubisse. O distrito de Ainaro tem uma grande abundância de cursos de água e de terrenos férteis para a agricultura. Tem uma área litoral, na costa sul do país, mas também zonas montanhosas, incluindo o ponto mais alto de Timor-Leste, o Monte Ramelau (2.960 m). Historicamente, Ainaro teve um papel importante durante o período da Resistência à ocupação indonésia de Timor-Leste, dando abrigo aos guerrilheiros nas suas montanhas. Para além das línguas oficiais do país, o tétum e o português, no distrito de Ainaro grande parte da população expressa-se também em mambai. (DIVISÕES, 2015)

**Alola Foudation:** ONG, fundada em 2001, tem difeversos programas para mulheres. Slogan: strong woman, strong nation.

**Alola Esperansa:** Fundado em 2006, Alola Esperansa é braço de Alola Foudation .

**Alola Shop:** Loja da fundação Alola.

**Bétel:** (*bétele*) Planta sarmentosa piperácea (*Piper betel*), cujas folhas secas são usadas como mastigatório estimulante na Índia, geralmente enroladas ao redor de um pedaço de noz de areca ou misturadas com rasas de noz de areca e cal. (MICHAELIS, 2009)

**Bobonaro:** Localizado na zona ocidental do país, junto à fronteira com a Indonésia. Possui 92.084 habitantes (Censos 2010) e uma área de 1.368 km<sup>2</sup>. A sua capital é a cidade de Maliana que fica a 149 km para sudoeste de Díli, a capital do país. O distrito de Bobonaro é idêntico ao concelho do mesmo nome do tempo do Timor Português que, na época, tinha capital na Vila Armindo Monteiro, hoje chamada Bobonaro. O distrito inclui os subdistritos de Atabae, Balibó, Bobonaro, Cailaco, Lolotoi e Maliana. (DIVISÕES, 2015).

**Cartonagem:** Encadernação em cartão (MICHAELIS, 2009).

A cartonagem é uma técnica que possibilita a confecção vários objetos utilitários e decorativos. Usando como base o papel cartão cinza, de gramaturas variadas e cola branca. A forração dos projetos pode ser tanto em papel quanto em tecido.

(em: <http://blog.vitrinedoartesanato.com.br/2011/03/o-que-e-cartonagem.html> acesso em 3 de setembro de 2015)

**Conjunto:** coletivo de pedaços cortados necessários para confeccionar uma peça.

**Cova Lima:** Localizado na zona ocidental do país, junto à fronteira com Indonésia. Possui 59.455 habitantes (Censos 2010) e uma área de 1.226 km<sup>2</sup>. A sua capital é a cidade de Suai que fica a 138 km para sudoeste de Díli,

a capital do país. O distrito de Cova Lima inclui os subdistritos de Fatululique, Fatumean, Fuorém, Mape-Zumulai, Maucatar, Suai e Tilomar. (DIVISÕES, 2015)

**Dili:** Localizada na costa norte da ilha de Timor que confina, a nascente, com o distrito de Manatuto, a sul com Aileu, a poente com Liquiçá e a norte com o Mar de Savu; integra também a ilha de Ataúro, localizada frente à cidade de Dili. Possui 234.026 habitantes (Censos 2010) e uma área de 372 km². É o distrito mais pequeno do país. A sua capital é a cidade de Dili que é também a capital de Timor-Leste. O distrito de Dili é idêntico ao concelho do mesmo nome do tempo do Timor Português que chegou a incluir o concelho (hoje distrito) de Aileu. O distrito de Dili inclui actualmente os subdistritos de Ataúro, Cristo-Rei, Dom Aleixo, Nainfeto, Metinaro e Vera Cruz (DIVISÕES, 2015).

**Distritos:** Em termos administrativos, Timor-Leste encontra-se dividido em 13 distritos: Bobonaro, Liquiçá, Dili, Baucau, Manatuto e Lautém na costa norte; Cova-Lima, Ainaro, Manufahi e Viqueque, na costa sul; Ermera e Aileu, situados no interior montanhoso; e Oecussi-Ambeno, enclave no território indonésio. Os actuais 13 distritos de Timor-Leste mantêm no essencial os limites dos 13 concelhos existentes durante os últimos anos de administração Portuguesa. Cada um destes distritos possui uma cidade capital e é formado, por sua vez, por subdistritos, variando o número destes entre três e sete, numa média de cinco subdistritos por distrito. Em termos demográficos, é o distrito de Dili que concentra apresenta maiores valores totais e Aileu é o distrito com menos população, muito embora possua uma área superior ao dobro da de Dili. (DIVISÕES, 2015). Porém o uso corrente de “distritos” em Díli, é de localidades fora de Díli. (DIVISÕES, 2015).

**Duir:** Urdume do *tais*.

**Ermera:** Localizado na zona central do país. Possui 117.064 habitantes (Censos 2010) e uma área de 746 km². A sua capital é a cidade de Gleno que fica 58 km a sudoeste de Díli, a capital do país. O distrito de Ermera inclui os subdistritos de Atsabe, Ermera, Hatólia, Letefuó e Railaco. Entre outras culturas agrícolas, Ermera distingue-se como uma das zonas de cafezais de excelência do país. (DIVISÕES, 2015).

**Etiqueta:** Pedaco de papel gomado com inscrição ou impressão apropriada, colado sobre mercadorias ou seu invólucro, para indicar conteúdo, procedência, uso, preço; rótulo (MICHAELIS, 2009).

**Futus :** Tipo de tingimento de linhas, que lembra o processo de Tie Dye.

**Malae:** Estrangeira ou estrangeiro em tétum.

**Mana:** “forma de tratamento para se referir as mulheres” (ALBUQUERQUE, 2011: 13).

**Maun:** “forma de tratamento para irmão ou amigo mais velho” (ALBUQUERQUE, 2011: 13).

**Mikrolet:** Transporte coletivo em Díli, uma espécie de van.

**Molde:** Modelo pelo qual se talha alguma coisa (MICHAELIS, 2009)

**Patchwork:** Diz-se do tecido feito de retalhos de tecidos variados, costurados entre si, ou estampado imitando esses retalhos (MICHAELIS, 2009).

O patchwork é uma técnica que envolve o ofício de unir retalhos variados, compondo diversas misturas de colorações, formatos e design. Esta expressão, traduzida literalmente para o português, significa ‘trabalho com retalhos’ ou como popularmente se conhece, ‘colcha da vovó’.

(em: <http://www.infoescola.com/artes/patchwork/> acesso em 3 de setemo de 2015).

**Ponto-cruz:** (*Ponto de cruz*) ponto do bordado em que o desenho é reproduzido por uma série de cruzinhas (MICHAELIS, 2009).

**Obralan:** Local de venda roupas usadas.

**Oecussi-Ambeno:** Localizado na costa norte da metade ocidental da ilha de Timor, constituindo um enclave de Timor-Leste, uma vez que está separado do resto do país pela província indonésia de Timor Oeste, que rodeia o pequeno enclave por todas as direcções, excepto a norte, onde é banhado pelo Mar de Savu. Oecussi-Ambeno é uma palavra composta com os nomes dos dois reinos originais que formam o actual distrito. O território tem 64.025 habitantes (Censos 2010) e tem área de 815 km<sup>2</sup>. A capital é a cidade de Pante Macassar que, no tempo dos portugueses, era conhecida como Vila Taveiro. O distrito de Oecussi-Ambeno é idêntico ao concelho de Oecússi do tempo do Timor Português, a última circunscrição timorense a ser elevada a concelho em Agosto de 1973, e inclui os subdistritos de Nitibe, Oesilo, Pante Macassar e Passabe. (DIVISÕES, 2015)

**Ordem:** Pedido, encomenda.

**Retalho:** Resto de fazenda que, nas lojas, sobra de uma peça, e geralmente é vendido a preço reduzido (MICHAELIS, 2009).

**Sarong:** tecido indonésio, usado inteiro, sem costura ou corte, era amarrado como parte de baixo de vestimenta, de forma equivalente a uma saia.

**Salenda:** Espécie de xale usado pelas mulheres malaias e também pelos homens, em Timor (MICHAELIS, 2009).

**Suai:** capital do distrito de Cova Lima.

**Suco:** A menor divisão administrativa de Timor-Leste é o suco, que pode ser composto por uma ou mais aldeias.

**Suku:** Verbo costurar em tétum.

**Tais:** Pano de algodão, com que os guerreiros indígenas de Timor cobrem o corpo, desde a cintura ao joelho (MICHAELIS, 2009).

**Taibesi:** Bairro em Díli

**Tapestry:** Tipo de bordado feito diretamente ao *tais* durante a tecelagem.

**Tear:** Máquina destinada a tecer fios, transformando-os em pano (MICHAELIS, 2009)

**Tempeh:** Tal como o tofu, o tempeh é outro produto feito a partir do feijão de soja. Na produção do tempeh os feijões de soja são descascados, demolhados e cozidos. Em seguida, são arrefecidos e inoculados com um bolor (*Rhizopus*), que faz fermentar o preparado. Da fermentação dos feijões de soja resulta a pasta chamada tempeh. (Em: <http://www.centrovegetariano.org/Article-17-Sobre%2Bo%2Btempeh.html>, acesso dia 3 de setembro de 2015)

**Tétum:** (teto) Uma das línguas faladas em Timor (MICHAELIS, 2009).

**Tie dye:** O termo em inglês *tie-dye* quer dizer atar e tingir, simplesmente, já indicando o movimento de funcionamento desta técnica de estampa por reserva. Os processos do Tie-dye podem consistir em amarrar, dobrar, prensar ou costurar o tecido, definindo-se as áreas a serem reservadas dos tingimentos que podem ser feitos úmido sobre úmido. (Em: <http://www.eba.ufrj.br/estamparia/tie-dye.html>, acesso em 3 de setembro de 2015).

**Timor Aid:** ONG. Organização para desenvolvimento local. Slogan: *working together with the people of Timor-Leste*

**Trama:** Em um tecido, fios que se cruzam no sentido transversal da peça, cruzados pelos da urdidura. (MICHAELIS, 2009)

**Urdume:** (*urdidura. Var: ordume.*) Série de fios estendidos longitudinalmente em tear e através dos quais é depois lançada a trama. (MICHAELIS, 2009)

**Usos e costumes:** categoria empírica nativa que se refere a trocas rituais de bens na esfera e regime de dádiva.

**Vencimento :** Pagamento, salário.

**Vila Verde:** Bairro em Díli.

**Workshop:** Evento realizado pela Alola para as mulheres do distrito.

## **Lista de siglas**

ARMT - Arquivo Museu Resistencia Timorense

UNTL - Universidade Nacional Timor Lorosa'e

UNB – Universidade de Brasília

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DAN – Departamento de Antropologia da UnB

FASPOL - Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da UNTL

MEC – Ministério da Educação

PET - Programa de Ensino Tutorial

SOL - Departamento de Sociologia da UnB



## **Referências Bibliográficas**

**ALBUQUERQUE**, Davi Borges. **2011**. O elemento luso-timorense no português de Timor Leste. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011.

**APPADURAI**, Arjun, **2008**. A vida social das coisas. In: APPADURAI, Arjun, A vida social das coisas. Niterói: Eduff, 2008.

**DIVISÕES Administrativas**. Timor Leste. Acesso em 03 de setembro de 2015.

Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/?p=91&lang=pt>

**GEERTZ**, Clifford. **2001**. A Nova Luz sobre a Antropologia. Jorge Zahar Editora Ltda, Rio de Janeiro.

**GEERTZ**, Clifford. **1978**. The Bazaar Economy: Information and Search in Peasant Marketing. *The American Economic Review*, Vol. 68, No. 2, Papers and Proceedings of the Ninetieth Annual Meeting of American Economic Association (May, 1978), pp. 28-32.

**GOLDENBERG**, Miriam. **2003**. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 2003

**GURAN**, Milton. **2000**. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 10 (1): 155-165,

**HOWARD**, Becker. **1993**. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais, Editora Hucitec, São Paulo, 1993.

**HUMPHREY**, Caroline & **HUGH-JONES**, Stephen. **1992**. "Introduction: Bate, exchange and value" In: Humphrey, Caroline & Hugh-Jones, Stephen (ed.) *Barter, Exchange and value: an anthropological approach*. Cambridge, Cambridge University Press.

**KOPYTOFF**, Igor. **2008**. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun, A vida social das coisas. Niterói: Eduff, 2008.

**MANKIW**, N. Gregory. **2009**. Introdução à economia. São Paulo: Editora Cengage Learning,

5ª edição, 2009.

**MARX**, Karl,. **1983**. O capital: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

**MAUSS**, Marcel. **2003**. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

**MICHAELIS** Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. **2009**. Editora Melhoramentos Ltda. 2009 UOL. Acesso em 3 de setembro de 2015.

Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>

**PEIRANO**, Mariza. **2008**. Etnografia ou a teoria vivida. Revista Ponto Urbe, ano 2, v.2, pp.1-10

**PEIRANO**, Mariza. **2014**. Etnografia não é Método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez.

**ROCHA**, Everardo P. Guimarães. **2011**. Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

**SILVA**, Kelly Cristiane da. **2008**. A cooperação internacional como dádiva: algumas aproximações. *Mana* [online]. 2008, vol.14, n.1, pp. 141-171.

**SILVA**, Kelly Cristiane da. **2012**. As Nações Desunidas, Práticas da ONU e a Estruturação do Estado em Timor-Leste. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

**SILVA**, Kelly Cristiane da. **2014a**. O governo *da e pela kultura*. Complexos locais de governança na formação do Estado em Timor-Leste, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 104 | 2014, 123-150.

**SILVA**, Kelly Cristiane da. **2014b**. Mulheres no Timor Português às vésperas da ocupação indonésia: notas para um debate.

**SILVA**, Kelly Cristiane da. **2015**. Administrando pessoas, recursos e rituais. Pedagogia econômica como tática de governo em Timor-Leste.

**SILVA**, Kelly Cristiane da ; **SOUSA**, Lúcio. **2015** . Art, agency and power effects in East Timor: provocations. Cadernos de Arte e Antropologia, p. 3-16, 2015.

**SCHOUTEN**, Maria Johanna. **2011**. Tecedeiras e guerreiros: O estatuto da mulher no Sueste Asiático e a perícia artesanal no fabrico de têxteis Uma tradição em desaparecimento. I ICT | bHL | blogue de História Lusófona | Ano VI | Agosto 2011

**STRATHERN**, Marilyn. **2014**. O Efeito Etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

**WEBER**, Florence. **2002**. Práticas Econômicas e formas Ordinárias de Cálculo. *Mana* [online]. 2002, vol.8, n.2, pp. 151-182.

## Anexo I

### Mapa de Timor-Leste



Acesso em 02 de setembro 2015. Imagem disponível em: <http://www.asia-turismo.com/mapas/mapa/mapa-timor-leste.jpg>

### Mapa de Timor-Leste (representando variações do *tais* por distrito)



Acesso em 02 de setembro 2015. Imagem disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/?p=547>



## Anexo II

Algumas etiquetas coletadas no período da pesquisa setembro a dezembro de 2014.



Esta peça foi produzida no **Projeto Montanha** e toda a renda deste produto será revertida para programas com jovens timorenses e suas famílias.

*This object was produced at **Projeto Montanha** and all profits from this product will be donated to programs with young Timorese and their families.*

